



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

FÁBIO FIORE DE AGUIAR

**CARROSSEL DO MUNDO:**

POLÍTICA INTERNACIONAL E DEFESA HEMISFÉRICA NA  
REVISTA *O CRUZEIRO*, POR DREW PEARSON (1951-1954)

FÁBIO FIORE DE AGUIAR

**CARROSSEL DO MUNDO:**  
POLÍTICA INTERNACIONAL E DEFESA HEMISFÉRICA NA  
REVISTA *O Cruzeiro*, POR DREW PEARSON (1951-1954)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Arias Neto.

Londrina  
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

A282c Aguiar, Fábio Fiore de.

Carrossel do mundo : política internacional e defesa hemisférica na revista O cruzeiro, por Drew Pearson (1951-1954) / Fábio Fiore de Aguiar. – Londrina, 2015.  
106 f.: il.

Orientador: José Miguel Arias Neto.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Pearson, Drew, 1897-1969 – Teses. 2. Anticomunismo – Teses. 3. Nacionalismo – Teses. 4. Defesa hemisférica – Teses. 5. Política internacional – Teses. 6. História social – Teses. I. Arias Neto, José Miguel. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1:327

FÁBIO FIORE DE AGUIAR

**CARROSSEL DO MUNDO:**  
POLÍTICA INTERNACIONAL E DEFESA HEMISFÉRICA NA REVISTA  
*O Cruzeiro*, POR DREW (1951-1954)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Arias  
Neto  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Suzeley Kalil Mathias  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

---

Prof. Dr. Jorge Luiz Romanello  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 18 de maio de 2015

*“Quando se visitam as relíquias da antiga Roma ou se pensa no alto da Acrópole sobre as glórias da Grécia, assaltam-nos a questão da queda desses impérios e a ideia de que também o poder e a liderança dos Estados Unidos poderão desaparecer um dia”.<sup>1</sup>*  
(Drew Pearson)

*“O mercado livre revelou-se um instrumento inadequado para alcançar os objetivos que induziram sua criação: não condizia com a expansão das exportações, nem com o estímulo à imigração de capitais”.<sup>2</sup>*  
(Getúlio Vargas)

---

<sup>1</sup> Trecho em que Drew Pearson que denota sua preocupação com a Defesa Nacional dos Estados Unidos da América. O anticomunismo foi fundamental nas questões de Defesa Nacional dos EUA. O Cruzeiro. 25/07/1953, p.16.

<sup>2</sup> Discurso de Getúlio Vargas que demonstra o descompasso com a política de Washington. Seu apelo nacionalista é contrário à política liberal estadunidense. Discurso retirado da obra de: SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.168.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que abriu os caminhos permitindo que tudo isso acontecesse, dando-me saúde, paz e suporte, sempre que me encontrei em situações difíceis.

Agradeço ao meu orientador José Miguel Arias Neto não só pela constante orientação neste trabalho, pelo profissionalismo e competência, mas sobretudo pelas críticas mais contundentes, estas me ajudaram crescer. As vezes caíam como uma bomba atômica, mas foi juntando os cacos que me reconstruí como profissional. Agradeço sua amizade, prontidão e sinceridade. Fico realmente satisfeito e orgulhoso de ter sido orientado por você, obrigado Miguel. Quero expressar meu agradecimento ao professor Jorge Romanello, que me ajudou na escolha do recorte temático quando ainda Drew Pearson não era o enfoque principal desse trabalho. Ademais, agradeço também suas ótimas indicações bibliográficas que ajudaram a construir a narrativa sobre a revista *O Cruzeiro*, nesse trabalho. E a todos os professores que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, também registro meu muito obrigado. Gostaria também de expressar meus agradecimentos a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por prover auxílio financeiro necessário para o melhor desenvolvimento desta pesquisa durante o último ano.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram nas horas mais difíceis, agradeço por todos os sacrifícios que fizeram por mim, certamente me lembrarei para sempre. Agradeço em especial a minha mãe (Sônia), meu pai (Júlio) e minha irmã (Aline). Vocês, certamente, são os maiores responsáveis pela minha formação e tudo que conquistei e conquistarei por meio dela. Agradeço aos meus padrinhos, Jayme e Néia, por estarem sempre presentes influenciando em minha formação como homem.

Agradeço também a minha namorada (Karen), que dedicou seu tempo a mim, revisando meu trabalho, opinando e me apoiando sempre que necessário, deixo-lhe o meu carinho e meus agradecimentos. Você, Karen, tornou mais fácil os momentos que pareciam mais difíceis. Obrigado Ká.

Aos amigos mais próximos pelos anos de amizade e

companheirismo, em especial ao meu grande amigo Marcelo Donatti, que leu parte do trabalho e me ajudou em algumas traduções. Deixo a todos o meu muito obrigado.

AGUIAR, Fábio Fiore de. **Carrossel do Mundo**: política internacional e Defesa Hemisférica na revista *O Cruzeiro*, por Drew Pearson (1951-1954). 2015. 106 f. Dissertação de Mestrado em História Social – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2015.

## RESUMO

A revista *O Cruzeiro*, parte do conglomerado de mídias Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand, foi uma revista semanal ilustrada própria do segmento de variedades. Este trabalho tem como objetivo elaborar um estudo sobre a coluna de política internacional desta revista, chamada Carrossel do Mundo, escrita pelo jornalista norte-americano Drew Pearson, no período de 1947 a 1963. Esta coluna se manteve fixa na revista ao longo de mais de 15 anos, certamente Chateaubriand teria bons motivos para a manutenção desta coluna. Pretendemos analisar a hipótese de que essa coluna pôde ser uma tática de Assis Chateaubriand de apoio ao capital estrangeiro e ao livre mercado, dedicando a coluna de Drew Pearson como propagadora de ideias anticomunistas no Brasil, medida favorável ao projeto de Defesa Nacional dos EUA que pretendia conter o avanço da influência soviética. Nossa abordagem irá contrapor a ideia de Defesa Hemisférica Ocidental, que possui sua base sedimentada no anticomunismo, com o nacionalismo emanado do governo Vargas (1951-1954). Parece-nos fundamental também, identificar o lugar que esta revista ocupava na imprensa brasileira no período de 1951 a 1954, bem como discutir o colunismo durante o período tratado como gênero específico do jornalismo e identificar a posição e importância da coluna estudada dentro da revista *O Cruzeiro*.

**Palavras-chave:** Anticomunismo. Nacionalismo. Defesa Hemisférica.

AGUIAR, Fábio Fiore de. **Carrossel do Mundo: política internacional e Defesa Hemisférica na revista *O Cruzeiro*, por Drew Pearson (1951-1954)**. 2015. 106 p. Dissertation ( Master degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2015.

### ABSTRACT

The *O Cruzeiro* magazine, a part of Brazilian media conglomerate Diários Associados, owned by Assis Chateaubriand, was an illustrated weekly magazine. This project aims to analyse its world politics column, called Carrossel do Mundo, written by North American journalist Drew Pearson, from 1947 to 1963. This column was kept for approximately 15 years. Certainly, Chateaubriand had good reasons to maintain it. We intend to analyse the hypothesis that this column would be a Chateaubriand's tactic to support the foreign capital and the free trade, using Drew Pearson's column to spread ideas about anti-communism in Brazil, favourable measure to the US Department of Defence project to stop Soviet influence from boosting. Our approach will oppose the idea of Western Hemispheric Defence, which was based on the anti-communism, with the nationalism emanated by Vargas government (1951-1954). It's important for us to identify where this magazine was placed in the Brazilian press during 1951-1954, as well as discussing columns as a specific area of journalism and identifying the importance of writing columns in the *O Cruzeiro* magazine.

**Keywords:** Anti-communism. Nationalism. Hemispheric Defence.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Pesquisas
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
Office, Birô Interamericano	<i>Office of the Coordinator of Inter-American Affairs.</i>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> –	Progressão da Tiragem de <i>O Cruzeiro</i> .....	50
--------------------	--	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 –</b>	Publicações analisadas em <i>O Cruzeiro</i> .....	14
<b>Tabela 2 –</b>	A física e a produção de energia nuclear. (n° de matérias) .....	28
<b>Tabela 3 –</b>	Número de matérias citadas por ano .....	56
<b>Tabela 4 –</b>	Temas predominantes por ano .....	56

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 - A GUERRA FRIA, A QUESTÃO NUCLEAR E A MÍDIA</b> .....	18
<b>CAPÍTULO 2 - A MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA E A REVISTA O CRUZEIRO</b> .....	37
<b>O Cruzeiro e a modernização da imprensa: a mudança de paradigma no jornalismo brasileiro</b> .....	37
<b>O corpo editorial de O Cruzeiro</b> .....	43
<b>O Fotojornalismo</b> .....	48
<b>CAPÍTULO 3 - CARROSSEL DO MUNDO: O “VAI E VEM” DA POLÍTICA INTERNACIONAL E O CONTEXTO BRASILEIRO</b> .....	51
<b>O Anticomunismo de Drew Pearson</b> .....	57
<b>A Defesa Hemisférica e o internacionalismo</b> .....	68
<b>O Brasil e o nacional-desenvolvimentismo (1951-1954)</b> .....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	86
<b>ANEXOS</b> .....	91
<b>ANEXO A - Drew Pearson em destaque na matéria “Valor da imprensa nos Estados Unidos”. <i>O Cruzeiro</i>. 19/08/1950</b> .....	92
<b>ANEXO B - Índice da revista <i>O Cruzeiro</i>. 30/12/1950</b> .....	93
<b>ANEXO C - “Um Fato em Foco” ao lado da coluna “Carrossel do Mundo”. <i>O Cruzeiro</i>. 24/11/1951</b> .....	94
<b>ANEXO D - CARROSSEL DO MUNDO – 06-01-1951</b> .....	95
<b>ANEXO E - CARROSSEL DO MUNDO 05-01-1952</b> .....	98
<b>ANEXO F - CARROSSEL DO MUNDO 03-01-1953</b> .....	101
<b>ANEXO G - CARROSSEL DO MUNDO 02-01-1954</b> .....	104

## INTRODUÇÃO

Lançada na prestigiada revista *O Cruzeiro* a coluna “Carrossel do Mundo” estreia em 1947, sendo a sessão responsável por tratar a política internacional nesse periódico. O jornalista estadunidense Drew Pearson, que já era conhecido do público brasileiro em decorrência da “Política de Boa Vizinhança” nos tempos da Segunda Guerra, foi o responsável por assinar essa coluna. À época dos esforços coletivos entre Brasil e Estados Unidos durante a guerra, Pearson juntamente com Bob Allen, possuíam um programa de rádio que divulgava propagandas favoráveis a Defesa Hemisférica<sup>3</sup> na América Latina. Àquela época o inimigo que justificou a proximidade entre Brasil e Estados Unidos foi o fascismo europeu. Entretanto, posto termo a Segunda Guerra, erguia-se um novo inimigo do Ocidente, com o qual os Estados Unidos passariam a medir forças nas próximas décadas.

O comunismo sustentado pela URSS passaria a ocupar posição central na recém-criada pasta da Secretaria da Defesa dos Estados Unidos, por conseguinte as relações Hemisféricas esfriariam e a atenção dos Estados Unidos seria voltada para a Europa a fim de assegurar que os países arrasados na guerra não se voltassem para a URSS.

As relações entre Brasil e Estados Unidos durante o governo democrático de Getúlio Vargas (1951-1954) passaram por vicissitudes que assomadas a uma crise interna no país culminaram no suicídio do Presidente Getúlio Vargas. Em meio a esse contexto, analisaremos a imprensa como propagadora da ideologia anticomunista no Brasil, sendo a coluna “Carrossel do Mundo” nosso objeto de pesquisa. Como procuraremos expor, Assis Chateaubriand, proprietário do veículo de mídia em que a coluna circulava, era um liberal convicto, tendo seu posicionamento político em relativa harmonia com as publicações de Drew Pearson.

Para esta análise pretendemos contrapor a ideia de Defesa Hemisférica Ocidental, com o nacionalismo emanado do governo democrático de Vargas. A questão da Defesa Hemisférica está pautada pelo anticomunismo, que terá na imprensa importante instância de apoio. Enquanto o nacionalismo do

---

<sup>3</sup> Tomaremos por Defesa Hemisférica à defesa das américas, em todo o trabalho.

governo Vargas foi responsável por medidas que desagradaram à política anticomunista e liberal de Washington. Daí o conflito entre a política exterior desses dois países.

Contrapor o discurso veiculado na coluna “Carrossel do Mundo” ao governo Vargas é, em grande medida, tratar dos projetos nacionais de desenvolvimento econômico, político e social que perpassaram por esse governo.

No primeiro capítulo discorreremos sobre o contexto da Guerra Fria, as relações entre Brasil e Estados Unidos, a questão nuclear e a forma como a mídia se posiciona perante esses temas. No segundo capítulo trataremos da modernização da imprensa brasileira, da influência recebida pela imprensa norte-americana, e analisaremos a programação da revista *O Cruzeiro*, bem como a forma que esta revista se tornou vanguarda da imprensa brasileira. Ficando o terceiro capítulo reservado para a análise da coluna “O carrossel do mundo”, do jornalista estadunidense Drew Pearson. Neste último capítulo iremos contrapor o discurso anticomunista de sua coluna, com o nacionalismo do governo Vargas. Traremos à discussão a forma peculiar que Drew Pearson abordava o anticomunismo, conferindo-lhe um caráter mercadológico, como também político na conquista de espaços na política institucional.

Para a construção deste trabalho foram consultados todos os exemplares da revista *O Cruzeiro* do período de 1951 a 1954 até a morte de Vargas. Como as publicações da coluna chegavam ao Brasil com 20-30 dias de atraso, consultamos as publicações da coluna até a primeira semana de outubro, um mês após a morte de Vargas, embora não tenhamos encontrado nenhuma menção a morte do presidente. Juntos somam um total de 196 exemplares consultados, número também correspondente às publicações da coluna “Carrossel do Mundo”, que contam com uma publicação por edição. A leitura feita da coluna foi linear e cronológica e destacadas no trabalho as publicações que mais evidenciavam o jornalismo de Drew Pearson e sua posição anticomunista.

**Tabela 1 –** Publicações analisadas em *O Cruzeiro*.**Total de edições do período**

<b>Ano</b>	<b>Total</b>
1951	53
1952	52
1953	50
1954	41
<b>Total Geral</b>	<b>196</b>

## CAPÍTULO 1 - A GUERRA FRIA, A QUESTÃO NUCLEAR E A MÍDIA

Em 1955 o Almirante Álvaro Alberto Mota e Silva participava de uma reunião no Conselho Nacional de Economia, em busca de convencer os membros do conselho da necessidade de investimento no recém-criado Conselho Nacional de Pesquisas, presidido por ele. Argumentava o Almirante que “antigamente as coisas se resolviam com arcabuz em Guararapes, mas hoje elas se resolvem nos silêncios dos laboratórios, nos Conselhos de Economia e nos Conselhos de Pesquisas (MOTA E SILVA 1955, p.20-21) <sup>4</sup>”. Certamente a ciência adquiria centralidade nas questões de Defesa, mas não mencionou Mota e Silva, que existem outras armas também, que dentro das redações de jornais e revistas existem homens lutando com outro tipo de arma, lutando com palavras.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, EUA e URSS emergem como as duas grandes potências globais. Estas duas superpotências adotam uma paz relativa, o período da Guerra Fria. Este termo foi popularizado por Walter Lippmann, especialista norte-americano em assuntos internacionais, para designar as relações entre Estados Unidos e União Soviética (FENELON 1983, p.91). Foi em 1947 que Bernard Baruch empregou, pela primeira vez, a expressão “a guerra fria”. Algumas semanas mais tarde, Walter Lippman utilizou-a novamente por sua própria conta. Ela caracterizava um antagonismo entre potências incapazes de alcançar uma paz verdadeira, mas ansiosas por não se precipitar em um conflito do tipo clássico (DELMAS 1979, p.33). O historiador Eric Hobsbawm expõe sobre esse período:

A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, “a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida” (HOBSBAWM 1995, p.224).

---

<sup>4</sup> Notas taquigráficas da reunião no Conselho Nacional de Economia, em que compareceu o presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, Almirante Álvaro Alberto Mota e Silva. Esta documentação foi levantada no Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST.

No pós-guerra a divisão da Alemanha e da maior parte da Europa foi onde se deu a origem da chamada Guerra Fria, sendo possível dizer que este conflito foi a manutenção de um estado de guerra por outros meios que não o estado de beligerância declarado (FENELON 1983, p.38-39). Ou nas palavras de Claude Delmas, “Um período da história do mundo originário da Segunda Guerra Mundial e um novo estado de relações entre a beligerância e a não-beligerância. Ela não é a paz, porém não é também a guerra (1979, p.21).

A disputa entre socialistas e capitalistas se estendeu por diversas áreas, entre elas o jornalismo. O temor do confronto nuclear entre estas duas potências rendeu páginas e páginas por periódicos de todo o mundo. “Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade” (HOBSBAWM 1995, p.224). Escrever sobre política internacional era tratar dessa tensão, ao passo que a imprensa passa a exercer função fundamental nesse embate.

Nossa pesquisa tem como fonte a coluna “Carrossel do mundo” escrita pelo jornalista norte-americano Drew Pearson, na revista *O Cruzeiro*. Esta coluna dedicada à política internacional foi publicada em *O Cruzeiro* de 1947 a 1963, mantendo-se fixa por mais de 15 anos ininterruptamente. Pretendemos analisar a hipótese de que a manutenção desta coluna na revista pôde ser uma tática de Assis Chateaubriand de apoio ao capital estrangeiro, servindo a coluna de Drew Pearson como propagadora de ideias anticomunistas no Brasil, medida favorável ao projeto de Defesa Nacional dos EUA que pretendia conter o avanço da influência soviética no mundo. Abordaremos essa questão contrapondo a ideia de Defesa Hemisférica Ocidental, que possui sua base sedimentada no anticomunismo, com o nacionalismo emanado do governo Vargas (1951-1954), período em que as contradições entre concepções nacionalistas e os interesses norte-americanos ganharam mais evidência no cenário político.

Andrew Russell Pearson, mais conhecido como Drew Pearson, foi um jornalista norte-americano nascido em 1897 e falecido em 1969. Conhecido por sua polêmica coluna *Washington Merry-Go-Round*, na qual juntamente com Bob Allen, atacavam personalidades públicas e criavam polêmicas. Pearson era conhecido por sua militância anticomunista, foi um dos maiores polemistas da América. De acordo com uma publicação em *O Cruzeiro*, nomeada de “O Valor da

Imprensa nos Estados Unidos”<sup>5</sup>, “Drew Pearson era um dos jornalistas mais lidos nos Estados Unidos, publicando sete dias por semana em sua coluna”. Pearson publicou em *O Cruzeiro* por quase 17 anos, no entanto “convém ressaltar que, antes de publicar seus artigos na revista, Drew Pearson discutia as questões internacionais na *Folha da Manhã*, na seção intitulada *Carrossel de Washington*” (SOTANA 2010, p.65).

No Brasil, o período em que a coluna é publicada é conhecido como “experiência democrática”, o que se deve ao retorno à normalidade institucional conseguida após o fim do Estado Novo e com a elaboração da Constituição de 1946, durante o governo Dutra. O ano de início da coluna é 1947, quando

os Estados Unidos, baseados no princípio da Doutrina Truman – oferecer ajuda econômica e militar aos países ameaçados pelo comunismo –, puseram em ação o Plano Marshall, que consistia em ajuda econômica e técnica para a reconstrução dos países atingidos pela guerra. Com essa atitude os americanos conseguiram inúmeros aliados internacionais e fizeram frente ao crescimento do socialismo, visto como um perigo a ameaçar a segurança de sua posição mundial (RODRIGUES 1992, p.10).

É também o ano de 1947 que marca o início da Guerra Fria, quando Churchill declara em seu famoso discurso, que existe uma “cortina de ferro” entre os países ocidentais e a URSS. Também é o ano do fechamento do Partido Comunista Brasileiro (maio), e também o ano em que o Brasil rompe as ligações diplomáticas com a URSS (outubro)<sup>6</sup>. Portanto o início da publicação da coluna “Carrossel do Mundo”, é em um ano icônico.

De 1947 a 1963, período que a coluna se estende, muitos governos determinaram a política do país, e o “Carrossel do Mundo” de Drew Pearson continuava a ser publicado por Chateaubriand. Após o fim da Segunda Guerra Getúlio Vargas deixa o poder e Eurico Gaspar Dutra assume a presidência. Vargas manteve-se afastado da política nacional até fevereiro de 1950, quando concedeu

---

<sup>5</sup> O Cruzeiro. 19/08/1950, p. 24-25. Título: O valor da imprensa nos Estados Unidos, autoria de Claude McKnight. Na reportagem a primeira imagem, quase de página inteira, é de Drew Pearson, enquanto outros seis famosos jornalistas dos Estados Unidos, incluindo Walter Lippman, espreguem-se na página ao lado. O artigo elogia a imprensa dos Estados Unidos e Pearson aparece entre os grandes jornalistas dos EUA. Ver anexo A.

<sup>6</sup> O Brasil rompeu ligações diplomáticas com a URSS antes mesmo dos EUA. Sobre este rompimento e o fechamento do Partido Comunista brasileiro no governo Dutra, ver: REZENDE, Renato Arruda de. 1947, O ano em que o Brasil foi mais realista que o Rei. O fechamento do PCB e o rompimento das relações Brasil-União Soviética.

uma entrevista a Samuel Wainer, publicada nos Diários Associados, nela Getúlio afirmava: “Eu voltarei” (RODRIGUES 1992, p.44). Vargas retornava, fora eleito pelo povo e em seus braços voltava ao poder, “bota o retrato de velho outra vez, bota no mesmo lugar. O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar”<sup>7</sup>, cantava a marcha de carnaval. Muitos foram os eventos que perpassaram a duração da Coluna de Drew Pearson, Vargas se suicida e seu vice Café Filho assume a presidência, Juscelino Kubistchek e seu plano de metas, Janio Quadros e por fim João Goulart. A coluna deixa de ser publicada pouco antes do golpe militar de 1964, Pearson morre em 1969. Notemos também que a data de encerramento da coluna, também é icônica. Ambos os marcos – início da Guerra Fria e Golpe Militar de 1964 – são extremamente significativos.

O Brasil esteve durante este tempo alinhado politicamente aos Estados Unidos que, após a eleição de Franklin Delano Roosevelt em 1933, romperam com a política do Big Stick e passaram a empreender a política de boa vizinhança, iniciada no governo Hoover.

Os Estados Unidos tinham abandonado sua política de intervenção na América Latina; reconheciam a igualdade jurídica entre todas as nações do continente; aceitavam a necessidade de consultas periódicas para resolver os problemas que surgissem entre as repúblicas; e concordava em cooperar por todos os meios para o bem-estar dos povos da América (MOURA 1986, p.17).

Devido à afinidade que os nacionalismos autoritários da América Latina guardavam com os fascismos europeus, os Estados Unidos criaram um órgão para administrar essa relação com a América Latina.

O governo Roosevelt criou no dia 16 de agosto de 1940 um Birô destinado a coordenar os esforços dos Estados Unidos no plano das relações econômicas e culturais com a América Latina. Chefiado pelo jovem Nelson Rockefeller, essa superagência chamou-se a princípio Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between

---

<sup>7</sup> Marino Pinto e Haroldo Lobo, “Retrato do Velho”, gravada por Francisco Alves em 1950.

the American Republics. Um ano mais tarde, o nome foi simplificado para Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, pelo qual ficou conhecido até o final da guerra. Esse Birô encerrou suas atividades em 1946, mas alguns de seus projetos subsistiram até 1949 e muitas de suas atividades tornaram-se parte rotineira das tarefas da Embaixada americana (MOURA 1986, p.20).

Nelson Rockefeller foi um grande aliado de Chateaubriand, durante o tempo que permaneceu como chefe do Birô Interamericano<sup>8</sup> a proximidade entre os dois resultou em uma grande amizade. O dono dos Diários Associados aprendera desde muito jovem o valor de amizades influentes. O Birô era uma agência ligada à segurança nacional dos Estados Unidos e seus esforços de fortalecimento dos laços de solidariedade entre as Américas se faziam no interesse da defesa nacional de seu país (MOURA 1986, p.22). Chateaubriand sempre advogou em causa do capital estrangeiro<sup>9</sup>, portanto a amizade deste homem e de seu império de papel era, possivelmente, questão de segurança nacional dos Estados Unidos.

O Birô Interamericano atuava em diversas áreas, “o conjunto das atividades do Birô era considerado um *front* da guerra: o *front* comercial, político e psicológico” (MOURA 1986, p.23). Assim, a imprensa era uma via fundamental o que alavancava a importância dos veículos de mídia dos Diários Associados. “A operação “divulgação de notícias” se fazia em duas direções: havia notícias dos Estados Unidos no Brasil e notícias do Brasil nos Estados Unidos” (MOURA 1986, p.34).

Na segunda metade de 1940, por exemplo, a Blue Network, da NBC, começou a transmitir, diretamente de Washington, D.C., um programa patrocinado pelo governo brasileiro. Tratava-se do noticiário *News of the World* ou *Evening News*, de Drew Pearson e Bob Allen, que durante quinze minutos, em horário nobre (a partir das sete da noite), fazia análises políticas. A dupla de jornalistas era bastante familiar ao ouvinte norte-americano: os dois publicavam a coluna *Washington Merry Go Round*, que saía em “mais de

---

<sup>8</sup> Para fins de nomenclatura, de acordo com Antônio Pedro Tota: A agência foi criada em 1940, sob o nome de *Office for the Coordination of Commerce and Cultural Relations between the American Republics*, que em 1941 mudou seu nome para *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* e, em 1944, passou a chamar-se *Office of Inter-American Affairs*, foi finalmente extinta por um ato do presidente Harry Truman, em maio de 1946. Já Gerson Moura prefere simplificar e chamar esta agência de Birô Interamericano, ou simplesmente Birô. Desta forma tanto o uso do termo Birô, como *Office* referem-se à mesma agência.

<sup>9</sup> Esta afirmação pode ser vista também de forma literal. Formado em direito, Chateaubriand defendeu como advogado as empresas do empresário norte-americano Percival Farquhar. Sobre a vida de Assis Chateaubriand ver: MORAIS, Fernando. *Chatô o Rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

seiscentos jornais americanos”, como se anunciava na apresentação, diariamente, sempre da mesma forma: “*This is Drew Pearson and this is Bob Allen, speaking from Whashington*”. As notícias eram as mais variadas: rumores de que Rudolf Hess havia sido morto; uma viagem secreta do presidente Roosevelt; a visita do embaixador Joseph Kennedy a Hearst, o magnata da imprensa (TOTA 2000, p.108).

Na América Latina o Brasil era o país de maior destaque, tido pelos americanos como maior aliado na América, “O Bom Vizinho”. Talvez em razão de sua extensão territorial, população e riquezas naturais, os Estados Unidos da América – através do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* – faziam real esforço na política de “Boa Vizinhança”, sendo o rádio uma importante ferramenta. O Brasil aparecia com mais destaque no noticiário. O próprio presidente Roosevelt mandava uma bem-humorada mensagem ao seu “*largest neighbor that is standing shoulder to shoulder with the United States*”<sup>10</sup>. A importância do Brasil e de seus produtos para os Estados Unidos era sempre enfatizada. Se os Estados Unidos precisavam dos produtos brasileiros o Brasil, dizia Drew Pearson, necessitava de produtos manufaturados americanos. O ouvinte americano ficava, nessa época, com a clara impressão de que a cooperação entre Estados Unidos e Brasil era absolutamente indispensável para a salvaguarda do hemisfério ocidental, diante da ameaça nazista. De forma bastante simples e rápida – adequada à própria estrutura de um radiojornal -, os jornalistas se dirigiam um ao outro, representando um diálogo bastante informal: “[...] *you know Drew. Singapore is threatened by Japan*”. “*Yes, Bob, I realized that and I’ll predict [...]*”<sup>11</sup> Na sequência entrava um comercial: “Sempre que você tomar um café brasileiro, você estará comprando a Política da Boa Vizinhança. Compre café brasileiro... se você for a favor da Política da Boa Vizinhança” (TOTA 2000, p.109).

O *Office* atacava o *front* cultural e político também por meio de panfletagem, como nos mostra Gerson Moura:

Além de atuar na imprensa brasileira, a Divisão de Informações do Birô dedicava-se a outras atividades de divulgação. Publicava e distribuía séries de folhetos, entre os quais um se mostrou particularmente bem-sucedido. Intitulava-se “Em Guarda” e sua distribuição média na América latina alcançava 500000 exemplares

<sup>10</sup> Tradução livre: “O maior vizinho que está em pé ombro a ombro com os Estados Unidos”.

<sup>11</sup> Tradução livre: “Eu sei Drew. Singapura está ameaçada pelo Japão. Sim, Bob. Eu percebi isso e vou prognosticar”.

mensais. Só em 1943 no Brasil foram distribuídas 658360 cópias desse folheto, cada cópia alcançando em média 5 leitores, de acordo com o próprio Birô (1986 p.35).

Foram detectadas pelo trabalho de Aline Locastre<sup>12</sup> quatro tipos de reportagem que se repetiam na revista *Em Guarda*. O primeiro tema identificado tratou principalmente sobre a mobilização do Brasil na Guerra. O segundo tratava sobre as riquezas naturais brasileiras que serviam para a indústria bélica e assim auxiliavam na vitória Aliada no *front*. Outro assunto encontrado versava sobre as maiores cidades do Brasil, sobre a infraestrutura e arquitetura moderna das metrópoles brasileiras. Por fim, um último tema detectado trata do apoio não apenas governamental para a união entre as Américas, mas também intelectual e artístico (2012, p.106).

O Brasil era alvo prioritário da revista *Em Guarda* na América do Sul, pois seria uma catástrofe um território das proporções do Brasil se aliar aos fascismos europeus. A propaganda era tanta, os esforços da imprensa tão grandes que em 1942 já estávamos inundados de jornalistas, radialistas, editores e professores norte-americanos, o que levou o ministro Osvaldo Aranha à tirada bem-humorada de que “mais uma missão de boa vontade e declaramos guerra aos Estados Unidos!” (MOURA 1986, p.49). Mesmo com o fim das atividades do Birô em 1946, a política de “boa vizinhança” ainda seguiu pela década de 1950, divulgando no Brasil o chamado “*American way of life*”.

Não foi apenas na esfera cultural que o Brasil recebeu influência dos Estados Unidos. A Guerra Fria trouxe uma valorização à ciência que a alçou ao nível de Segurança Nacional, o que de certo ocorreu pelo advento das armas atômicas. Após a demonstração de seu poder em Hiroshima e Nagasaki a ciência se torna setor estratégico, como exposto pelo Almirante Álvaro Alberto Mota e Silva, ao então presidente Eurico Gaspar Dutra<sup>13</sup>:

---

<sup>12</sup> V. LOCASTRE, Aline. PROJEÇÃO DO BRASIL PARA O PÓS-GUERRA: A ‘Boa Vizinhança’ estadunidense no Brasil segundo a revista ‘Em Guarda’ (1941-1945). Londrina: UEL, 2012. Dissertação de mestrado.

<sup>13</sup> Esta documentação foi levantada no Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST. Localizado no Rio de Janeiro, Rua General Bruce, 586.

Todos os países vanguardistas da civilização procuram dar o máximo desenvolvimento à cultura, incrementando a ciência, a Técnica e a Indústria, como base de seu progresso e de seu prestígio. Para comprová-lo bastaria um simples relance de olhos sobre o que se tem registrado mormente sob o agulhão da guerra, em todas as épocas e em todas as nações cultas (MOTA E SILVA 1949, p.2).

As possibilidades da utilização energia nuclear e principalmente o desejo de possuir armas atômicas alçam a ciência a esfera das grandes preocupações da nação. “A fundação da indústria da energia atômica avulta entre os objetivos colimados, indústrias subsidiárias já existem algumas, e outras dependem da formação de técnicos e das possibilidades econômico-financeiras (MOTA E SILVA 1949, p.2)”. A energia atômica se sobressai ante todas as ciências, sendo o domínio sobre a energia atômica questão de segurança nacional.

Episódio importante nesta busca pelo desenvolvimento de armas atômicas foi a famosa Carta Einstein-Szilárd enviada em dois de agosto de 1939 ao então presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Delano Roosevelt. Esta carta alertava o Presidente Roosevelt que a Alemanha Nazista estava pesquisando a fissão nuclear e que estas pesquisas poderiam ser usadas para a criação de bombas atômicas. “Este novo fenômeno poderia conduzir também à construção de bombas, e é concebível - ainda que com menor certeza – que possam construir bombas de um novo tipo extremamente poderosas<sup>14</sup>”. O alerta de Einstein e Szilárd sobre os avanços das pesquisas de Joliot e Fermi se mostrou verdadeiro, resultando na produção da bomba atômica americana, lançada sobre Hiroshima e Nagasaki.

Nos cinquenta anos anteriores a Segunda Guerra à ciência havia recebido forte impulso, decorrente das grandes descobertas desse período. Em novembro de 1895 o físico alemão Wilhelm Conrad Röntgen descobre o raios-X. “Em 1896 os jornais estavam repletos de imagens de sombras fantasmagóricas” (SMITH 2008, p.63). Os Estados Unidos estavam tomados por uma onda da “mania de Röntgen”. A ciência se desenvolvia a passos largos, fascinando e assombrando os homens de seu tempo. Em Nova Jersey, um membro da Assembleia de Somerset, introduziu um projeto de lei na legislação que proibia o uso de binóculos de raios-X nos teatros. Essa mesma preocupação levou uma firma britânica a anunciar roupas de baixo à prova de raios-X para as mulheres (SMITH 2008, p.64).

---

<sup>14</sup> Carta de Einstein e Szilard ao presidente Franklin D. Roosevelt. Disponível em: <<http://www.ndig.com.br/item/2010/08/einstein-e-a-carta-que-mudou-a-historia>>. Acesso em 19 de nov. de 2012.

No começo do século XX os cientistas eram vistos como salvadores, sonhavam em produzir uma superarma que conseguiria o que os impérios e as religiões nunca haviam conseguido desde o começo da civilização – a paz mundial. A realidade mostrou-se diferente. O químico Fritz Haber pensou que poderia salvar a Alemanha com a sua superarma – o gás venenoso. Estava errado. As nuvens amarelas e sufocantes de cloro que passavam pelos campos de Ypres em 1915 deixaram um rastro de horror. Na década de 1930, um cientista japonês, Shiro Ishii, em busca da superarma concluiu que a utilização de vírus e bactérias seria uma forma mais humanitária de fazer a guerra (SMITH 2008, p.17).

A utilidade da ciência em relação à guerra se tornava notória. Os Estados passavam a tratar a ciência como questão de Segurança Nacional. A pesquisa científica com apoio do Estado no Brasil passa a institucionalizar-se apenas nos anos cinquenta do século XX, inspirada no paradigma criado pelo projeto Manhattan. O país contava com alguns destacados cientistas, como César Lattes, José Leite Lopes, Carlos Chagas Filho, entre outros. No entanto faltava pessoal especializado e principalmente – um órgão responsável por gerenciar as atividades científicas do país. Isso nos mostra Álvaro Alberto<sup>15</sup> - nas palavras de Carlos Alberto Girotti – “um híbrido de militar e cientista” (GIROTTI 1984), um personagem interessante que circula tanto na esfera militar como na científica.

O primeiro problema é o da formação de cientistas e técnicos, em número suficiente. A vinda de mestres estrangeiros será muito interessante como interessante será enviar homens de cultura para aprimorá-lo nos centros mais adiantados, onde existem grandes laboratórios e largos meios de pesquisas. Formar técnicos, porém, sem um órgão central de coordenação, seria como aprestar uma formação militar sem um Estado Maior (MOTA E SILVA 1949, p.2).

Dessa forma, a criação de um órgão regulador da ciência no Brasil se fazia imperativo.

Assim, um empreendimento de tal magnitude está a exigir a instituição de um Estado Maior da Ciência da Técnica e da Indústria, que lhes trace seguros rumos e lhes fomenta e coordene as atividades. Daí a necessidade de um órgão semelhante aos Conselhos Nacionais de Pesquisas, existentes em tantos países (MOTA E SILVA 1949, p.2).

---

<sup>15</sup> Álvaro Alberto Mota e Silva foi um Almirante da Marinha brasileira, químico, e primeiro presidente do Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq.

Inspirado em Conselhos Nacionais de Pesquisas de outros países, como Estados Unidos, Canadá, França e Inglaterra, o Brasil – para ser visto com relevante importância no cenário do pós-guerra – necessitava da criação de um órgão regulador aos moldes destes países desenvolvidos. Era importante para a nação brasileira o desenvolvimento da ciência, o domínio sobre o ciclo na energia atômica, era questão de soberania.

No decurso da primeira guerra mundial, o Canadá, a Inglaterra e os Estados Unidos tiveram que fundar os seus Conselhos Nacionais de Pesquisa, como orientadores da produção – que foi a chave da vitória – tal como se verificou, ainda melhor, na decisão da última guerra, e cada vez mais acontecerá nos prélios futuros (MOTA E SILVA 1949, p.3).

O programa nuclear brasileiro tem início com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas, 1951. Este conselho foi criado em decorrência da necessidade de organização da ciência no país, especialmente, para regular as pesquisas e tratar dos assuntos relativos à tecnologia nuclear, como nos mostrou a carta de Álvaro Alberto ao presidente Dutra.

Esta valorização da ciência é percebida pelos grandes veículos da imprensa e passa a ser uma boa mercadoria informacional a ser vendida. A ciência era divulgada por meio de reportagens, não havendo coluna fixa sobre esse tema no período estudado da revista *O Cruzeiro*. Podemos notar com nitidez essa valorização da ciência, observando a tabela elaborada por Andrade e Cardoso que nos mostra a incidência de matérias relacionadas à ciência nuclear na década de 1950, publicadas na revista *O Cruzeiro* e na *Manchete*.

**Tabela 2 – A física e a produção de energia nuclear. (n° de matérias)<sup>16</sup>**

Ano	Física		Bomba		Energia		Minerais		Total	
	Manch	Cruz	Manch	Cruz	Manch	Cruz	Manch	Cruz	Manch	Cruz
1952	03		01	05		01			04	06
1953	01	02	02	08		01	02	01	05	12
1954	03	03	04	08	03	08			10	19
1955	11	03	06	08	02	08	01		20	19
1956	03	01	05		01	05	03	03	12	09
1957	03	03	04	04		04	04	02	11	13
1958	06	04	01	06	10	06	02		19	16
1959	05	02	02	07	03	07			10	16
1960	03	01	03	02	01	02	02	01	09	06
1961	06	03	11	04	05	04			22	11
1962	05		09	06	01	06			15	12
<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>22</b>	<b>48</b>	<b>58</b>	<b>26</b>	<b>52</b>	<b>14</b>	<b>07</b>	<b>137</b>	<b>139</b>

Fonte: (ANDRADE; CARDOSO, 2001 p.260).

Podemos notar na tabela acima, tanto em *O Cruzeiro*, quanto em *Manchete*, que a maior incidência sobre o tema ciência recai na questão da bomba atômica, que assombrava as mentes temerosas de um conflito nuclear. De 1945 a 1950, prevalece uma espécie de equilíbrio entre o duplo monopólio americano de armas atômicas e de um poder aéreo de logo alcance e as preponderantes forças de terra da Rússia. A situação representava, na melhor das hipóteses, um empate precário. Mas era um empate (TARR 1968, p.54). A política nuclear muda durante a Guerra Fria, em 1949 a URSS consegue produzir seu primeiro artefato nuclear, o que faz surgir o medo da destruição mútua. Como nos mostra Claude Delmas,

Os dois Grandes passaram a possuir arsenais aproximadamente equivalentes quanto à potência dos artefatos e quanto à sua diversificação. Cada um tinha a possibilidade de destruir o outro, porém sabia que não poderia evitar sua própria destruição. É este estado de vulnerabilidade mútua que foi chamado “equilíbrio do terror” (DELMAS 1979, p.87).

<sup>16</sup> Acreditamos que essas matérias desconsiderem a coluna de Drew Pearson, que se somadas à quantidade de incidência de matérias relacionadas à bomba atômica, a estatística elaborada por Andrade e Cardoso seriam bem maiores. Encontramos também alguns erros na somatória total dos dados da tabela original, corrigimos e expomos a tabela em nosso trabalho por acreditar que foi apenas um erro matemático na somatória total, mas que a incidência das matérias foi contabilizada corretamente.

Este estado de “equilíbrio do terror” gerou a chamada coexistência pacífica, termo usado para “designar o estado latente de conflito contido pela intenção maior de manter a paz e assegurar as condições de *distensão*, quando se superou o período da tensão” (FENELON 1983, p.48). Diante deste tipo de coexistência, a política externa baseada no poder e intimidação já não serve mais, pois a vulnerabilidade entre duas potências nucleares é mútua, ambas teriam perdas com as quais não poderiam lidar. Como também é vedada a utilização de artefatos nucleares com potências não nucleares, a posse destes artefatos serve apenas para coibir o contato direto (FENELON 1983, p.36). Desta maneira, o que resta é garantir o predomínio psicológico e cultural sobre as áreas de influência. Em relação ao Brasil, pensamos que a coluna “O Carrossel do Mundo” de Drew Pearson seja parte desta tática.

A Guerra Fria, a questão nuclear, a manutenção das áreas de influência entre EUA e URSS, a Defesa Hemisférica<sup>17</sup>, todos estes temas perpassam pela coluna de Drew Pearson. A seguir desenvolveremos algumas considerações sobre a questão da comunicação visando melhor balizar a nossa abordagem do tema no presente trabalho.

A emergência das massas e sua conscientização como força política se dá após a Revolução Francesa, no entanto é no início do século XIX que surgem os primeiros estudos sobre as massas. Para uma breve contemporização da influência da mídia escolhemos os teóricos Walter Benjamin, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer.

O Filósofo Walter Benjamin inicia seus estudos sobre as massas pensando em como a obra de arte perde sua aura em detrimento de sua reprodução técnica<sup>18</sup>. Benjamin estava preocupado também, em como a reprodução técnica da arte estava servindo politicamente ao regime nazista. Benjamin chamou este processo de estetização da política, dos usos da fotografia, do cinema, para legitimar o regime nazista. Segundo Benjamin:

---

<sup>17</sup> Aqui Pearson se refere aos vizinhos hemisféricos e a Política de Boa Vizinhança.

<sup>18</sup> As obras de arte sempre sofreram imitações, mas para Benjamin a obra de arte possui uma aura única. A reprodutibilidade técnica extermina o caráter singular da obra, ocasionando a perda de sua aura. Ver: BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. Ed. Zouk, 2012.

A humanidade, que outrora, em Homero, foi um objeto de espetáculo para os deuses olímpicos, tornou-se agora objeto de espetáculo para si mesma. Sua autoalienação atingiu um grau que lhe permite vivenciar sua própria destruição como um gozo estético de primeira ordem (BENJAMIN 2012 p123).

A estetização da política produzida pelos fascistas foi sua principal preocupação, Benjamin estava pensando em um cinema crítico em relação ao fascismo. Benjamin pensava a recepção, uma vez que o público é ativo, portanto, pode ser revolucionário e assim, possa se desvencilhar da estetização política fascista. Benjamin diante deste quadro aponta uma solução. “Essa é a situação da estetização da política que o fascismo pratica. O comunismo responde-lhe com a politização da arte (BENJAMIN 2012 p123).”

Ao passo que em Walter Benjamin o público é ativo, em Adorno e Horkheimer o público recebe passivamente o que a imprensa produz. Adorno e Horkheimer “cunharam a expressão “indústria cultural” para indicar o processo de industrialização da cultura produzida para a massa e os imperativos comerciais que impeliam o sistema” (Kellner 2001 p44). Na perspectiva de Adorno e Horkheimer, a indústria cultural abrange toda a sociedade de maneira inescapável. “A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los (ADORNO; HORKHEIMER 1985 p119).” Adorno e Horkheimer fazem uma leitura de um público completamente passivo, sob um prisma pessimista não apontam solução para resistir a indústria cultural. “Quem resiste só pode sobreviver integrando-se (ADORNO; HORKHEIMER 1985 p123).” Contudo, devemos destacar que este caráter pessimista imposto pela Escola de Frankfurt, deve-se em parte ao contexto totalitário alemão que seus teóricos, Adorno e Horkheimer, tiveram que fugir.

Apoiamo-nos aqui, na concepção de Walter Benjamin, pois se verifica através da pesquisa que não há uma imprensa de domínios inescapáveis. Conscientes de que a indústria cultural possui diversas ferramentas de persuasão, ainda optamos por uma perspectiva em que o público é ativo sobre aquilo que consome.

O jornalista que iremos estudar nesse trabalho fazia parte de uma classe de jornalistas chamados *muckrakers*<sup>19</sup>. Eram conhecidos por investigar principalmente crimes cometidos pelo governo. A coluna “O carrossel do mundo” denunciava esquemas de corrupção, atacava posições políticas, criticava homens públicos. Este posicionamento já foi denominado de “quarto poder”<sup>20</sup>, quando a imprensa exerce tanto poder que consegue atuar no mesmo nível dos outros poderes, ela poderia atuar como cão de guarda do governo. Contudo, atuar na fiscalização das políticas governistas exigiria uma lisura ética para além das relações comerciais e políticas. De acordo com Carlos Eduardo da Silva:

A questão das relações pessoais acima das institucionais é importante em pelo menos outro aspecto ético no Brasil: elas prejudicam a qualidade do papel de “cão de guarda do governo” (watchdog role) que a imprensa deve desempenhar de acordo com o modelo americano. Não é só o fato de que muitos proprietários de meios de comunicação tem relações pessoais com os poderosos da república e muitas vezes lhes devem favores e, por isso, acabam orientando a linha editorial de seu veículo para uma política de apoio ao governo ou pelo menos de crítica suave apenas sobre questões tópicas (SILVA 1991 p.124).

Esta política de conchavos não é exclusividade do Brasil, portanto o conceito de “watchdog role” é complicado de se sustentar. Tanto é que a criação de “um quinto poder” já é apontada por Martins e Luca:

Talvez nada indique de forma mais clara o desgaste do “quarto poder” do que o fato de agora se considerar essencial a criação de um quinto, a fim de examinar as práticas jornalísticas predominantes nos empreendimentos midiáticos e proteger o cidadão delas. É sintomático que se tenham multiplicado os fóruns de discussão a respeito da qualidade da informação difundida pela imprensa e sua crescente mercantilização, numa tentativa de construir visões alternativas à instaurada pelos grandes grupos. No Brasil, merece destaque o programa *Observatório da imprensa*, desde 1998 semanalmente apresentado por Alberto Dines e transmitido pela rede pública de televisão (2006, p.12).

---

<sup>19</sup> Um grupo de jornalistas americanos filiados ao jornalismo investigativo do começo do século XX. Ver: [www.britannica.com/EBchecked/topic/395831/muckraker](http://www.britannica.com/EBchecked/topic/395831/muckraker). Acesso: em 10/02/2015.

<sup>20</sup> A ideia de que a imprensa constitui o “quarto poder” do Estado de Direito nasceu em 1828, quando o inglês Lord Macaulay criou a expressão. Segundo ele, a imprensa devia ser uma aliada dos cidadãos para promover a defesa dos seus direitos, para protegê-los de eventuais abusos do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário. Ver: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-10-23/cobertura-das-politicas-publicas>. Acesso: em 10/02/2015.

Dessa forma, também não pactuamos com uma definição de imprensa como “quarto poder”, embora saibamos que os processos comunicativos interfiram na produção da realidade.

Já ao que toca a autonomia da imprensa os jornais e revistas como empresas, são suscetíveis ao lucro ou ao prejuízo, assim são sujeitos a vários tipos de pressão. Como nos mostra Martins e Luca, “a pressão dos anunciantes, fonte fundamental de sustento, também não pode ser menosprezada e não é à toa que se afirma que o jornal é vendido duas vezes: uma para os que anunciam nele e outra para o leitor” (2006, p.11). Dessa forma, a autonomia da imprensa se limita, mas não se anula. A maneira como Assis Chateaubriand interferia no jogo político por intermédio de seus veículos é exemplo claro da autonomia com que a mídia muitas vezes age. Mais do que simples amplificadora de iniciativas, assume posições de destaque, por vezes suplantando a natureza diversificada da opinião pública (GAVA 2003, p.32).

De acordo com Marialva Barbosa, dentro do estudo de história da imprensa podemos notar a existência de cinco grandes escolas interpretativas. A primeira - e mais significativa em termos numéricos – se caracteriza por acompanhar o aparecimento e o desaparecimento de periódicos numa perspectiva essencialmente factual. Nesse caso, se enquadra também o principal trabalho de síntese de história da imprensa no país, o livro de Nelson Werneck Sodré<sup>21</sup>. A segunda escola interpretativa de textos sobre história da imprensa concentra-se nas modificações e na estrutura interna dos jornais. A terceira corrente de interpretação aborda os jornais – e os meios de comunicação em geral – como portadores de conteúdos políticos e de ideologias. A quarta é composta por pesquisas que abordam o contexto histórico no qual os periódicos vão se inserindo do seu surgimento à sua evolução e desaparecimento. Há ainda uma quinta corrente de estudos que considera a história como um processo e, sobretudo, a imprensa na sua relação com o social (BARBOSA 2007, p.11-12). Nossa perspectiva é compreender a imprensa de uma perspectiva crítica, na sua relação com o social. A coluna por nós analisada perpassa pelo último governo Vargas e vai se desenvolvendo, principalmente, em meio ao contexto do nacional-desenvolvimentismo e do anticomunismo.

---

<sup>21</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Mauad, 1994.

O colunismo é nossa fonte nesse trabalho, é um gênero específico do jornalismo, a coluna é um tipo de publicação, um espaço de opinião. Como destaca o jornalista Hélio Dorea,

Uma coluna deve ser leve e gostosa como um copo de limonada em tarde de verão. Precisa oferecer ao leitor o comentário preciso e sumário das notícias do dia. O colunista é o leitor comum, que dispõe de um jornal para dar permanência às suas observações. Seu estilo deve ser coloquial, exprimindo reações subjetivas, como num bate-papo. Precisa o colunista dosar bom-humor com crítica, alguma filosofia, tiradas inteligentes, julgamentos, observações. Mexer bem esses ingredientes e oferecer quente o prato do dia (DOREA 1996, p. 49).

O colunismo traz a informação personalizada. “A personalização da informação é filha legítima da massificação da informação. A existência das grifes jornalísticas<sup>22</sup> se tornou inevitável quando os leitores já não são mais capazes de digerir a avalanche noticiosa que se abate sobre eles” (CASTILHO 1997). É neste contexto que o colunismo se forma como gênero. As primeiras colunas foram chamadas colunas sociais, destinadas ao *high society*, as celebridades. “Estar na mídia teria uma significação mais ampla no âmbito dos relacionamentos cotidianos seria, uma espécie sinônimo de “acontecer na sociedade”, de fato e de direito” (COUTINHO 2007, p. 17).

O jornalista Murilo César Ramos afirma em seu livro *Intrigas da Corte*, que “o cotidiano das chamadas pessoas comuns passou a ser absorvido pelas colunas dos jornais, na forma inicialmente do noticiário das cortes de justiça, o ‘bisavô’ da notícia policial”. Aqui, Ramos afirma que o noticiário das cortes de justiça deu origem a notícia policial. Contudo, parece-nos que a evolução no processo comunicacional não se dá de maneira linear, podendo haver rupturas que não necessariamente derivem de suas formas anteriores, muito embora a hipótese de Ramos pareça plenamente realizável. Afirma também que estas colunas sociais emergiram da chamada *penny press*<sup>23</sup>, com o lançamento em 3 de setembro de 1833 do jornal *The New York Sun*.

<sup>22</sup> Aqui o autor se refere ao fato de que o leitor passa a dar mais relevância a um tema depois que ele é tratado em colunas assinadas, em associação aos produtos de luxo que passam a valer mais quando assinados por um produtor famoso.

<sup>23</sup> Jornais do século XIX com preços extremamente baratos.

De fato, o jornalismo contemporâneo sempre abrigou com destaque o *fait divers*, o fato diverso, colagens aparentemente sem nexos de retalhos do dia-a-dia das pessoas. E, à medida que se consolidava e crescia a massificação do jornalismo, ele estendia a sua atenção para um tipo de fato diverso relacionado com um determinado tipo de pessoa: a celebridade. Eram os artistas, literatos logo no início deste processo, atores e atrizes depois, do teatro, do cinema, do rádio e da televisão. Eram também os ricos, com seu luxo, seu fausto, heróis da vida mundana. A curiosidade pública foi sempre atraída, e eu aproximo agora esta questão da cena brasileira, pelo conhecimento ora da tragédia na favela ora do champanha servido à beira da piscina (RAMOS 1994, p. 10).

A força de mídia das colunas sociais vem do desejo de estar nos jornais, “ser mostrado e refletido para milhares de leitores, é existir para uma série de indivíduos com os quais não se mantém uma relação interpessoal” (COUTINHO 2007, p. 18).

Coluna é a designação genérica de um espaço nos jornais sob a responsabilidade de uma pessoa e quase sempre se localiza na mesma posição dentro do veículo, o que facilita seu encontro com os leitores. As colunas tem a função primordial de fidelizar os leitores, que tendem a se identificar com os colunistas. Nas revistas, esse mesmo espaço permanente costuma ser chamado de seção (ZORABAN; CAMARA 1994, p.102). No índice<sup>24</sup> da revista *O Cruzeiro* contávamos com as seções, os artigos e as reportagens, mas havia certa semelhança entre os artigos e as seções. Ambos podem ser considerados colunas nos padrões atuais, Drew Pearson escrevia sob o título de artigos, embora o formato de “Carrossel do Mundo” fosse propriamente o de uma coluna.

A origem da nomenclatura “coluna” vem da divisão da página do jornal em blocos de texto de uma determinada largura, o que norteava a diagramação. Esses blocos de texto são denominados colunas e são medidos em sua largura por paicas<sup>25</sup>. Os jornais de antigamente dividiam a largura de suas páginas em oito colunas, quando alguém ganhava um espaço para escrever num jornal, ganhava determinado número de colunas, o que originou a nomenclatura para todo um gênero. A divisão em colunas passou a ser adotada também como unidade de medida para calcular o espaço destinado aos anúncios, a altura era contatada em centímetros e a largura em paicas, originando a unidade referencial

---

<sup>24</sup> Ver: Anexo B.

<sup>25</sup> Paica é uma unidade de medida tipográfica que equivale a aproximadamente 4.2333 milímetros. Uma polegada equivale a 6 paicas.

“centímetro/coluna”, das tabelas de preço de publicidade em jornais (ZORABAN; CAMARA 1994, p.107).

As colunas surgiram, quase que simultaneamente, em várias partes dos Estados Unidos. O *Republican*, de Springfield, tinha algo parecido com uma coluna, em 1872; Eugene Field criou um tipo tanto diferente com suas “*Sharps and Flats*”, no *Daily News*, de Chicago, na década de 1890-1900; e, ao mesmo tempo, na costa oeste, Ambrose Bierce compilava os “mexericos”, para o *Examiner*, de São Francisco (BOND 1962, p.238).

O gênero colunismo se diversificou em temáticas. O professor Emérito do curso de jornalismo da *New York University* – Fraser Bond – catalogou, no início da década de 1960, os tipos de colunas existentes. De acordo com Bond, tínhamos, em 1962, cerca de oito tipos populares de colunas. O primeiro tipo é “a coluna editorial assinada”, parece-se ao editorial na forma, mas um editorial palpitando com o elemento pessoal, pois divulga as opiniões e as ideias que o colunista mantém na ocasião. A mais conhecida coluna deste tipo à época foi assinada por Walter-Lippmann. O segundo modelo é “a coluna padrão”, este tipo de coluna apresenta assuntos editoriais de menor importância dedicando a cada um mais ou menos um parágrafo. Caracteristicamente, trata-os com superficialidade. Pode ser produzida por um indivíduo ou uma equipe, não é assinada. Distinguiam-se nessa categoria, “Tópicos dos tempos”, no *Times* de Nova York, e “Conversas da Cidade” em *The New Yorker*. O terceiro padrão é “a coluna miscelânea”, aqui o colunista apresenta aos seus leitores um pouco disto, um pouco daquilo. Toma a variedade como seu princípio de orientação e trata de que o conteúdo de sua coluna illustre esse pensamento. Muitas das antigas colunas vinham sob essa etiqueta. O quarto tipo é “a coluna aberta ao leitor”, aqui os poetas e satíricos amadores, e os criadores de “atrações” fazem o trabalho e o condutor da coluna registra e recebe o pagamento. O quinto tipo se refere “a coluna ensaio”, formalmente, tal coluna pode consistir em diversos ensaios curtos sobre variados assuntos ou um ensaio sobre um assunto. Sua elegância, capricho e graça acrescentam distinção ao jornalismo. O sexto formato passa pela “coluna de mexericos”, que trata de fatos diversos sobre celebridades. “A coluna de versos” é o sétimo modelo relacionado por Bond, uma coluna reservada para versos, com temas que interessem ao leitor, tais como: natureza, amor, juventude, etc. Por fim, o oitavo tipo catalogado por Fraser Bond se refere “a coluna sobre os bastidores da política”. Todos gostam de ser levados aos

bastidores para dar uma espiada no espetáculo, de um ângulo negado ao mortal comum. Na coluna política os nomes triviais cedem lugar aos líderes de governo: políticos, congressistas e senadores, e os mexericos referem-se a assuntos nacionais e internacionais. À época da catalogação feita por Fraser Bond, o nome de Drew Pearson lidera todo o resto, nesta categoria, e seu “*Washington Merry-Go-Round*”, publicado de costa a costa do país, atrai mais leitores do que qualquer outra coluna de agência (BOND 1962, p.240-3).

A coluna “O Carrossel do mundo” não é voltada a vida da alta sociedade, aos esportes, ou ao humor. Como vimos na classificação de Bond ela aborda os “bastidores do poder”, aspectos políticos que Drew Pearson e Chateaubriand consideram relevantes da política dos EUA.

No próximo capítulo abordaremos a modernização da imprensa brasileira e o surgimento da revista *O Cruzeiro*. Discutiremos como esse periódico se tornou a vanguarda do jornalismo brasileiro, abordando o conceito de fotojornalismo, bem como analisando o corpo editorial dessa revista. Discorreremos também sobre a maneira que a imprensa brasileira abandonou o paradigma francês para se aproximar do modo estadunidense de fazer jornalismo, ampliando a influência desse país sobre o Brasil.

## CAPÍTULO 2 - A MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA E A REVISTA O CRUZEIRO.

### **O *Cruzeiro* e a modernização da imprensa: a mudança de paradigma no jornalismo brasileiro**

podem ficar com a realidade  
esse baixo-astral  
em que tudo entra pelo cano

eu quero viver de verdade  
eu fico com o cinema americano<sup>26</sup>.  
(Paulo Leminski)

Nas primeiras décadas do século XX a imprensa brasileira era ainda pautada pelo *fait-divers*, pelos acontecimentos do cotidiano, pelas notícias policiais, jornalismo fruto de uma tradição francesa de se fazer jornal. As notícias policiais, os folhetins, charges, escândalos sensacionais, palpites do jogo do bicho, notícias dos cordões e blocos carnavalescos, são apresentados nos jornais para conquistar um maior número de leitores (BARBOSA 2007, p.48). Durante e após a Segunda Guerra, no entanto, o jornalismo brasileiro deixa suas raízes francesas e passa a se espelhar no modelo estadunidense. Não só o jornalismo passa por esse processo, mas o país todo. O modelo imposto pelo cinema americano, pelas revistas americanas, procura tentar ditar o comportamento do brasileiro, por isso Leminski usa de ironia para criticar essa imposição cultural. O cinema, a maior de todas as inovações americanas na área do entretenimento, divulgou, mais do que qualquer outro meio, o *American way of life*, “americanizando”, primeiro os Estados Unidos, depois os demais países do continente (TOTA 2000, p.21). Esse processo de modernização da imprensa coincide com o processo desenvolvimentista<sup>27</sup> do Brasil.

<sup>26</sup> Paulo Leminski publicou “Distraídos venceremos” em 1987. Nascido em 1944, sua geração recebeu toda a influência exercida pelos Estados Unidos nas décadas de 1940-50. *Distraídos venceremos* é um livro de poesias que em 2013 foi compilado no livro *Toda Poesia*. Ver: LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. In: *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.200.

<sup>27</sup> Sobre nacional-desenvolvimentismo ver: MANTEGA, Guido. *A Economia política brasileira*. 7 edição. Petrópolis – RJ: Editora Vozes Ltda, 1992; IANNI, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930 - 1970)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1979.

O processo de modernização do Brasil é acelerado a partir dos anos de 1930, mas seu início remonta ao começo do século. Entendemos por modernização a distinção feita por Costa Pinto (apud QUEIROZ, 2002):

[...] a modernização é um processo que consiste na adoção, por uma sociedade em mudança, de padrões de consumo, de comportamento, de instituições, valores e ideias característicos de sociedades mais avançadas enquanto desenvolvimento, por outro lado, implica mudanças estruturais que alteram basicamente o perfil de sua estrutura econômica e social.

Nesse sentido, o processo de modernização não se confunde, necessariamente, com o processo de industrialização (QUEIROZ 2002, p. 45). É a conjugação desse processo modernizador que permite o surgimento de revistas “modernas”, como a revista *O Cruzeiro*. A historiadora Tania Regina de Luca aponta esta época como os “tempos eufóricos” da imprensa brasileira.

Eram os “tempos eufóricos” de *Ilustração Brasileira* (RJ, 1902), *O Malho* (RJ, 1902), *A Avenida* (RJ, 1903), *Kosmos* (RJ, 1904), *Fon-Fon* (RJ, 1907), *Careta* (RJ, 1908), *O Pirralho* (SP, 1911), *A Cigarra* (SP, 1914), *Dom Quixote* (RJ, 1917) e de muitas outras, algumas efêmeras, outras ativas por décadas a fio. Renovação significativa somente ocorreria com *O Cruzeiro* (1928), quando a fotografia e a reportagem ganharam novos sentidos e asseguraram à revista a liderança no mercado nacional. Semanários como *Manchete* (1952) e *Fatos e Fotos* (1961) não romperam com o padrão herdado de décadas anteriores, efetivamente alterado mais tarde pelas revistas semanais de informação, como *Veja* (1968) (LUCA 2005, p.121).

“No final da década de 1920, conta-se, na Capital Federal, 19 jornais diários, 13 estações de rádio e várias revistas semanais, com tiragens que chegam a 30 mil exemplares, como é o caso de *O Cruzeiro*” (BARBOSA 2007, p.58). Em 10 de novembro de 1928 era fundada por Carlos Malheiro Dias a revista semanal ilustrada, *Cruzeiro*, que foi posteriormente comprada pelo conglomerado de mídias, Diários Associados, de propriedade do empresário e jornalista Assis Chateaubriand, sendo a partir de então chamada de *O Cruzeiro*. A compra da revista ocorre quando Chateaubriand descobre que Malheiro Dias estava com dificuldades financeiras para manter a revista. “Ao tomar conhecimento disso, Chateaubriand quis saber quanto custaria ressuscitar o projeto, lançar a revista e indenizar Dias pelos gastos já realizados” (MORAIS 1994, p.177).

No dia 5 de dezembro de 1928, Assis Chateaubriand anuncia a reinauguração da revista, agora sob o controle dos Diários Associados. Quando a

Avenida Rio Branco fervilhava de gente que deixava o trabalho, 4 milhões de folhetos foram atirados do alto dos prédios sobre as pessoas. Os folhetos anunciavam o surgimento de uma revista “contemporânea dos arranha-céus”, uma revista que “tudo sabe, tudo vê” (MORAIS 1994, p.187).

A revista trazia consigo os ares da modernidade. A valorização do moderno é anunciada em seu editorial de fundação, possivelmente influenciado pela semana de arte moderna que ocorreu no ano de 1922.

Depomos nas mãos do leitor a mais moderna revista brasileira. Nossas irmãs mais velhas nasceram por entre as demolições do Rio colonial, através de cujos escombros a civilização traçou a reta da Avenida Rio Branco: uma reta entre o passado e o futuro. **Cruzeiro** encontra já, ao nascer, o arranha-céu, a radiotelephonia e o correio aéreo: o esboço de um mundo novo no Novo Mundo. Seu nome é o da constelação que, ha milhões incontáveis de anos, cintila, aparentemente imóvel, no céu austral, e o da nova moeda em que ressuscitará a circulação do ouro. Nome de luz e de opulência, idealista e realístico, sinônimo de Brasil na linguagem da poesia e dos símbolos (O CRUZEIRO 1928)<sup>28</sup>.

“Seu nome é o da constelação que, ha milhões incontáveis de anos, cintila, aparentemente imóvel, no céu austral”. Muito embora tenha sido Carlos Malheiro Dias o autor do editorial, Chateaubriand tinha essa mesma percepção, concebia seus jornais como uma constelação atemporal, costumava dizer, “os homens públicos passam, mas os jornais são permanentes<sup>29</sup>” (MORAIS 1994, p.376). O editorial de *O Cruzeiro* nos esclarece a posição da revista, contemporânea dos arranha céus, é de lá que observa os acontecimentos, de um plano privilegiado, uma revista que tudo sabe, tudo vê.

Assis Chateaubriand construía seu império de papel, chegando aos anos de 1950 como um dos homens mais importantes do país.

<sup>28</sup> O editorial da revista pode ser encontrado no site [www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/). Acesso no dia 10/10/2014.

<sup>29</sup> Chateaubriand disse esta frase a Dário de Almeida Magalhães, jornalista então diretor dos Diários Associados, quando afirmava que teriam que apoiar o Estado Novo para que seus jornais pudessem sobreviver.

No início dos anos 50, nosso empresariado abrigava um conjunto reduzido de capitalistas de maior porte. Eram sobretudo banqueiros ou homens ligados direta ou indiretamente (por exemplos, os Guinle, detentores da concessão do porto de Santos) ao comércio de exportação e importação. Na indústria, há uns poucos magnatas que chefiavam grupos econômicos fincados nos setores tradicionais (alimentos, têxtil, cimento etc.), como Matarazzo e José Ermírio de Morais, alguns donos de grandes indústrias, como, por exemplo, Crespi, Calfat, Pignatari, Klabin, Guilherme da Silveira, alguns grandes comerciantes. Nas comunicações encontramos um potentado, Assis Chateaubriand, dono de muitos jornais e rádios (NOVAIS; MELLO 2010, p.589).

De fato, o processo de industrialização pelo qual o país passava atinge o parque editorial nacional e é este desenvolvimento que dá o tom para o nacionalismo dos anos de 1950/1960. Aos poucos Chateaubriand passa a ser a vanguarda da imprensa brasileira e os Diários Associados se modernizam em nível de concorrência internacional. Sobre essa modernização discorre Nadja Pelegrino:

Em 1929, os efeitos mundiais do grande craque da Bolsa de Nova Iorque haviam afetado a economia brasileira. Além disso, a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, e a política do Estado Novo de Getúlio Vargas exerceram grande pressão sobre as empresas de Assis Chateaubriand. Isto porém não impediu que, naquela época, a revista *O Cruzeiro* se instalasse em outra sede, adquirindo um grande parque de máquinas, entre elas, a novíssima rotogravura *Man*, importada da Alemanha, que representava a última palavra em tecnologia gráfica (1991, p.17).

Novas aquisições de maquinário vieram durante o governo Dutra, Chateaubriand em viagem

aproveitou para ir à sede da Hoe Company, fabricante de equipamentos gráficos, instalada em Nova York. Ao final da visita ele deixava na Hoe a encomenda de oito rotativas em cores e doze impressoras Multicolor para *O Cruzeiro*. Total da compra, 800 mil dólares de então (equivalentes a aproximadamente 7 milhões de dólares de 1994) (MORAIS 1994, p.460).

Nos anos de 1950 os Diários Associados se consolidam como expoente do parque editorial brasileiro, de forma que:

diversifica-se em publicações – de feito atraente, no qual proliferam as ilustrações – voltadas para um público bem determinado: para “a pessoa bem informada”, para a mulher, para o jovem, para o proprietário de automóvel, para o homem de negócios (NOVAIS; MELLO 2010, p. 639).

Tal modernização tem como “principal via de transmissão de progresso, entre nós, a da imitação dos padrões de consumo e dos estilos de vida reinantes nos países desenvolvidos” (NOVAIS; MELLO 2010, p. 604). Tal fato pode ser constatado tomando como exemplo o automóvel, “para a classe média, o carro, fiador da liberdade de ir e vir e símbolo do progresso, passou a ser visto como indispensável para vencer as distâncias das cidades que se agigantavam” (RODRIGUES 1992, p.34). Esse item passa a ser objeto de desejo dos brasileiros, fruto da imposição cultural do *American way of life*.

a partir dos anos 50, o grande fascínio, o modelo a ser copiado passa a ser cada vez mais o *American way of life*. Fascínio, primeiro, do empresariado e da classe média alta, que, depois, foi se espalhando para baixo, por força do cinema e da exibição, nas cidades, aos olhos dos “inferiores”, do consumo moderno dos “superiores”, dos ricos e privilegiados. Não é por acaso que talvez o brinquedo preferido dos meninos vá se tornando o automóvel, o símbolo maior do americanismo (NOVAIS; MELLO 2010, p. 605).

A política de “boa vizinhança” empreendida pelos Estados Unidos produziu no Brasil grande influência. Foi quando ocorreu a mudança no jornalismo brasileiro do padrão francês, para o modelo estadunidense.

Como dizia Danton Jobim em 1954, “no Brasil, se pode encontrar duas grandes influências que moldam a natureza dos jornais. Uma é a influência da imprensa francesa e a outra é a da imprensa dos EUA. Uma delas, a influência francesa, veio primeiro e é, talvez, ainda mais importante; a imprensa francesa tem servido de modelo para a imprensa brasileira por mais de um século”. Mas como o próprio Jobim reconhecia, essa situação estava mudando nos meados dos anos 50 e mudaria ainda mais na década de 60 (SILVA 1991, p. 81).

O jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva detalha essa passagem, como também o modo que o jornalismo estadunidense influenciou a imprensa no Brasil. O autor apontou que:

A primeira fonte de influência do jornalismo americano sobre o brasileiro são os profissionais da atividade daqui que viajam para lá viver algum tempo, examinam a imprensa de lá e, conscientemente ou não, ao retornarem a seu país, começam a usar técnicas ou conceitos que aprenderam ali (1991, p. 71).

Muitos foram os que realizaram esse fluxo de intelectuais brasileiros que foram aos Estados Unidos e voltaram maravilhados com seu sistema político e seu modo de fazer imprensa.

O maior exemplo é Monteiro Lobato, que viveu em Nova York durante quatro anos ao final da década de 20 e ali fortaleceu suas convicções de que o espírito empreendedor americano deveria ser imitado pelos brasileiros como única fórmula de superar a pobreza (SILVA 1991, p. 43).

Esse alinhamento entre os dois países, entre os dois jornalismo vem de um interesse mútuo. O Brasil mirando o EUA como exemplo de política, jornalismo e ideologia, e os EUA buscando um aliado estratégico na América do Sul. Em uma conjuntura política pautada pela Guerra Fria, era necessário salvaguardar a maior quantidade de aliados possíveis, e o Brasil era um aliado estratégico aos Estados Unidos. Segundo Martins e Luca:

O controle dessa porção da América foi intensificado pela potência líder do ocidente, temerosa de um enclave comunista num país de alto interesse estratégico, fosse por sua situação geográfica, pelas dimensões continentais ou pela forte presença na América Latina. A imprensa, como instrumento ideal dessa captação, foi a instância mais cortejada (MARTINS; LUCA 2006, p. 74).

Sobre esta hegemonia ideológica e cultural imposta pelos Estados Unidos, Gerson Moura esclarece:

De fato, a legitimação da hegemonia de uma grande potência passa pela criação e difusão de uma ideologia política, cujo papel é exatamente o de evitar a transparência da dominação e de apresenta-la como um fato natural ou necessário à existência do conjunto (MOURA 1986, p.88).

## O corpo editorial de *O Cruzeiro*

O *Cruzeiro* foi uma revista semanal ilustrada, fundada em 1928 e extinta em 1975. Pertencente ao ramo de variedades noticiava acontecimentos de todos os gêneros, diferindo-se assim das “Revistas Especializadas” (aquelas que discutiam cinema, automobilismo, assuntos femininos etc.) que já existiam desde o começo do século XX (ROMANELLO 2009, p.18). Sobre o formato de uma revista de variedades como nos mostra a historiadora Tânia Regina de Luca,

[...] poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças, tais publicações forneciam um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades (2005, p. 121).

Quando classificamos as revistas pela sua frequência temos os semanários, quinzenários, e mensários; quando as classificamos pelo conteúdo nos deparamos com grande variedade temática. Fraser Bond elaborou também, no início da década de 1960, uma catalogação temática sobre as revistas, listando nove tipos: a) “as revistas populares”, essas revistas proporcionam ao leitor a ficção, tanto em séries como em pequenas histórias, e artigos sobre fatos e personalidades; b) “as revistas femininas”, grupo destinado a agradar ao gosto feminino; c) “as revistas de qualidade”, voltadas para gostos mais apurados e cultivados. Estas revistas mantêm um alto padrão literário; d) “as revistas de opinião e crítica”, nelas raramente encontramos ficção. Limitam seu texto unicamente a interpretações e opiniões; e) “as revistas de notícias”, nestas revistas encontramos notícias condensadas, porém, sem limite em seu alcance. Tanto na circulação como no texto cada uma delas se aproxima de um jornal nacional; f) “as revistas condensadas”, a norma introduzida pela revista *The Reader's Digest* tem sido a de reescrever, condensando, artigos de outras revistas; g) “as revistas ilustradas”, a revista *Life* iniciou um novo roteiro no campo do jornalismo ilustrado. Juntamente com *Life*, temos a revista *Look* e outras de menor expressão; h) “as revistas de modas”, há nesse ramo publicações como *Vogue* e *Harper's Bazaar* para o gosto feminino e *Esquire* para a esfera masculina; i) “as revistas especializadas”, as revistas deste grupo dedicam seu texto a uma

matéria especializada, como o teatro, o cinema, puericultura, etc (BOND 1962, p.55-7).

O corpo editorial de *O Cruzeiro* na década de 1950 era formado por pessoas do círculo de convivência de Assis Chateaubriand, e também pelos mais destacados intelectuais da época. O fundador de *O Cruzeiro*, como já fora dito, foi o jornalista, cronista, romancista, contista, político e historiador português Carlos Malheiro Dias. Na década de cinquenta o proprietário da revista era Assis Chateaubriand, jornalista e empresário brasileiro dono do maior conglomerado de mídias do país.

Os Diários Associados eram uma potência na década de 50. Em 1956, período de expansão, tinham trinta e um jornais, cinco revistas, vinte e uma emissoras de rádio, três estações de televisão, uma agência telegráfica, duas agências de representação e duas empresas industriais. *O Cruzeiro*, para empregar a imagem mais usada pelos entrevistados, era uma espécie de TV Globo da época. Em setembro de 54, na edição com o suicídio de Getúlio Vargas, anunciava uma “tiragem pela qual nos responsabilizamos” de 720 mil exemplares, tida como proporcionalmente recorde até os dias de hoje (CARVALHO, 2001 p.20).

Chateaubriand acompanhava de perto a revista *O Cruzeiro*, carro chefe dos Diários Associados. Mais que acompanhar, Chateaubriand gerenciava todos os setores da revista, escolhia pautas, aprovava e rejeitava matérias. Chatô, como era chamado, era mais que proprietário, era o cérebro e o coração de *O Cruzeiro*, era a própria notícia, provocava-a, gerava-a quando necessário. Sua concepção de jornalismo, de acordo com Maria Helena Capelato, era inspirada no jornalista norte-americano Willian Hearst.

Sua concepção do ofício era significativa: “jornalista competente e aquele que exerce o ofício em movimento, procurando a notícia, ou provocando-a em ação, participando diretamente dos fatos, sendo capaz de gerá-los”. Assim, disse e assim fez. Em 1898, durante a Guerra de Independência de Cuba, telegrafou a um desenhista de seu jornal, queixoso da ociosa estada na ilha, para dizer: “Faça o favor de ficar. Forneça os desenhos que eu fornecerei a guerra”. Hearst participou diretamente do combate, relatou os acontecimentos (à sua maneira) e seus jornais tiveram um papel importante na provocação do conflito. Carlos Rizzini relata esse episódio no prefácio de um livro sobre Assis Chateaubriand, afirmando que o jornalista brasileiro procurou guiar-se por esse modelo: participar dos fatos, criando-os quando lhe conviesse (CAPELATO 1994, p.22).

Na presidência de *O Cruzeiro* estava Maria Amélia Whitaker Gondim de Oliveira, a dona Lily, filha do banqueiro paulista José Maria Whitaker, amigo e um

dos financiadores de Chatô. Dona Lily se casou com Leão Gondim de Oliveira, primo de Chatô, após o casamento “assumiu a presidência de *O Cruzeiro* – onde reinou conservadoríssima e sem governar muito, por anos e anos (CARVALHO 2001, p.55)”.

O diretor gerente de *O Cruzeiro* na década de 1950 era Leão Gondim de Oliveira, que além de ser casado com dona Lily e primo de Chatô, era – como definiu o jornalista José Alberto Gueiros – “a consciência editorial de Chateaubriand (CARVALHO 2001, p.199)”. De acordo com Carvalho, Gueiros disse sobre Leão Gondim de Oliveira:

O Leão era um homem rústico, sem cultura, mas pé-de-boi e bom administrador. Ficava na sombra, mandava sem aparecer e tinha na cabeça a radiografia dos interesses de Chatô, o mapa da mina (CARVALHO, 2001 p.199).

O quarto cargo na hierarquia de *O Cruzeiro*, abaixo de Chateaubriand, Maria Amélia Whitaker Gondim de Oliveira, e Leão Gondim de Oliveira, era o de diretor-secretário, ocupado por Austregésilo de Athayde, um amigo de Chatô. Segundo Luiz Maklouf de Carvalho, Athayde fora “o eterno diretor-secretário, por muitos anos ocupando este cargo e atuando também como colunista da revista” (2001, p.30).

Esta hierarquia lançava o alicerce de *O Cruzeiro*, formava o arcabouço estrutural da revista. No entanto, o time reunido em *O Cruzeiro* ia muito além da alta cúpula, trazia talentosos escritores, cartunistas, fotógrafos e jornalistas. O jornalista David Nasser começou na revista em 1943, começou por baixo fazendo pequenos trabalhos, até se tornar o grande nome de *O Cruzeiro*, permanecendo na revista até 1974, um ano antes de a revista “fechar em julho de 1975, em bancarrota, depois de quarenta e sete anos de publicação semanal quase ininterrupta (CARVALHO 2001, p.20) ”.

A revista contava com nomes que se tornaram grandes juntos com a revista.

Milton Fernandes, mais tarde Millôr, chegou a *O Cruzeiro* em 1938, na primeira redação da rua 13 de Maio. Milton foi levado pelo tio, Armindo Viola, chefe da seção de gravura, e começou a trabalhar como contínuo, fazendo serviço de leva-e-traz (CARVALHO 2001, p.53).

O jornalista esportivo Armando Nogueira, o cartunista Péricles, criador do *Amigo da Onça*<sup>30</sup>, e o sociólogo Gilberto Freyre – por vários anos colunista de “Pessoas, coisas e animais” (CARVALHO 2001, p.240) – também faziam parte da folha de encargos de *O Cruzeiro*. O *Amigo da Onça* dá “o ar de sua graça” em 23 de outubro de 1943 mantendo sua publicação praticamente regular durante os mais de 30 anos seguintes em que a revista foi publicada (ZAMMATARO 2009, p.37). Após a morte de Péricles, coube a Carlos Estevão manter a publicação do sucesso *Amigo da Onça*. Péricles havia se suicidado em seu apartamento ligando o gás com as portas trancadas. “Antes, porém deixou dois bilhetes. Um, apesar do fato trágico, não deixou de ter seu tom de humor. Deixa um recado atrás da porta: “Não risquem fósforos” e o outro dizendo respeito às razões de seu suicídio” (ZAMMATARO 2009, p.53).

A contista Rachel de Queiroz começou no fim da década de 1940 “com um impasse sobre o título da coluna que iria escrever na última página. Millôr sugeriu “Última página” mesmo, e assim ficou batizada a coluna que Rachel escreveria por ininterruptos trinta anos” (CARVALHO 2001, p.105). O jornalista norte-americano Drew Pearson, assinou a coluna “O carrossel do mundo” por muitos anos. O jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues integrava o seleto grupo de intelectuais angariados por Chateaubriand.

Nelson vivia a glória da estreia de *Vestido de noiva*, sua segunda peça. Ficou editando as revistas *Detetive* e *O Guri*, mas escrevia pontualmente para *O Cruzeiro* – desde que fosse sobre seu próprio trabalho teatral. Os artigos saíam assinados com pseudônimos. Alceu Pereira foi um deles, é claro. Nelson logo brilharia em *O Jornal*, com a Suzana Flag do folhetim “Meu destino é pecar”, um estrondoso sucesso de 1949 (CARVALHO 2001, p.104).

Em *O Cruzeiro*, literatura não faltava:

Otto Maria Carpeaux escrevendo sobre “o profeta Portinari”; Murilo Rubião com seu “Pirotécnico Zacarias”; Marques Rebelo com o conto “Duas almas no jardim”; Graciliano Ramos com “Um homem forte”; Adalgisa Néri com “A volta de Lorisa Rainer”; Joel Silveira com o conto “O mistério”, ilustrado por bonecos de Nássara (CARVALHO 2001, p.62).

---

<sup>30</sup> Cf: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). *O Amigo da Onça: uma expressão da alma brasileira*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/ LEDI, 2009.

Pode-se notar um corpo editorial muito competente, aliado a um grupo de jornalistas e intelectuais das mais variadas áreas, que fariam desta revista – juntamente com o grupo Diários Associados – um sucesso editorial sem precedentes no Brasil. Há pouca variação no padrão editorial durante a primeira metade da década de 1950, a fórmula de sucesso encontrada na década anterior é mantida. Inspirada na americana *Life* e na francesa *Match*, *O Cruzeiro* tem o fotojornalismo como ponta-de-lança na disputa de mercado, atingindo seu auge de vendagem nesta década, sendo considerada a década de ouro da revista.

## O Fotojornalismo

Durante a primeira metade do século XX nasce uma nova forma de abordagem jornalística, que é difundida por todo o Ocidente e muda a forma de diagramação dos periódicos, o fotojornalismo, que segundo o teórico da comunicação Jorge Pedro Sousa

é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação (SOUSA 2004, p.9).

De fato, a imagem passa a exercer dominância sobre a página escrita, dando mais dinâmica a publicação. “Iniciava-se uma era em que a comunicação das revistas tornava-se mais ágil com o uso de imagens que se sucediam em um ritmo parecido ao do cinema” (ROMANELLO 2009, p.19). Sobre o desenvolvimento do fotojornalismo, nos mostra Luiz Maklouf de Carvalho:

Esse novo método de abordagem jornalística, em que a fotografia tem um papel essencial, nasceu com as revistas ilustradas alemãs e francesas entre o final dos anos 20 e o começo dos anos 30 e consolidou-se com o lançamento da revista americana *Life*, em novembro de 1936. Aos poucos, o modelo *Life* ganhou o mundo. A francesa *Match* – não confundir com *Paris Match*, que é posterior à Segunda Guerra – foi a primeira a seguir-lhe os passos, a partir de 1938. O *Cruzeiro* só o faria com a reformulação editorial iniciada no final de 1943 (2001, p.63).

É com a vinda do fotógrafo francês Jean Manzon, que esta reformulação editorial ocorre em *O Cruzeiro*. Fugindo da Segunda Grande Guerra, Manzon chega ao Brasil em 1940, trabalhando inicialmente no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tornando-se próximo de Getúlio Vargas.

Como repórter fotográfico, Jean Manzon teve papel pioneiro dentro de *O Cruzeiro*. Em 1944, quando chegou à revista, o quadro de repórteres era praticamente inexistente, pois só havia na empresa o fotógrafo Edgard Medina, encarregado de fotografar as solenidades mais formais (PELEGRINO 1991, p.86).

Durante muito tempo jornalista David Nasser trabalhou com o fotógrafo francês Jean Manzon, formando a dupla do fotojornalismo mais famosa da época. Manzon foi o responsável por significativas mudanças em *O Cruzeiro*, devido à experiência adquirida em revistas europeias que havia trabalhado - como a francesa *Match* - enriqueceu as técnicas de fotografia conhecidas no Brasil. O Ex-repórter fotográfico da revista *Match* e do *Paris Soir*, o maior vespertino que havia em Paris, Jean Manzon foi o fotógrafo mais famoso da revista *O Cruzeiro*, introduzindo no Brasil as tecnologias usadas na Europa. O francês introduziu no Brasil a dobradinha repórter-fotógrafo, inaugurando o fotojornalismo no Brasil, editando uma dupla de muito sucesso com o jornalista David Nasser (MORAIS 1994, p.418). “A *Match*, queria o sensacional, o pitoresco, o insólito, o inverossímil, e Manzon se adequaria à perfeição a esse estilo, mesmo que para isso tivesse que recorrer a truques ou falsificações” (CARVALHO 2001, p.65). A dupla Nasser e Manzon teria sincronia perfeita, recorrendo a truques e falsificações se necessário, Manzon não hesitava diante de uma boa oportunidade de fotografar, e Nasser - que segundo José Alberto Gueiros – “era o rei em romancear a verdade” (CARVALHO 2001, p.199), ficou conhecido também por nem sempre fazer uma descrição fiel em seu texto sobre a matéria tratada. A dupla tornou a fotorreportagem um sucesso em *O Cruzeiro*. Guardada a importância de Manzon,

*O Cruzeiro* abrigou fotógrafos de primeira linha tais como: Flávio Silveira Damm, José Araújo de Medeiros, Indalécio Wanderley, Ed Keffel, Henri Ballot e outros, chegando a manter um elenco de 25 fotógrafos contratados além dos colaboradores (ROMANELLO 2009, p.21).

*O Cruzeiro* trouxe grandes inovações na imprensa brasileira, talvez a mais importante delas tenha sido a valorização da imagem por meio do fotojornalismo. A fotografia passa a ter papel fundamental na apresentação e diagramação da revista, “as capas eram assinadas com se fosse quadros” (GAWRYSZEWSKI 2009 p.35), tamanha a importância da imagem na revista. O uso amplo de recursos visuais (fotos, ilustrações) e gráficos-visuais (manchetes, títulos, logotipos, cores, fundos etc.) apontaria para a crescente concorrência pela atenção do público (LATTMAN-WELTMAN 1996, p.166).

Estratégia que se mostrou acertada, pois foi com a vinda de Jean Manzon em 1944 e o advento do fotojornalismo que a revista alcançou a marca das

100 mil edições publicadas, tendo seu topo histórico com tiragem de 720 mil exemplares em 1954 com o suicídio de Getúlio Vargas. Fato que pode ser observado no gráfico elaborado por José Estevam Gava<sup>31</sup>.

**Gráfico 1** – Progressão da tiragem de *O Cruzeiro*



**Fonte:** GAVA, José Estevam. MOMENTO BOSSA NOVA: arte, cultura e representação sob os olhares da revista *O Cruzeiro*. ASSIS: 2003. 215p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Ciências e Letras - UNESP.

Jean Manzon encontra uma revista *O Cruzeiro* pautada pelo *fait-divers*, e ajuda a transformá-la em uma *Life*. O *boom* de vendas ocorre após as mudanças implementadas por Manzon, que encontram um parque editorial de ponta, apoiado pelo crescente processo de industrialização pelo qual o Brasil passava.

De acordo com que se viu até o momento é possível afirmar que a revista *O Cruzeiro* ocupou um lugar de vanguarda na imprensa brasileira dos anos cinquenta.

<sup>31</sup> GAVA, José Estevam. MOMENTO BOSSA NOVA: ARTE, CULTURA E REPRESENTAÇÃO SOB OS OLHARES DA REVISTA O CRUZEIRO. Assis: 2003,p.26. Tese (doutorado em História Social) – UNESP – SP.

### CAPÍTULO 3 - CARROSSEL DO MUNDO: O “VAI E VEM” DA POLÍTICA INTERNACIONAL E O CONTEXTO BRASILEIRO

Na década de 1950 as colunas sobre política eram ainda jovens, certamente uma novidade. O “Carrossel do Mundo” tratava dos bastidores da política, entre os temas mais frequentes, abordava a dinâmica do Capitólio, a Guerra da Coréia, problemas nas Forças Armadas, o antagonismo com a União Soviética, entre outros. Geralmente as colunas vêm próximas à programação cultural, aos assuntos variados, itens entre a preferência do leitor. A coluna “Carrossel do Mundo” vinha ao lado da programação “Fato em Foco”<sup>32</sup>, frequentemente uma imagem de página inteira acompanhada de um *box* de texto que invadia a parte inferior direita da página da coluna de Drew Pearson. Tratava sempre de um fato curioso, alguma festividade, as publicações eram bem diversas. Certamente era uma parte muito bem acompanhada pelos leitores da revista, provavelmente uma das mais importantes, dada sua posição central na revista e o longo período que foi publicada. Um padrão que foi notado em nossa pesquisa é que quando o jornalista responsável pela sessão “Fato em Foco” era David Nasser, o *box* de texto que invade a página da coluna “Carrossel do Mundo” era o dobro do tamanho do normal, provavelmente isso se deve ao prestígio que tinha o jornalista.

O *Cruzeiro* era propriamente uma revista de imagens, para se ter uma ideia do apelo imagético nesse periódico, no ano do suicídio de Vargas, 1954, a revista teve 52 edições publicadas com uma média de 213 fotografias por edição, considerando fotografias em reportagens e propagandas<sup>33</sup>. Em meio a tanto destaque para a imagem uma coluna de página inteira é muito significativo. A revista contava com 130-150 páginas, uma página por edição pode parecer pouco, no entanto nenhum tema específico contou com uma página inteira, em todas as edições, por mais de quinze anos. Dessa forma, podemos conjecturar que o conteúdo da coluna de Drew Pearson era realmente de grande importância dentro da revista, mais que isso, era rentável. O anticomunismo tinha grande impacto mercadológico e político, e o “Carrossel do Mundo” em *O Cruzeiro* era anticomunista

---

<sup>32</sup> Ver Anexo C.

<sup>33</sup> Dados retirados da tese de doutorado de Jorge Luiz Romanello, sob o título de: A natureza no discurso fotográfico da revista *O Cruzeiro*: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista. Ver: Anexo 2, tabela 2, p. 254.

de ponta a ponta. Das 196 edições consultadas todas as publicações de Drew Pearson possuíam caráter anticomunista.

Pearson se definiu como um jornalista pessimista e descrente<sup>34</sup>, esperando sempre o pior no desenrolar das notícias. Fazia um jornalismo de combate e perseguição. Demarcava espaço, misturava fatos e boatos, cada linha escrita era um disparo e sua munição foi quase infinita, seus textos foram divulgados em mais de 600 jornais, fora sua importante coluna *Washington Merry go round* e seu programa de rádio. O que Pearson fazia era lutar com palavras, empreendeu verdadeira guerrilha jornalística. Seus adversários estavam entre presidentes, senadores, generais. Como o próprio costumava dizer ele operava pelo sentido do olfato: “Se algo cheira mal, eu vou trabalhar”<sup>35</sup>.

O jornalista sabia fazer publicidade de si mesmo. Pearson havia publicado as minutas e um relatório da Comissão de Finanças do Senado, em que comprovava uma fraude dos envolvidos. A Comissão queria prender Pearson para que ele revelasse a fonte em que conseguiu os documentos. Nas páginas do dia seguinte estava estampada a manchete: “Pearson irá para a cadeia?”<sup>36</sup>. Drew sabia que não seria preso e não revelaria suas fontes, os Estados Unidos têm uma relação muito forte com a liberdade de imprensa. Outra oportunidade em que se promoveu foi quando empreendeu a ideia de, por meio de uma locomotiva que atravessou os Estados Unidos, arrecadar alimentos para os povos da Europa Ocidental. Esta iniciativa ficou conhecida com “Trem da Amizade”, que Pearson destaca na passagem: “Foi nesse momento transcendental que a ajuda americana, sob a forma de “trêns da amizade”, víveres para os europeus e o Plano Marshall, quebrou a espinha dorsal do intento comunista de apossar-se da Europa”<sup>37</sup>.

Drew Pearson pode ser apontado como um jornalista *muckcraker*, seu mote de trabalho “procurar o que cheira mal” é muito semelhante ao jornalismo investigativo *muckcraker*. Possuía grande rede de informações, principalmente no Capitólio<sup>38</sup> e nas Forças Armadas. A maioria de seus textos tratam dos problemas da Guerra na Coréia, do comando das Forças Armadas e dos bastidores da política

<sup>34</sup> O Cruzeiro. 13/10/1951, p.70.

<sup>35</sup> Ver em: [http://www.cjr.org/essay/keeping\\_secrets.php?page=all&print=true](http://www.cjr.org/essay/keeping_secrets.php?page=all&print=true). “If something smells wrong, I go to work.” Acesso: em 12/01/2015.

<sup>36</sup> O Cruzeiro. 07/07/1951, p.72.

<sup>37</sup> O Cruzeiro. 14/04/1951, p.70.

<sup>38</sup> É o prédio que serve como centro legislativo do governo dos Estados Unidos.

estadunidense. Devido à proximidade que possuía com as Forças Armadas, relata que algumas vezes militares o procuravam para denunciar desmandos dentro da Força. Como em o “Carrossel do Mundo” em um texto intitulado “soldados escrevem”, que “como às vezes é difícil um soldado criticar as injustiças nas Forças Armadas enquanto vestem o uniforme, muitos deles escreveram a este cronista”<sup>39</sup>.

Alguns inimigos Drew fez no seio das Forças Armadas, sendo os mais notáveis o General George S. Patton<sup>40</sup> e General Douglas MacArthur<sup>41</sup>. No famoso incidente em que Patton estapeou um soldado, o que lhe custou o posto de Comandante do Dia D, o primeiro jornalista a publicar a história foi Drew Pearson. Quando Patton morreu, em 1945, era um dos Generais mais importantes dos Estados Unidos, Pearson parece ter transferido seus ataques em Patton para o General MacArthur, promovendo verdadeira perseguição ao General. Pearson era um grande polemista e atuava por meio dela.

Outro caso de grande repercussão que denota o modo de atuar de Drew ocorreu com o então Secretário de Defesa dos Estados Unidos, James Forrestal<sup>42</sup>. O jornalista não concordava com a política traçada por Forrestal e passou a pedir sua remoção do cargo. Chegou a afirmar para seu discípulo Jack Anderson que Forrestal era o homem mais perigoso da América e que ele poderia causar uma nova Guerra Mundial<sup>43</sup>. Tais circunstâncias somadas à insatisfação de Truman com seu Secretário de Defesa levaram a demissão de Forrestal. Destaquemos a forma em que Pearson<sup>44</sup> expunha a situação:

---

<sup>39</sup> O Cruzeiro. 04/07/1953.

<sup>40</sup> George S. Patton (1885 - 1945). Foi um General do Exército americano, teve sua principal atuação militar durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>41</sup> Douglas MacArthur (1880 – 1964). Foi um General do Exército americano, suas participações mais relevantes foram na Segunda Guerra, no após-guerra como Comandante Aliado no Japão, e como Comandante do Exército das Nações Unidas na Guerra da Coréia.

<sup>42</sup> James Vincent Forrestal (1892 - 1949). Foi o primeiro Secretário de Defesa dos Estados Unidos da América, exercendo o mandato de 1947 – 1949.

<sup>43</sup> Ver: <http://spartacus-educational.com/USApearsonD.htm>. Acesso: em 13/02/2015.

<sup>44</sup> Ver: USA potência de segunda classe? BESTSELLER, 1959. Esta obra foi escrita por Drew Pearson e Jack Anderson, e trata da possível perda do posto de primeira nação do mundo para a URSS, tornando-se uma potência de segunda classe. Este livro mostra a importância que Pearson dava a Defesa Nacional dos Estados Unidos.

Era uma necessidade por que Jim Forrestal não era mais o mesmo. Estava mentalmente perturbado. Sua esposa quase o abandonara. Tinha trabalhado em excesso, sob grande tensão. Fora um excelente Secretário da Marinha. Mas o trabalho demandado pela cooperação entre um Exército, uma Marinha e uma Força Aérea que não desejavam cooperar e, mais ainda, se hostilizavam mutuamente, foi demais para ele. Começou a ficar esquecido. Telefonou ao Procurador-Geral Tom Clark, para queixar-se de que agentes do FBI estavam à sua espera, na antecâmara do gabinete. Sofria de alucinações, mania de perseguição. Nas reuniões do Gabinete não havia quem não notasse que o Secretário da Marinha estava com as faculdades abaladas e, embora seu afastamento estivesse marcado para 1º de maio, Truman decidiu antecipar a data para 3 de março. Muita gente, entre a qual Truman, Johnson e Drew Pearson, tem sido responsabilizada pelo subsequente suicídio de Forrestal. Na verdade, o processo de perturbação mental que o afetava tivera início seis ou nove meses antes de seu afastamento compulsório e muito antes daquela trágica noite em Hobe Sound, Flórida, na qual correu para fora de casa de pijama, berrando que o Exército Vermelho estava atrás dele. Nessa ocasião foi agarrado para que lhe ministrassem uma injeção calmante, metido numa ambulância e despachado por via aérea para o Hospital Naval Bethesda, nas proximidades de Washington. Posteriormente, quando o guarda que velava por sua segurança o abandonou por um momento, James Forrestal saltou pela janela de seu quarto (PEARSON; ANDERSON 1959, p.91).

Nesse trecho é possível notar que Pearson usava de meios questionáveis para atacar seus opositores, pondo em cheque a sanidade de Forrestal e destacando a situação constrangedora de sua morte. Destaca-se que não há outras referências, à exceção de Pearson, do episódio em *Hobe Sound* em que o Secretário de Defesa berra que o Exército Vermelho o perseguia.

Pearson procurava sempre aparecer no centro dos acontecimentos. Publicava de Washington, D.C., e por algumas vezes a coluna “Carrossel do Mundo” veio de Belgrado, Iugoslávia<sup>45</sup>; Istambul, Turquia<sup>46</sup>; Roma, Itália<sup>47</sup>. Sob esse aspecto a publicação mais emblemática foi a qual escreveu de Adrianópolis, na Turquia<sup>48</sup>, com o título de: “A dois metros da Cortina de Ferro”. Pearson parecia gostar da ideia de estar no “olho do furacão”, suas publicações em *O Cruzeiro* na sua maioria se iniciavam com a expressão: Washington, via rádio -.

A coluna “Carrossel do Mundo” em *O Cruzeiro* era composta por textos publicados semanalmente por Drew Pearson nos Estados Unidos, onde

---

<sup>45</sup> O Cruzeiro. 14/04/1951.

<sup>46</sup> O Cruzeiro. 21/04/1951.

<sup>47</sup> O Cruzeiro. 28/04/1951.

<sup>48</sup> O Cruzeiro. 31/03/1951.

morava, e após serem compilados eram enviados via rádio, vindo geralmente com 20-30 dias de atraso. O texto de Pearson de 30 de janeiro de 1951, por exemplo, foi publicado na coluna em 24/02/1951. Assim como o texto de 02/03/1951 foi publicado em 31/03/1951, e o de 14/03/1951 veio a público aqui em 14/04/1951. A edição da revista passou a não mais expor a data dos textos de Pearson, provavelmente para não denunciar o atraso em que eles eram publicados em *O Cruzeiro*. O título da coluna expunha o tema principal, no entanto os subtítulos podiam ou não estar relacionados com a matéria principal. Isso se deve ao fato da coluna ser um agrupamento de textos variados, mas que no geral formavam um corpo homogêneo<sup>49</sup>.

Pode-se dizer que a coluna de Pearson era um “quebra cabeça” de temas quentes, um jornalismo que buscava publicidade e que estava sempre tratando dos assuntos do momento. No entanto não era sem propósito, o maior objetivo de Drew Pearson, em suas publicações, era a Segurança Nacional dos Estados Unidos, daí sua proximidade com a política de Washington e com as Forças Armadas.

É a tirania da preguiça, da ignorância e da negligência elevadas a posições de mando; é a tirania do oportunismo político e do cinismo; uma tirania que coloca os planos eleiçoeiros acima dos planos da segurança nacional. É uma das razões pelas quais os Estados Unidos estão a caminho de converter-se numa potência de segunda-classe (PEARSON; ANDERSON 1959, p.47).

Esse trecho em particular, acreditamos que se refira ao Senador McCarthy<sup>50</sup>, outro desafeto de Drew Pearson, que segundo ele usava o anticomunismo apenas para se eleger. O discurso anticomunista de Pearson era uma ferramenta utilizada por ele em favor da Defesa Nacional dos Estados Unidos, conferia-lhe autoridade e capital político. A disputa entre Pearson e McCarthy em torno do anticomunismo ocorreu provavelmente em função da primazia do uso desse discurso.

Das 196 publicações consultadas, foram citadas em nossa pesquisa 41 delas. O critério de escolha foi subjetivo, destacando as publicações de viés

<sup>49</sup> Para melhor compreensão desta coluna e de nossas opções de recorte, transcrevemos uma publicação de cada ano durante o período analisado. Ver anexos D, E, F, G.

<sup>50</sup> Joseph Raymond McCarthy (1908 - 1957). Foi um político norte-americano Senador pelo Estado de Wisconsin entre os anos de 1947 e 1957.

explicitamente anticomunista. O ano de 1951 contou com 23 citações da coluna em nossa pesquisa; 1952 com 10 citações; 1953 com 7; e 1954 com apenas 1 citação.

**Tabela 3 – Número de matérias citadas por ano**

<b>Ano</b>	<b>Número de Matérias Citadas</b>
1951	23
1952	10
1953	7
1954	1
<b>Total</b>	<b>41</b>

Supomos que a incidência dessas citações, esteja relacionada as eleições presidenciais de 1952, cuja plataforma política de Eisenhower era “Coréia, comunismo e corrupção”, o que resultaria em maior incidência do anticomunismo na mídia. Contabilizamos a frequência desses principais temas nas 196 publicações consultadas e chegamos na seguinte distribuição:

**Tabela 4 – Temas predominantes por ano**

<b>Ano</b>	<b>Temas predominantes</b>
1951	Guerra da Coreia – 22; Comunismo – 53; Corrupção - 02
1952	Guerra da Coréia – 10; Comunismo – 52; Corrupção - 09
1953	Guerra da Coréia – 18; Comunismo – 50; Corrupção - 04
1954	Guerra da Coréia – 02; Comunismo – 41; Corrupção - 05

## O Anticomunismo de Drew Pearson.

As muralhas do Cremlin não são as muralhas de Jericó. Elas não ruirão, abaladas por sete declarações de Foster Dulles. Nem cederão a uma civilização na qual Elvis Presley ganha mais que o presidente dos Estados Unidos, na qual motoristas de caminhão em Chicago ganham mais que a maioria dos professores, na qual um terço das receitas apresentadas aos farmacêuticos para aviamento é constituído de pílulas tranquilizadoras. A estrada de Miltown não é a estrada da vitória sobre o governo vigoroso e inescrupuloso que dirige a Rússia. Não podemos vencer a batalha da liberdade nem alcançar o grande objetivo da paz se mantivermos nossas cabeças enfiadas nas areias da ignorância (PEARSON; ANDERSON 1959, p.XI).

As muralhas do Kremlin não caíam sem esforço, os Estados Unidos teriam de lutar em todas as frentes, no plano armado, psicológico e cultural. No plano armado, no espaço de tempo em que nossa pesquisa se estende, o principal conflito foi a Guerra da Coreia. A comunista Coreia do Norte lançou suas tropas para além do paralelo 38, o qual separava a Coreia do Norte da Coreia do Sul, fato que ocasionou o engajamento das tropas americanas na região (TARR 1968, p.50). Os chineses comunistas e os soviéticos tomaram partido da Coreia do Norte, enquanto as Nações Unidas se engajaram em defesa a Coreia do Sul. Sobre esse acontecimento declarou o Presidente do Brasil Getúlio Vargas em mensagem ao Congresso Nacional, “O ano de 1951 começara sob desígnios sombrios: as forças da ONU na Coreia estão ameaçadas seriamente pela pressão comunista do Norte, sobretudo dos chamados “voluntários” chineses (Mensagem presidencial ao Congresso Nacional 1951, p.23)<sup>51</sup>. A ONU havia sido criada em 1945 após a Segunda Guerra Mundial e o comando militar das Nações Unidas na Coreia foi dado inicialmente ao General MacArthur, passando posteriormente para o General Ridgway<sup>52</sup>. Pearson combateu com o General MacArthur, por publicidade ou discordância de ideias o fato é que MacArthur, durante e depois de ser destituído do comando militar das Nações Unidas na Coreia, foi citado em 29 das 196 publicações analisadas de “Carrossel do Mundo”. Em certa ocasião Pearson publicou em

---

<sup>51</sup> Documentação encontrada em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1333/000020.html>. Acesso: em 13/01/2015.

<sup>52</sup> Matthew Bunker Ridgway (1895 - 1993). Foi um General do Exército norte-americano que sucedeu o General MacArthur no comando das Nações Unidas na Coreia.

“Carrossel do Mundo” uma matéria intitulada “A mãe de MacArthur”<sup>53</sup>. O jornalista foi polido ao tratar da mãe do General na matéria, mas com certeza foi uma provocação. No entanto, o golpe mais baixo de Pearson em MacArthur foi dado antes da Segunda Guerra, provavelmente foi a origem de toda hostilidade entre ambos. MacArthur havia movido um processo contra Pearson por calúnia e difamação, decorrência de uma matéria escrita pelo jornalista. Pearson, à época do julgamento, ameaçou chamar para depor a amante do General, bem como expor suas cartas de amor, as quais Pearson teve acesso. Ao final MacArthur retrocedeu e teve que pagar 15 mil dólares a Drew e retirar o processo, para que Pearson mantivesse o segredo<sup>54</sup>. O tom de Pearson ao tratar do General era frequentemente o de crítica, como nesta publicação em que compara MacArthur a Ridgway:

Alguns senadores acreditam que é uma opção criminosa da imprensa criticar os erros militares. É um ponto de vista aceito também por alguns altos chefes militares, embora não o seja por todos. Entretanto, para corrigir os equívocos é preciso saber que eles existem, sendo um bom exemplo a magnífica maneira pela qual o General Matthew Ridgway aproveitou as lições oriundas dos erros do General MacArthur na Coréia<sup>55</sup>.

Segundo Pearson, o General foi destituído do comando por uma sequência de erros estratégicos, a vontade de bombardear bases chinesas, e principalmente por passar à frente do Presidente Harry Truman externando uma proposta de paz que o próprio Presidente pretendia formular<sup>56</sup>.

Com a chegada de MacArthur a Washington a cidade se agita com o herói. Pearson relata a ironia deste fato, onde pessoas como Marshall<sup>57</sup> e Bradley<sup>58</sup> – que tinham recomendado a demissão de MacArthur – estavam no aeroporto para recebê-lo. Pearson se pergunta: como um homem que foi demitido pode ter uma

---

<sup>53</sup> O Cruzeiro. 16/06/1951, p.74.

<sup>54</sup> Ver: <https://books.google.com.br/books?id=wOQjAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Pp.158. Acesso: em 23/01/2015.

<sup>55</sup> O Cruzeiro. 24/03/1951, p.78.

<sup>56</sup> O Cruzeiro. 26/05/1951, p.82.

<sup>57</sup> George Catlett Marshall, Jr (1880 - 1959). Foi um General norte-americano, mundialmente conhecido por ser o autor do Plano Marshall, de ajuda financeira aos países arrasados na Europa Ocidental.

<sup>58</sup> Omar Nelson Bradley (1893 - 1981). Foi um General norte-americano, famoso por ter comandado a Invasão da Normandia.

recepção tão calorosa (PEARSON 1974, p.155)<sup>59</sup>? Era natural que o General MacArthur enquanto no comando das tropas na Coréia, fosse alvo dos jornalistas, mas Pearson certamente exagerava em sua perseguição.

A Guerra da Coréia, portanto, representava a disputa entre capitalistas e socialistas no plano armado da Guerra Fria. Um plano intitulado “bala de prata”, segundo Pearson, estava sendo examinado pelos estrategistas norte-americanos para reduzir o potencial bélico do inimigo.

Uma proposta específica oferece dinheiro e uma garantia de recebimento de víveres a cada soldado chinês que se render às forças das Nações Unidas na Coréia. Um soldado armado de fuzil terá direito a 10 dólares e a alimentos durante seis meses. Um soldado que entregar um morteiro receberá uma onça de ouro, e assim, sucessivamente. Há preço para quem entregar um avião e até para um general que se render com todas as suas tropas. Informações da frente dizem que apenas uma fração dos soldados chineses é realmente composta de comunistas e, portanto, talvez invulneráveis a esses projéteis<sup>60</sup>.

Os americanos pareciam convencidos que o confronto direto não era a melhor opção para os Estados Unidos, eles já haviam feito esforços consideráveis durante a Segunda Guerra. Acrescentava Pearson, “Jamais quisemos perceber que a Rússia nunca foi conquistada pela força das armas”<sup>61</sup>. Argumentava também que de acordo com o general Bedell Smith, ex-Embaixador dos Estados Unidos em Moscou, “os Estados Unidos não devem acreditar na possibilidade de derrotar a Rússia com homens. Na sua opinião, a única maneira de consegui-lo será levar a propaganda democrática para dentro da Cortina de Ferro”<sup>62</sup>.

As muralhas do Kremlin não caíam como as muralhas de Jericó, era preciso transformar a Cortina de Ferro em uma cortina de rendas<sup>63</sup> e para Pearson a propaganda era o caminho. Aí passamos ao plano psicológico. A ideia era romper a Cortina de Ferro, não com armas, mas com publicidade. O povo russo deveria saber que os americanos desejavam a amizade deles, e que se opunham

<sup>59</sup> Ver: PEARSON, Drew. Drew Pearson diaries 1949-1959. New York: Book Club Edition edition, 1974. Trata-se de um diário informal de Pearson, publicado após sua morte.

<sup>60</sup> O Cruzeiro. 03/02/1951, p.74.

<sup>61</sup> O Cruzeiro. 13/10/1951, p.70.

<sup>62</sup> O Cruzeiro. 10/02/1951, p.64.

<sup>63</sup> O Cruzeiro. 04/08/1951.

apenas ao governo soviético. Pearson publica um texto na sua coluna em *O Cruzeiro*, sob o título de “Um defensor da democracia”<sup>64</sup>. Segundo ele,

O Departamento de Estado pediu ao público que lhe consiga um bom nome para o novo navio de propaganda, que navegará ao redor da Rússia com um poderoso transmissor, irradiando a verdade para o outro lado da Cortina de Ferro. Eis alguns nomes propostos pelo povo: “Rompe Cortina”, “A voz da Liberdade”, “A Voz da Democracia”, “Fala a Liberdade”, “Espírito da Verdade”, “Voz da Paz”, “Espírito da Paz”, “Liberdade Flutuante”, “Arauto da Verdade”, “Reconciliador” e “A Voz da Fraternidade”.

Outra tática empregada foi a dos balões<sup>65</sup>, segundo a qual:

Um total de quinze milhões de mensagens amistosas foi lançado sobre uma região menor do que os estados de Virgínia e Virgínia Ocidental juntos, povoada por doze milhões e meio de pessoas. A maior parte dessas mensagens cai do céu como chuva. São lançadas de uma altura de dez mil metros, quando o balão que as transporta se parte. Cada balão leva duas mil mensagens, impressas em papel especial à prova de água e dobrado de tal maneira que os folhetos levam duas horas para descer, mas se espalham em todas as direções.

Assim, “as mensagens levadas em balões são um símbolo do que se pode fazer para transformar essa cortina de ferro numa cortina de rendas”<sup>66</sup>. Afinal, se os russos se virassem contra seu governo os Estados Unidos teriam caminho livre.

No plano psicológico cabe também ressaltar a importância da bomba atômica, que não foi utilizada durante a Guerra Fria e serviu mais como fator psicológico sobre o adversário. Garantia-se dessa forma, uma paz forçada.

A tecnologia produziu armas de tanto terror e destruição, que a guerra agora ameaça a própria sobrevivência da humanidade. Sombrias predições são feitas por romancistas, cientistas e políticos no sentido de que a destruição da civilização é iminente e de que aos homens e às nações não resta outra alternativa que não seja a de por de lado divergências mesquinhas e converter imediatamente as espadas da guerra nas relhas da paz (TARR 1968, p.11).

---

<sup>64</sup> O Cruzeiro. 01/03/1952, p.76.

<sup>65</sup> O Cruzeiro. 06/10/1951 p.72

<sup>66</sup> O Cruzeiro. 04/08/1951.

A bomba atômica além de poder efetivo em combate conferia poder diplomático, como explica Tarr:

O poderio militar é usado não só no ato da guerra, para a defesa de um ataque ou para lançar um ataque, mas também (e talvez mais significativamente) para o apoio da diplomacia de uma nação a fim de que esta obtenha crédito para sua política. O poderio militar existe como uma sanção da política externa de uma nação; é usada como meio de intimidar as intenções agressivas de outros estados; acentua as manobras diplomáticas; é, em suma um elemento essencial da psicologia política (1968, p.16).

Pearson, naturalmente, conhecia esse poder de dissuasão e entendia os riscos dos Estados Unidos não possuir mais o monopólio da bomba. Desta forma, ele atuava no campo psicológico buscando por os Estados Unidos em vantagem.

Os Estados Unidos farão explodir outra bomba de hidrogênio na primavera que vem e os russos conseguirão a primeira bomba dessa espécie. Em 1953, os americanos acumularão uma quantidade tão grande de bombas atômicas que pode ser que a produção diminua, pois será atingido um número suficiente para destruir qualquer inimigo<sup>67</sup>.

Segue outro exemplo em “Carrossel do Mundo”:

Acredita-se que os russos tenham um estoque de duzentas bombas atômicas, no máximo. Em contraste com isso, não é nenhum segredo que os Estados Unidos contam com um número muitíssimo maior, assim como um estoque ilimitado de urânio e pelo menos meia dúzia de novas armas atômicas que a Rússia desconhece<sup>68</sup>.

Não bastava possuir as armas, era necessário anunciá-las. Na coluna “Carrossel do Mundo” a energia nuclear e a bomba atômica foram temas frequentes. Em outra matéria publicada na sua coluna em *O Cruzeiro*, Pearson expõe a fala do General James A. Gavin, na qual defende o uso da bomba atômica na Guerra da Coréia, e em seguida reforça o argumento do General com estatísticas das perdas americanas nessa guerra.

---

<sup>67</sup> O Cruzeiro. 07/02/1953, p.64.

<sup>68</sup> O Cruzeiro. 17/11/1951, p.76.

“Os comunistas chineses e coreanos seguem a tradicional tática soviética de reunir enormes massas de homens e armamentos para conseguir seus objetivos, sejam quais forem as baixas que venham a sofrer. A bomba atômica é a resposta a essa tática”. Os Estados Unidos perderam nessa batalha 36 navios, tiveram 368 navios danificados, perderam 736 aviões e sofreram 48.025 baixas. Todas essas perdas, diz Gavin, ter-se-iam evitado com uma única bomba atômica<sup>69</sup>.

Em um tempo que a ciência se aproximava do apocalipse bíblico, a bomba de hidrogênio e cobalto seria o famoso cavaleiro. Quando o físico Leo Szilard anunciou ao mundo, por meio do programa radiofônico, o estrago que poderia causar uma bomba de hidrogênio acrescida de cobalto, a provável sensação era de pânico e perplexidade, a humanidade havia conseguido meios de se extinguir.

um dos pais da era atômica, Leo Szilard, afirmou que seria “bastante fácil manipular uma bomba H” para produzir uma “radioatividade muito perigosa”. A única coisa necessária, disse Szilard, seria envolver a bomba com um elemento químico como o cobalto, que absorve a radiação. Ao explodir, a bomba lançaria uma poeira radioativa no ar, como um vulcão artificial. Pouco a pouco e em silêncio, esse assassino invisível cairia sobre a superfície. “Todos estariam mortos”, ele disse (SMITH 2007, p.16).

Drew Pearson havia de capitalizar em cima da notícia. Soltou uma matéria em sua coluna, a respeito de uma quadrilha internacional de contrabandistas que estavam vendendo cobalto para os países atrás da Cortina de Ferro.

Essa notícia é alarmante, porque o cobalto é um material magnético ao qual pode transmitir-se uma grande carga de radioatividade e porque os cientistas dizem que a bomba de hidrogênio que tiver uma parte de cobalto lançará uma dose tão venenosa de poeira radiativa que matará qualquer coisa em seu caminho<sup>70</sup>.

Era importante manter o medo do comunismo vivo, embora este não pudesse ultrapassar a confiança do povo no governo norte-americano. Possivelmente Drew Pearson não era favorável ao uso de armas atômicas, embora não tenhamos encontrado evidências concretas sobre a questão. Mas o fato é que

---

<sup>69</sup> O Cruzeiro. 13/01/1951, p.58.

<sup>70</sup> O Cruzeiro. 22/05/1954, p.84.

ele participava da construção da ameaça atômica através da constante propaganda em sua coluna.

O campo cultural é amplo e engloba os outros dois anteriores, a Defesa armada e a Defesa “psicológica” contribuem para a formação de um modo de pensar e agir, que nesse caso específico se consolidou como anticomunismo. “Sua base de atuação estaria centrada, portanto, numa atitude de recusa militante ao projeto comunista. Ressalte-se, comunismo entendido como a síntese marxista-leninista originadora do bolchevismo e do modelo soviético” (MOTTA 2002, p.XIX).

Após a ascensão dos bolcheviques ao poder na Rússia, o entusiasmo e a esperança dos revolucionários, somados à crise da sociedade liberal no contexto pós-Primeira Guerra, provocaram considerável crescimento da influência dos ideais comunistas. Isso provocou um movimento anticomunista organizado a partir da necessidade percebida por algumas lideranças conservadoras de conter a escalada revolucionária (MOTTA 2002, p.XX).

Como resposta ao crescimento da área sob influência soviética, os Estados Unidos se propuseram a desempenhar o papel de principal fortaleza anticomunista. Empenharam o peso de seu poder e riqueza na sustentação aos grupos dispostos a enfrentar o “inimigo” comunista, oferecendo-lhes suporte ideológico, político e material (MOTTA 2002, p.XXI). “No Brasil, a campanha contra o comunismo começou através da imprensa, logo após a tomada de poder pelos bolcheviques” (MOTTA 2002, p.4). A imprensa foi uma instância muito importante e Drew Pearson era um dos maiores expoentes anticomunistas da imprensa estadunidense. Suas publicações mantinham a chama do anticomunismo acesa nos mais de 600 jornais e revistas em que publicava. Em *O Cruzeiro* publicou em 1952 uma matéria sob o título: “A luta anticomunista na Rússia”.

Uma poderosa estação de onda curta, montada num carro de reboque, se move constantemente numa região montanhosa, interrompendo o discurso de altos funcionários soviéticos com comentários mordazes e gritos de guerra revolucionários. A estação é mantida pelo mais antigo movimento anticomunista da Rússia, o “NTS”, que se organizou na Iugoslávia há quinze anos<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> O Cruzeiro. 19/01/1952, p.62.

De acordo com Pearson mesmo entre os russos havia anticomunistas. Buscava mostrar que o povo russo não era, em sua totalidade, favorável ao governo soviético. Um artifício bastante utilizado era manter o medo do comunismo vivo, como na reportagem sobre o desenvolvimento das bombas russas, as quais de tão pequenas poderiam ser transportadas a qualquer lugar, seria – segundo Pearson - possível, pois, “fazer explodir uma bomba atômica num cais da região portuária de *New York* ou num gabinete público na Estação Grand Central<sup>72</sup>”. Outra famosa tática anticomunista é associar o comunismo com algo ruim, vejamos como Rodrigo Patto Sá Motta discorre sobre isso:

A caracterização do comunismo como coisa ruim, maléfica possui uma outra ordem de representações que tem importância significativa. Trata-se de referências associando a ação revolucionária a doenças e temas correlatos como peste, praga, bacilo, veneno, vírus, câncer etc (2002, p.53).

Em *O Cruzeiro*, na sua famosa coluna, Pearson age exatamente dessa forma, publicando um texto sob o título de “Os comunistas espalham venenos<sup>73</sup>”. O anticomunismo passou a ser, nos Estados Unidos, espaço de poder. O Senador Joseph McCarthy se elegeu várias vezes sobre a plataforma do anticomunismo. Seus discursos e suas perseguições eram tão exagerados que originaram o termo macarthismo<sup>74</sup>. Pearson e McCarthy travaram verdadeira disputa em torno do anticomunismo. Drew acusava McCarthy de usar o anticomunismo como plataforma de campanha, como forma de aparecer na mídia e censurar seus adversários.

---

<sup>72</sup> O *Cruzeiro*. 02/05/1953, p.58.

<sup>73</sup> O *Cruzeiro*. 13/12/1952.

<sup>74</sup> No Brasil o líder da instituição Cruzada Brasileira Anticomunista, Almirante Penna Botto, deu origem a expressão Penabotismo, uma menção jocosa à semelhança entre o Almirante brasileiro e o Senador McCarthy. No entanto o Almirante brasileiro não teve nem de longe o mesmo sucesso que o Senador americano.

Acredito, porém, que McCarthy está sob a influência de um motivo único: a sua paixão por aparecer nas manchetes dos jornais e o desejo de receber mais dinheiro pelas suas conferências. Já não basta ser anticomunista. Devemos ser pró-americanos. Os primeiros direitos democráticos que um ditador cerceia são os da liberdade da palavra e da liberdade de imprensa. Os sexta-colunistas e os mccarthistas já começam a qualificar de comunistas os que não pensam como eles<sup>75</sup>.

Pearson ainda acusava McCarthy de não responder a uma denúncia de sonegação de impostos, usando o anticomunismo como forma de se livrar da acusação.

É um axioma de estratégia militar que a melhor defesa consiste no ataque. Mas na estratégia política parece que a melhor defesa contra a investigação relacionada com o pagamento de impostos consiste em acusar o governo de contar com muitos comunistas no seu seio. Quando se repete essa acusação com bastante frequência e suficientemente alto para que se ouça, pode-se levar vantagem quanto ao pagamento de impostos pessoais. Pelo menos, parece ser essa a tática do Senador Joseph McCarthy, de Wisconsin<sup>76</sup>.

Os ataques feitos pelo colunista a McCarthy eram constantes. Em “Carrossel do Mundo” Pearson afirmou que “durante duas semanas McCarthy procurou contratar os serviços de uma nova datilógrafa. Quatro moças desistiram quando souberam quem ia ser seu chefe<sup>77</sup>” ... McCarthy, por sua vez, em uma festa, chamou a atenção de seus companheiros dizendo que ele seria um herói com muitos senadores se ele estourasse os dentes de Pearson ou quebrasse 15 costelas dele. Pearson, depois que soube do fato, disse que não fazia ideia de onde ele tirou o número 15 (PEARSON 1974, p.121).

Em outra ocasião, Pearson compareceu ao Gridiron Club. Conforme ele andava para o jantar, o Senador McCarthy apareceu com os braços abertos e um sorriso no rosto. Ele disse: “Vou quebrar suas pernas, Drew, mas por agora, só quero dizer olá”. Pearson estava cada vez mais convencido de que existia um parafuso solto em McCarthy (PEARSON 1974, p.125). Os ataques eram mútuos, McCarthy acusou Pearson de parafrasear um relatório secreto, cometendo uma violação de segurança. Pearson suspeitou que as acusações de McCarthy fossem

---

<sup>75</sup> O Cruzeiro. 27/01/1951, p.70.

<sup>76</sup> O Cruzeiro. 22/11/1952.

<sup>77</sup> O Cruzeiro. 07/06/1952, p.38.

calculadas para coincidir com o início de seu novo programa patrocinado na rádio NBC, titulado Comentários de Drew Pearson<sup>78</sup>. Pearson afirmou ter encontrado um novo patrocinador, Harry Hoyt, que pareceu ser um cara durão e capaz de suportar esse tipo de ataque, pois haveria muitos deles (PEARSON 1974, p.158). Drew havia perdido seu primeiro patrocinador quando McCarthy em um discurso no Congresso pediu que os americanos boicotassem o programa de Pearson, como forma de patriotismo. Nessa ocasião Drew perdeu seu patrocinador e doze periódicos cancelaram os contratos que tinham com ele<sup>79</sup>. Por isso Pearson não poderia correr o risco de ficar novamente sem patrocínio, seu novo patrocinador teria que estar disposto a aguentar alguns ataques e Harry Hoyt estava.

Pearson havia se tornado especialista em desferir golpes baixos, dessa vez jogava com a sexualidade do Senador McCarthy. Afirmava possuir uma carta na qual um jovem tenente do exército escreve para o senador Bill Benton confessando como McCarthy realizou um ato de sodomia com ele após McCarthy e o tenente terem se encontrado em um bar. Ao final do imbróglio o rapaz negou ter escrito a carta, não ficando nada provado (PEARSON 1974, p.187-190).

O debate que era político se tornava pessoal, e problemas domésticos passaram a ser tratados como problemas de Estado. Dessa forma se deu a disputa entre Pearson e McCarthy por esse filão político tão lucrativo que é o anticomunismo.

De acordo com o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, o anticomunismo possui três grandes matrizes: o catolicismo; o liberalismo; e o nacionalismo. “Para as lideranças católicas o comunismo era um inimigo irreconciliável da Igreja, um desafio à sobrevivência da religião ao qual só podiam responder com luta” (MOTTA 2002, p.18). Já os liberais “recusavam o comunismo por entender que ele atentava contra os dois postulados referidos, por um lado sufocando a liberdade e praticando o autoritarismo político e, por outro, destruindo o direito a propriedade” (MOTTA 2002, p.38). Enquanto o nacionalismo, por sua vez, é um conceito complexo e ambíguo. O termo “nacionalismo” adquiriu significados distintos ao longo do período contemporâneo, ligado a projetos políticos divergentes, tanto à esquerda quanto à direita. O nacionalismo que serviu de inspiração aos

---

<sup>78</sup> Drew Pearson fazia a coluna de boatos políticos no ar como o fazia na imprensa escrita. Ver: BOND, F. Fraser. Introdução ao jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1962, p.247.

<sup>79</sup> Ver: <http://es.knowledger.de/0242095/DrewPearson%28periodista%29>. Acesso em 15/12/2014.

anticomunistas tem origem remota em modelos conservadores elaborados no século XIX, principalmente associados ao romantismo alemão. Esta vertente do nacionalismo encontrava seu fundamento central na visão da nação como conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social (MOTTA 2002, p.29). “Outra dimensão do nacionalismo anticomunista derivava do repúdio às posições internacionalistas dos comunistas” (MOTTA 2002, p.30). De forma que, “os comunistas seriam, assim, agentes de uma potência estrangeira, a URSS, sua pátria real, o que os tornava traidores do Brasil (MOTTA 2002, p.31)”. Esse repúdio às posições internacionalistas dos comunistas no Brasil se intensificou quando Luis Carlos Prestes, “o dirigente máximo do PCB teria declarado, em resposta à pergunta de um jornalista, que, em caso de guerra com a URSS, os comunistas brasileiros ficariam do lado dos soviéticos” (MOTTA 2002, p.121).

Não se deve confundir esse nacionalismo de direita e matriz do anticomunismo com o nacionalismo de esquerda, este “em sua acepção implica na afirmação do Estado nacional como agente político e econômico, fiador da soberania brasileira frente ao imperialismo das potências capitalistas” (MOTTA 2002, p.29).

## **A Defesa Hemisférica e o internacionalismo.**

Antes da Segunda Guerra, os Estados Unidos mantinham uma política tida como isolacionista, o que consistia em interferir apenas na política Hemisférica Ocidental, isolando-se da Europa e seus problemas. Os norte-americanos introduziam uma nova política hemisférica, que ficou conhecida como Política de Boa Vizinhança. Cristina Pecequilo esclarece essa política:

Na década de 1930, com a presidência de Roosevelt, observamos a primeira tentativa de reformular as bases do relacionamento hemisférico (que havia dado os primeiros passos na administração de Hoover), introduzindo uma dimensão de diálogo entre as diferentes partes da América. A Política de Boa Vizinhança (PBV/*Good neighbour Policy*) representou uma mudança abrupta na política norte-americana, começando pela retirada das tropas que ainda estavam no continente, o abandono das intervenções armadas e interferências políticas e econômicas, seguindo-se a instalação de um processo de consulta e cooperação que passava a reconhecer a América Latina e suas nações como soberanas e parceiras iguais dos Estados Unidos (PECEQUILO 2003, p.113).

Durante toda a Segunda Guerra, Brasil e Estados Unidos permaneceram aliados por essa política de solidariedade hemisférica. Ao final da Guerra, porém, essa política esfria. Os Estados Unidos emergem como primeira potência do mundo e passam a exercer uma política internacionalista, abandonando de vez a postura isolacionista da primeira metade do século XX. Era necessária uma política de intervenção a nível mundial, do contrário os interesses dos Estados Unidos poderiam estar ameaçados.

Após a Guerra, em um discurso em 1945, Roosevelt declarou:

Neste ano de guerra, 1945, aprendemos nossas lições – a um custo alto – e devemos lucrar com elas. Aprendemos que não podemos viver sozinhos em paz; que nosso bem-estar é dependente do bem-estar de outras nações distantes. Aprendemos que devemos viver como homens, não como avestruzes (PECEQUILO 2003, p.125).

Dessa forma, os Estados Unidos adotariam uma postura internacionalista, de maneira que tanto o lançamento do Plano Marshall como a instauração da OTAN devem ser vistos como representantes do abandono das concepções isolacionistas tradicionais da política externa estadunidense. Finalmente

os Estados Unidos não mais agiriam como determinara Washington em 1796, mantendo distância dos acontecimentos mundiais. Agora a política externa americana passa a um outro patamar, compatível com o status da nação norte-americana no pós-Guerra (PECEQUILO 2003, p.149).

Para guiar sua política externa, os Estados Unidos adotaram uma estratégia chamada Contenção. A estratégia de contenção, definida no governo Truman, encontra sua elaboração melhor acabada na publicação do artigo do Sr. X, em *Foreign Affairs*, em julho de 1947, intitulado “The Sources of Soviet Conduct”. A autoria é de George Kennan, diplomata do Departamento de Estado, defendia uma atuação mais sistemática e agressiva dos Estados Unidos contra a União Soviética. De acordo com Kennan, a política soviética orientava-se pelos princípios do antagonismo entre socialismo e capitalismo e pela infalibilidade do Kremlin. De maneira que a política dos Estados Unidos em direção à União Soviética deveria ser a de uma contenção de longo prazo, paciente, mas firme e vigilante das tendências expansionistas russas (PECEQUILO 2003, p.145).

Como método básico dessa contenção, os Estados Unidos deveriam impedir o avanço da União Soviética por meio de pressões e ações políticas onde fosse identificada a expansão soviética, garantindo a liberdade dos regimes e povos que não desejassem ser inseridos na órbita soviética. Dessa maneira, a Guerra Fria era uma luta entre dois modos de vida, entre dois sistemas opostos que tinham em comum o objetivo de estender-se, trabalhando efetivamente para a decadência e desaparecimento do outro (PECEQUILO 2003, p.147).

O jornalista Drew Pearson era defensor da política internacionalista, advertia que:

Os *slogans* comunistas têm chegado a todos os cantos do mundo porque os americanos não trataram de divulgar pelo mundo a nossa Declaração de Independência. Temos um documento que prega não a luta de classes, mas a fé nos homens. É possível deter o comunismo apenas colocando o grande credo da revolução americana junto aos falsos credos da revolução russa e deixando que o mundo escolha entre eles<sup>80</sup>.

Em outra publicação, em sua coluna “Carrossel do Mundo”, acrescentava que “os ideais de liberdade democrática que são a essência da

---

<sup>80</sup> O Cruzeiro. 12/04/1952, p.38.

civilização ocidental, pode ser aplicado, sem dúvida, a todas as nações livres do mundo, que estão dispostas a qualquer sacrifício para continuarem a ser livres”<sup>81</sup>. Os ideais norte-americanos deveriam ser levados a todas as nações, em suma, Pearson advogava em favor do internacionalismo buscando consolidá-lo na política estadunidense.

A consequência dessa política externa para a América Latina foi ser posta em segundo plano, enquanto a Europa, por meio do Plano Marshall, recebia a atenção dos Estados Unidos. “Um exame realizado pela CIA dos objetivos soviéticos na América Latina, em novembro de 1947, concluiu que não havia possibilidade de um levante comunista em parte alguma da região” (BETHELL; ROXBOROUGH 1996, p.49). “A América Latina parecia imune à agressão externa, e até certo ponto os norte-americanos podiam negligenciá-la em termos globais. Não quer isso dizer que os Estados Unidos ignorassem a possibilidade de subversão interna” (BETHELL; ROXBOROUGH 1996, p.48).

Drew Pearson, em sua coluna “Carrossel do Mundo”, defendeu por algumas vezes a reaproximação com os povos hemisféricos mesmo sendo partidário da política internacionalista. Nesse artigo, por exemplo, ele questiona o critério que se tem utilizado para mandar embaixadores norte-americanos para a América Latina.

A prática do governo de Truman de preencher as embaixadas norte-americanas na América Latina com políticos ineptos é apenas uma das muitas faltas que temos cometido para com os nossos vizinhos do sul. Muitos dos diplomatas mandados para os países latino-americanos desconhecem o espanhol – ou português, no caso do Brasil – e não fazem o menor empenho em aprendê-lo enquanto estão no exercício do cargo. É comum preencher esses cargos com diplomatas que solicitam designação para outros países e, assim, tratam apenas de ‘marcar passo’, enquanto esperam a vez de ser transferidos. Não é de estranhar, portanto, que, nesta hora decisiva, em que os Estados Unidos enfrentam uma das mais graves crises internacionais da história, não estejamos ganhando muitos amigos entre os outros povos do hemisfério ocidental<sup>82</sup>.

Em outra ocasião defende uma política econômica favorável a América Latina.

---

<sup>81</sup> O Cruzeiro. 02/02/1952, p.70.

<sup>82</sup> O Cruzeiro. 30/06/1951, p.66.

Os cafeicultores do México, do Brasil, da Colômbia e da Guatemala, os plantadores de cana-de-açúcar e os proprietários das minas de nitrato e cobre do Chile, começaram a perceber que o que havia acontecido com o estanho boliviano poderia também suceder com seus produtos, se os Estados Unidos resolvessem estender aos demais produtos importados a política de compra por intermédio do departamento já mencionado. Osvaldo Aranha, do Brasil, que há muito tempo é amigo dos Estados Unidos, fez em particular a seguinte declaração: “É quase inconcebível que o Presidente Truman, que deve perceber o ressentimento criado pela evidente indiferença dos Estados Unidos em relação aos problemas econômicos da América Latina desde a guerra passada, permita que toda uma nação seja levada dessa maneira à beira da ruína. Não podemos nunca ter esperança de que nos compreendam e ajudem”<sup>83</sup>?

Certa vez, na sua longeva coluna em *O Cruzeiro*, Pearson defendeu os cafeicultores brasileiros e sul-americanos de uma acusação de manipulação nos preços do café. Segue abaixo:

Parece não haver relação entre os preparativos bélicos e a investigação sobre os preços do café, solicitada pelo Senador Gillette, de Iowa. Entretanto, essa investigação é do maior interesse. Certas grandes firmas comerciais foram acusadas de especular com o café. Quando, porém, logo depois, lançou-se a culpa do aumento dos preços, sobre os próprios produtores latino americanos, cometeu-se um erro. [...] A verdade é que os cafeicultores latino-americanos sofreram dificuldades econômicas nos últimos anos. De qualquer maneira, o Departamento de Estado, atemorizado com os danos feitos as relações pan-americanas pela investigação de Gillette, apresentou os fatos a uma comissão do Senado e o Secretário Auxiliar Edward Miller advertiu ao senador de Iowa que ele estava fazendo o jogo dos comunistas. [...] Necessitando urgentemente de manganês, os Estados Unidos pediram-no ao Brasil, que conta com os maiores depósitos mundiais desse mineral. Mas o Brasil é também o maior produtor de café e está ressentido com as injustas acusações da comissão Gillette. Por isso, embora esteja fornecendo manganês, não o faz com o mesmo entusiasmo de sempre. Há outros materiais da América Latina que os Estados Unidos necessitam também. Por isso, o povo norte-americano, em vez de cometer erros como o de Gillette, deve é voltar ao seus esforços em prol da política de boa-vizinhança<sup>84</sup>.

Em resumo, embora a solidariedade hemisférica já não fosse prioridade norte-americana, e o próprio Drew Pearson soubesse disso, ele advogava em favor de

---

<sup>83</sup> O Cruzeiro. 15/03/1952, p.88.

<sup>84</sup> O Cruzeiro. 20/01/1951, p.58.

uma aproximação entre os países hemisféricos. É nesse quadro que o Brasil do governo democrático de Getúlio Vargas se insere.

## **O Brasil e o nacional-desenvolvimentismo (1951-1954).**

Após a sua deposição em 1945, Getúlio Vargas se manteve afastado da vida política na sua estância, em São Borja. O lugar “tornou-se a meca dos aspirantes aos cargos públicos, o que vinha mostrar, a toda evidência, que a personalidade central do período não era o presidente recém-eleito, mas o recém-deposto” (SKIDMORE 1976, p.102). “Mal havia Dutra se instalado no palácio presidencial, e os admiradores de Vargas começaram a manipular a candidatura deste às eleições presidenciais de 1950” (SKIDMORE 1976, p.101). Em 1950 Vargas havia dado uma entrevista a Samuel Wainer afirmando que voltaria, meses depois estava eleito democraticamente.

No limiar da década de 1950 a principal corrente de pensamento foi a nacionalista, isso se deve ao fato de que nos anos de 1930-45, o nacionalismo passou a ser um elemento importante nos debates sobre problemas políticos e econômicos brasileiros. O tenentismo, a nascente burguesia industrial, os setores mais politizados do proletariado e alguns grupos da classe média, todos estavam, de alguma forma, identificando a solução dos seus problemas com soluções de tipo nacionalista. Note-se que os próprios movimentos artísticos, surgidos na década dos vinte, estavam fortemente impregnados de tonalidades nacionalistas: verde-amarelismo, antropofagismo, movimento pau-brasil, revalorização do folclore, revisão da história cultural do País etc (IANNI 1979, p.58).

A ideia central dos nacionalistas era de um desenvolvimento independente do Brasil por meio da industrialização comandada pela burguesia e por capitais nacionais. Isso não excluía o capital estrangeiro na medida em que se submetesse ao controle nacional (RODRIGUES 1992, p.20). O novo Governo Vargas precisava enfrentar a inflação, o desequilíbrio na balança de pagamentos, a necessidade de importar máquinas e equipamentos, insuficiência de energia e transportes, etc (IANNI 1979, p.112). Isso exigiria que Getúlio adotasse uma política econômica eficiente. A era Dutra havia presenciado os começos de um vigoroso debate sobre a estratégia do desenvolvimento. Surgiram três fórmulas principais: a neoliberal, a desenvolvimentista-nacionalista e a nacionalista radical (SKIDMORE 1976, p.117). A fórmula neoliberal baseava-se na suposição de que o mecanismo de preços deveria ser respeitado como a determinante principal da economia. Tinha O

*Globo e os Diários Associados* de Assis Chateaubriand como apoio na imprensa. Enquanto a proposição desenvolvimentista-nacionalista advogava em favor da intervenção estatal direta na economia, fortalecendo a industrialização do país. Já a terceira via era a do nacionalismo radical, que atribuíam o subdesenvolvimento brasileiro a uma aliança natural de investidores particulares e governos capitalistas, que procuravam limitar o Brasil eternamente a um papel subordinado (SKIDMORE 1976, p.120).

Em que diz respeito às filiações a essas três fórmulas apresentadas, os membros da UDN, em sua maioria, se filiavam ao neoliberalismo. O PTB era maciçamente adepto do desenvolvimentismo-nacionalista, enquanto o nacionalismo radical era representado pela ala da esquerda do PTB e o PCB, que mesmo proscrito, era ativo politicamente (SKIDMORE 1976, p.121).

Ao iniciar-se o segundo período governamental de Getúlio Vargas (1951-54), o poder público e a maioria do Congresso Nacional ainda estavam comprometidos com uma política econômica antiintervencionista (IANNI 1979, p.109). No entanto Getúlio não partilhava dessa opinião, Vargas estava mais próximo do desenvolvimentismo-nacionalismo do que de qualquer das duas outras fórmulas (SKIDMORE 1976, p.125). Os estrangeiros, principalmente os Estados Unidos, compreendiam que o apoio das massas urbanas ao Governo de Vargas estava organizado principalmente na direção do nacionalismo econômico e da intervenção estatal na economia (IANNI 1979, p.121). Tal fato não estava de acordo com a política liberal divulgada pelos Estados Unidos, o que complicava as relações.

Um dos grandes defensores da política liberal no Brasil foi Assis Chateaubriand. Para traçar a natureza do liberalismo e do anticomunismo de Chateaubriand, analisaremos alguns de seus textos expostos em jornais<sup>85</sup>. Em seu liberalismo, Chateaubriand se mostrava favorável ao uso de capitais estrangeiros na exploração do petróleo.

---

<sup>85</sup> Tais textos se encontram reunidos na obra: CHATEAUBRIAND, Assis. O pensamento de Assis Chateaubriand. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001.

- Camaradas! Quem levanta seções do povo e das elites brasileiras, para inculcar-lhes a ideia de que o petróleo não deverá ser pesquisado, explorado e nem distribuído por estrangeiros no Brasil, são os comunistas russos. Eles é que envenenam a inteligência das massas e das classes dirigentes, criando a hostilidade de grupos consideráveis da nação contra a participação dos capitais de fora, num negócio como outro qualquer<sup>86</sup> (CHATEAUBRIAND 2001, p.76).

Em outro artigo que denota seu liberalismo, Chateaubriand discorre sobre Vargas e o capital estrangeiro: “Vargas não era, antes de ser governo, por conta própria, jacobino de qualquer seita. Ao contrário, quando o conheci, entre 1923 e 1924, era um espírito tolerante, compreensivo, simpatizante dos capitais estrangeiros no Brasil”<sup>87</sup> (CHATEAUBRIAND 2001, p.202). Chatô admirava os Estados Unidos, certa vez Arthur Bernardes, quando ainda era presidente, exclamou sobre Chateaubriand:

Esse Chateaubriand é inacreditável. Todos nós temos um mito brasileiro: o deste é Caxias, o daquele é Floriano, o Outro tem Rui Barbosa. Os heróis do mundo de Chateaubriand são Farquhar, Pierson, Mackenzie, Hebert Couzens. Nunca o vi pronunciar o nome de um brasileiro como objeto de sua admiração (MORAIS 1994, p.133).

Chateaubriand confirma a exclamação de Arthur Bernardes, em um texto seu chamado “O pequeno David”, em que enche de elogios o ex-presidente do Birô Interamericano Nelson Rockefeller.

Quando Nelson aparece num salão, num comício ou numa reunião, a gente recebe imediatamente a sensação de que tudo isto é café pequeno para ele. Só os braços grandes e o riso largo de Nelson dão para abarcar o hemisfério, de quem se constitui o amigo maior e mais presente e mais dedicado servidor. Se me perguntassem qual o título que Nelson Rockefeller deveria trazer em seu cartão de visita, eu diria o de Embaixador da Civilização Imperial Pacífica dos Estados Unidos (CHATEAUBRIAND 2001, p.241).

Em 1930, a véspera da revolução Chateaubriand afirma a Getúlio, “sem os Estados Unidos nós não passamos de um espirro de gato” (MORAIS 1994, p.251). De fato, Chateaubriand admirava a sociedade estadunidense, mas era também profundamente entusiasta do liberalismo inglês, assim como da cultura

---

<sup>86</sup> Nome do artigo: Os nacionalistas das três armas.

<sup>87</sup> Nome do artigo: Outra Cortina de Ferro.

desse povo, sendo, inclusive, designado para o cargo de embaixador do Brasil na Inglaterra, em 1955. Várias foram as evidências de que Chateaubriand advogava em favor do capital estrangeiro.

O órgão Foreign Office que a embaixada inglesa usava para enviar informações a Londres enviou uma nota sobre o perfil de Chateaubriand. O informe resumia as refregas de Chateaubriand com Arthur Bernardes, sublinhando que, na opinião do presidente, ele era “um homem perigoso por estar intimamente ligado ao capital estrangeiro – e o presidente alimenta um ódio sem medidas ao capital estrangeiro em geral” (MORAIS, 1994 p.134).

Em determinada ocasião, convidado a trabalhar no Jornal do Brasil pelo Conde Ernesto Pereira Carneiro, Chateaubriand argumentou: - “Não entendo como o senhor, um industrial moderno e esclarecido, permite que essa corja de socialistas transforme seu diário numa trincheira contra o desenvolvimento. Com essa gente eu não posso trabalhar” (MORAIS 1994, p.100). Em seu leito de morte a associação anticomunista Centro Europa Livre, antigos dirigentes políticos do Leste europeu apeados do poder pelos socialistas depois da guerra, vieram “para apresentar os pêsames à família desse gigante na luta anticomunista” (MORAIS 1994, p.23).

Assis Chateaubriand intercedia em favor de uma política liberal e democrática, assim como seu colunista de política internacional em *O Cruzeiro*, Drew Pearson, que por algumas vezes criticou a política populista e autoritária de Perón, na Argentina. De acordo com Pearson, “Perón disse recentemente a um grupo de congressistas norte-americanos que viajavam pelo país que “a liberdade de imprensa não tem limites na Argentina”. Nenhum dos que ouviram o chamou de mentiroso”<sup>88</sup>. Em outra oportunidade Pearson critica a falta de liberdade de culto nesse país. “Seguindo o exemplo da Espanha e da Colômbia, a ditadura de Perón na Argentina está investindo contra a liberdade de cultos, revogando a permissão de pregar dada aos pastores protestantes e acusando-os de falsos delitos políticos”<sup>89</sup>. Certa feita Pearson recorreu à ironia para atacar o General americano Harry Vaughan, que havia se submetido a receber uma condecoração do ditador argentino, o que na concepção de Pearson um absurdo.

---

<sup>88</sup> O Cruzeiro. 16/02/1952, p.80.

<sup>89</sup> O Cruzeiro. 08/11/1952, p.64.

Nunca, desde o dia em que os porcos destruíram nosso jardim, ficou minha esposa mais aborrecida comigo do que no dia da semana passada em que estive diante da embaixada argentina em Washington, vendo entrar os admiradores do general Harry Vaughan, assistente militar de Truman, que recebia uma condecoração de Perón. Minha esposa disse que isso era indigno, que eu me expunha ao ridículo e que devia reservar minhas energias para coisas mais importantes. Provavelmente, tem razão, como quase sempre<sup>90</sup>.

Em 1951, Pearson – em defesa do liberalismo - fez uma crítica contra o governo da Colômbia, que estava retirando liberais de cargos públicos de forma arbitrária.

Gomez tratou de eliminar os liberais do seio do funcionalismo público. Nas cidades em que haviam sido eleitas autoridades liberais, apresentavam-se de repente um grupo de conservadores acompanhados de um destacamento de polícia para substituí-los nos cargos. Toda a resistência era vencida a bala<sup>91</sup>.

O anticomunismo em Chateaubriand, assim como em Drew Pearson, era uma constante.

A Rússia não passa de um Estado colonial, bastando ver-se a maneira escravocrata com que trata as suas colônias da Ásia e da Europa. Contra ela, os que estão vigilantes, no ocidente, são todas as consciências livres, inclusive aquelas de milhões de trabalhadores, que sabem o que significa a conquista do poder pelos partidos comunistas nos seus países (CHATEAUBRIAND 2001, p.125)<sup>92</sup>.

Com base no texto de Chateaubriand, contrapor o discurso anticomunista, com o discurso nacionalista do governo Vargas é fundamental para entender esse período. Período no qual o Brasil não andava bem com a política externa estadunidense, a qual tinha sua atenção voltada para a Europa.

O governo de Dutra ao se apressar em ficar ao lado dos Estados Unidos, rompendo ligações diplomáticas com a URSS e fechando o PCB, acaba tranquilizando os Estados Unidos sobre um levante comunista no Brasil e assim fechando o fluxo de capitais para o Brasil. A principal forma de se conseguir dinheiro dos Estados Unidos era em combate ao comunismo, e Dutra havia acabado com

<sup>90</sup> O Cruzeiro. 12/03/1949

<sup>91</sup> O Cruzeiro. 22/09/1951, p.72.

<sup>92</sup> Nome do artigo: Imperialismo eslavo.

essa possibilidade. Drew Pearson, inclusive, brinca com uma anedota a respeito dos empréstimos financiando o anticomunismo.

Segundo uma popular anedota que corre nos círculos diplomáticos, o pequeno principado de Mônaco desejava obter um empréstimo nos Estados Unidos. Os funcionários de Mônaco chegaram à conclusão de que não possuíam comunistas em número suficiente para justificar o seu pedido de ajuda aos americanos. “É preciso ter uma ameaça comunista para conseguir alguns dólares”, declarou o Ministro do Exterior. Assim sendo, o Primeiro Ministro de Mônaco decidiu que a única solução era “importar” alguns comunistas da vizinha França. É claro que só queria contar com eles para um fim de semana, afim de “impressionar” as autoridades americanas com a “gravidade” do problema. O Governo francês, porém, rejeitou a proposta de Mônaco. As autoridades francesas declararam que gostariam de ajudar Mônaco de todas as maneiras possíveis, mas como eles dependiam também do auxílio americano, não poderiam absolutamente dar-se ao luxo de dispensar um só comunista, para continuarem a receber essa ajuda<sup>93</sup>.

Em 1953 Drew Pearson publica um texto em sua “Carrossel do Mundo”, em que narra uma visita de Oswaldo Aranha, ex-Ministro do Exterior do Brasil aos Estados Unidos. Nessa visita Aranha aproveita para lembrar aos americanos da solidariedade hemisférica e da falta de recursos que o Brasil passava.

Oswaldo Aranha, ex-Ministro do Exterior do Brasil, e maior amigo dos Estados Unidos na América Latina, estava conversando com o futuro presidente da Câmara dos Representantes, Joseph Martin, de Massachussetts, quando Haroldo Stassen, futuro diretor do programa de Segurança Mútua, entrou na sala. Aranha, que tem um grande senso de humor, fez algumas pilhérias com Stassen no sentido de que os Estados Unidos vem desprezando os seus bons vizinhos hemisféricos e dedicando mais atenção à Europa. É verdade, disse Stassen, mas temos o Ponto Quarto. Ouvindo isso, Aranha replicou: Sem dúvida, mas estamos esperando o Ponto Quinto. Uma vez aplicado o Ponto Quarto, estaremos em tão má situação que terão de empregar o Plano Marshall para que possamos continuar vivos, como aconteceu na Europa. É claro que o Dr. Aranha estava em parte pilheriando. Mediante o Ponto Quarto, os Estados Unidos enviam técnicos norte-americanos às nações atrasadas para aumentar a produção, ensinando métodos sanitários, higiênicos, agrícolas, etc. O Plano Marshall envia materiais e dinheiro<sup>94</sup>.

---

<sup>93</sup> O Cruzeiro. 03/10/1953, p.90.

<sup>94</sup> O Cruzeiro. 21/02/1953, p.80.

Foi possível notar, mediante a análise da coluna, que o anticomunismo apresenta também uma faceta mercadológica. O anticomunismo para além da ideologia também é um modo de construção e de conquista de espaços na política institucional, na mídia e é também um negócio lucrativo. O embate do Pearson com o McCarthy é um exemplo do anticomunismo também como negócio no mundo capitalista. Ambos disputam a primazia do discurso anticomunista, juntamente com todos os benefícios que ela pode trazer. Pearson nos mostra esse caráter mercadológico por meio da anedota jocosa do principado de Mônaco, que desejava obter um empréstimo nos Estados Unidos e para justificá-lo precisaria de alguns comunistas emprestados. Também Oswaldo Aranha é destacado por Pearson, indagando Haroldo Stassen, futuro diretor do programa de Segurança Mútua, sobre possíveis investimentos no Brasil. O anticomunismo, então, era uma mercadoria como outra qualquer, e Assis Chateaubriand sabia disso. Chateaubriand iniciou sua carreira por meio da polêmica e manteve-se nela durante toda vida. Anticomunista e liberal, Chateaubriand manteve Drew Pearson na revista *O Cruzeiro*, por mais de quinze anos, com dupla função: mercadológica e ideológica. O anticomunismo era uma mercadoria informacional muito rentável, fato que talvez tenha alavancado as vendas da revista carro-chefe dos Diários Associados. Assim, Pearson atuava como formador de opinião.

Pouco a pouco, o nacionalismo econômico revelou-se como uma manifestação da ideia de desenvolvimento, industrialização e independência, em face dos interesses econômicos dos países dominantes (IANNI 1979, p.69). A partir daí o desenvolvimentismo foi a ideologia que mais diretamente influenciou a economia política brasileira e também, de um modo geral, todo o pensamento econômico latino-americano, tendo a Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL – constituído a espinha dorsal do desenvolvimentismo. A CEPAL inspirou a atuação de vários governos periféricos, fornecendo, dessa maneira, os principais ingredientes da ideologia desenvolvimentista dos anos 50 (MANTEGA 1992, p.23). “Pertenceram às fileiras cepalinas figuras da mais alta expressão do pensamento social brasileiro, como Celso Furtado, Maria da Conceição Tavares, Fernando H. Cardoso, Carlos Lessa, A. Barros de Castro e José Serra” (MANTEGA 1992, p.32).

“A preocupação básica da CEPAL era a de explicar o atraso da América Latina em relação aos chamados centros desenvolvidos e encontrar formas de superá-lo” (MANTEGA 1992, p.34). A CEPAL conclui que as economias ditas

periféricas, se deixadas ao sabor das livres forças de mercado, nunca sairão do atoleiro de subdesenvolvimento. Desse modo, sugere a decidida participação do Estado na economia, enquanto principal promotor do desenvolvimento e responsável pelo planejamento das modificações que se faziam necessárias (MANTEGA 1992, p.38-9).

As Américas perderam a importância e a centralidade que haviam tido para os Estados Unidos e não foram um teatro estratégico crucial na Guerra Fria, gerando consequências diretas para o desenvolvimento do relacionamento interamericano (PECEQUILO 2003, p.159). Pearson, favorável a uma aproximação Hemisférica, criticou a política externa estadunidense empreendida na América Latina. “A eleição de Vitor Paz Estensoro, candidato antiamericano apoiado pelos comunistas, para o cargo de presidente da Bolívia, é a última e mais séria prova da política inepta de Washington em relação à América Latina<sup>95</sup>”, destacava Drew Pearson.

De modo que a política externa norte-americana teve atuação reduzida na América Latina, mas não se pode dizer que foi nula. Em dezembro de 1950 o governo dos Estados Unidos concluiu um acordo com o Brasil para a organização da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico. Essa Comissão iniciou os trabalhos em 1951 e apresentou o relatório final em dezembro de 1953. Um dos seus primeiros resultados foi a criação, em 1952, de um Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico - BNDE (SKIDMORE 1976, p.125). Nas palavras do Presidente Getúlio Vargas ao Congresso Nacional, caberia a esse organismo “a tarefa de estudar, sob o ponto de vista da eficácia técnica e da produtividade econômica, cada um dos grandes planos a cuja execução o Governo dos Estados Unidos da América daria direta ou indiretamente a sua colaboração”<sup>96</sup>.

Possivelmente o nacionalismo do governo Vargas não agradava a política liberal norte-americana, de modo que ao fim de seus trabalhos, as conclusões da Comissão Mista refletiam um ponto de vista totalmente neoliberal, favorável à empresa privada e à participação dos capitais estrangeiros, nos setores fundamentais da economia brasileira (BANDEIRA 1978, p.317).

---

<sup>95</sup> O Cruzeiro. 30/06/1951, p.66.

<sup>96</sup> Mensagem presidencial ao Congresso Nacional 1952, p.31. Ver em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1333/000028.html>. Acesso: em 13/02/2015.

O fim do governo Vargas passava por duas crises, uma de origem interna, outra de origem externa. A primeira se refere à malfadada tentativa de assassinato do jornalista Carlos Lacerda por parte do guarda-costas de Getúlio Vargas. Lacerda foi ferrenho opositor de Getúlio Vargas e suas publicações prejudicavam o Presidente. A segunda crise, a de origem externa, era composta por três fatores: a recusa do governo brasileiro em enviar soldados para combater na Guerra da Coreia; o nacionalismo intervencionista do governo Vargas, responsável pela criação das estatais Petrobrás e Eletrobrás; e da tentativa do Almirante Álvaro Alberto Motta e Silva em conseguir na Alemanha centrífugas nucleares para o Brasil.

Em relação ao primeiro fator, a ONU vinha a tempos solicitando ao governo brasileiro que enviasse soldados para combater na Coreia. No entanto a opinião pública no Brasil não era favorável a essa medida. “*Nenhum soldado para a Coréia* – este e outros dizeres semelhantes cobriam os muros das principais cidades do país” (BANDEIRA 1978, p.331). Ainda mais quando as coisas não iam bem para os exércitos auxiliares na Coréia. Drew Pearson relata em sua coluna o destino do exército colombiano empregado nessa guerra. “O Exército americano reconhece com pesar que foi responsável pelo erro que custou a vida de muitos soldados colombianos que lutavam heroicamente para defender o monte chamado “*Old Bald*”<sup>97</sup>. “Os Estados Unidos impuseram ao Brasil duas condições: ou fornecer os minerais atômicos ou mandar forças para a Coréia” (BANDEIRA 1978, p.337). O Brasil acabou ficando com a primeira opção.

No que se refere ao nacionalismo do governo Vargas, este já estava desiludido com a política externa norte-americana para com o Brasil. Vargas compreendeu que pouco podia esperar dos entendimentos com os Estados Unidos, sob a administração dos republicanos, adeptos mais ortodoxos da iniciativa privada. Voltou então sua política para soluções nacionais. O Brasil enfrentaria com as próprias mãos os problemas de desenvolvimento. Em 3 de outubro de 1953, Vargas criava a Petrobrás, instituindo o monopólio estatal do petróleo (BANDEIRA 1978, p.345).

A aventura do Almirante Álvaro Alberto Motta e Silva na Alemanha foi autorizada pelo próprio Presidente Getúlio Vargas. O Almirante realizou entendimentos secretos com cientistas alemães, o que resultou na compra de três

---

<sup>97</sup> O Cruzeiro. 23/05/1953, p.40.

ultracentrífugas destinadas à produção de urânio enriquecido e na formação de uma comissão de cientistas e industriais alemães para estudar a hipótese de desenvolver no Brasil a fabricação destas. Álvaro Alberto negociou a compra das ultracentrífugas junto ao Instituto Físico-Químico de Bonn. No entanto a licença pedida à comissão de ocupação foi negada. Ainda sim, as negociações continuaram em segredo. Em 1954, quando seriam transferidas para o Brasil, foram apreendidas por ordem da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos (MOTOYAMA; GARCIA 1996, p.231). Esse acontecimento não repercutiu bem para Getúlio Vargas, que no dia 20 de agosto de 1954 autorizara as negociações para a troca de trigo americano pela monazita brasileira. No entanto já era tarde para temporizações, a crise política atingia seu clímax (BANDEIRA 1978, p.362).

Essa crise terminaria no dia 24 de agosto de 1954, quando Getúlio, pressionado por militares, empresários e pelo próprio vice-presidente, suicida-se. Sua carta-suicídio era o apelo nacionalista mais vigoroso que jamais fizera (SKIDMORE 1976, p.180). Era um libelo contra o imperialismo ianque no seu conjunto (BANDEIRA 1978, p.364). Vargas havia sido derrotado, mas o liberalismo estadunidense não saíria fortalecido do confronto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contrapondo o discurso nacionalista emanado do governo Vargas e a “crise” originada em seu governo diante dos Estados Unidos, ao discurso anticomunista de Drew Pearson notamos que este sempre se mostrou favorável à aproximação entre os dois países, embora a Defesa Hemisférica não fosse prioridade do governo dos Estados Unidos. Drew havia feito parte da Política de Boa Vizinhança durante a Segunda Guerra, sob os auspícios de Nelson Rockefeller, presidente do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. Talvez por isso e por seu amigo Nelson Rockefeller ter tanta estima por Chateaubriand e pelo Brasil, que Drew Pearson ainda mantivesse esperanças de uma aproximação hemisférica.

Mesmo não tendo criticado Vargas e sua política nacional-desenvolvimentista, as publicações de Pearson sempre foram de caráter anticomunista, democrática e liberal. A coluna de Pearson promoveu uma mentalidade anticomunista no Brasil. O fato de sua coluna terminar em 1963, às vésperas do golpe civil-militar, é sintomático. Podemos conjecturar que a população em geral estivesse familiarizada com o discurso anticomunista e que o endossasse, dessa forma o apelo anticomunista no Brasil possuía grande relevância.

O nacional-desenvolvimentismo teve como objetivo promover a industrialização do país, contudo, mostra-nos Luiz Carlos Bresser Pereira<sup>98</sup>, que:

Curiosa ou significativamente essa estratégia da esquerda não promovia a distribuição de renda. O nacionalismo, o desenvolvimentismo, o protecionismo, a prioridade ao mercado interno, a poupança forçada realizada pelo Estado e sua aplicação seja na constituição de empresas estatais seja no subsídio às empresas privadas eram pontos básicos da política econômica da esquerda, mas favoreciam fundamentalmente a acumulação privada. Isto explica como foi possível que essa estratégia, a partir dos anos 60, deixasse de ser de esquerda para ser a estratégia de desenvolvimento nacional da própria direita latino-americana<sup>99</sup>.

Acrescenta Bresser Pereira que:

<sup>98</sup> Luiz Carlos Bresser Gonçalves Pereira é um economista brasileiro e foi Ministro da Fazenda no Governo de José Sarney.

<sup>99</sup> Ver em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451990000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451990000100003&script=sci_arttext)

O desenvolvimentismo não é uma estratégia nacional de desenvolvimento de esquerda ou de direita. Ele implica sempre a hegemonia de uma coalizão de classes nacionalista da qual fazem parte empresários industriais, burocracia pública e trabalhadores. Implica, portanto, um acordo social entre a centro-direita e a centro-esquerda<sup>100</sup>.

Dessa forma, o nacional desenvolvimentismo não é uma característica típica da esquerda. Há uma esquerda nacional desenvolvimentista que se comunica bem com a direita nacional desenvolvimentista. E ambos os nacionalismos se opõem ao liberalismo econômico tipo *laissez-faire*, que é o defendido por Drew Pearson e principalmente por Chateaubriand. Daí a propaganda ideológica foi tentar fazer acreditar que o nacional-desenvolvimentismo e qualquer intervenção do Estado na economia são princípios comunistas. Assim fez Assis Chateaubriand, criticando o nacionalismo e o associando ao comunismo em um texto titulado de “Nacionalismo e Comunismo”, em que externa:

A tese é clara como água e simples e compreensível como a lei geométrica do quadrado da hipotenusa. Não há fazer confusão, nem pretender tirar consequências outras que não as que se contem na frase Stalin. Dizia o sucessor de Lenine: “Nos países subdesenvolvidos, como nos outros coloniais, o nacionalismo é uma etapa no sentido do comunismo” (CHATEAUBRIAND 2001, p.61).

Desse modo, podemos afirmar que a manutenção da coluna “Carrossel do Mundo” em *O Cruzeiro* foi uma medida de Chateaubriand em favor do livre mercado e da política liberal. Também podemos afirmar que a coluna além do caráter ideológico possuía valor como mercadoria. Nossa pesquisa conclui que o anticomunismo, além de ideologia, possui caráter mercadológico e confere autoridade na busca por espaços na política institucional. Em um contexto político e cultural diverso, como o brasileiro, em que as “esquerdas” fora do PCB, aliam-se ao PTB, partido liderado por Getúlio Vargas, líder trabalhista e nacionalista, o discurso de Drew Pearson servia para fornecer aos grupos conservadores argumentos anticomunistas do cenário internacional – uma ferramenta, portanto – e em menor grau um ideólogo que atuaria no sentido de cimentar as tendências de alguns indecisos, particularmente nas classes médias.

---

<sup>100</sup>Ver: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4422&secao=392](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4422&secao=392)

Em linhas gerais, os ideais de Chateaubriand correspondem aos de Pearson. Ambos eram anticomunistas e liberais, contudo a prioridade de Drew Pearson era a Defesa Nacional dos Estados Unidos, vide a sua proximidade com a política de Washington e o Exército. Para Drew Pearson o anticomunismo era uma ferramenta de Defesa Nacional, promovia-se dessa forma, porém de maneira menos agressiva que o Senador McCarthy, que empreendia verdadeira perseguição aos comunistas, os quais eram definidos por critérios dúbios. Talvez assim também pensasse Chateaubriand em relação ao Brasil, uma aproximação do anticomunismo estadunidense em defesa de suas convicções liberais e democráticas no Brasil, faria todo o sentido para Chateaubriand. Pearson segue publicando em sua coluna “Carrossel do Mundo” na revista *O Cruzeiro* até 1963, pouco antes do Golpe de 1964. Acreditamos que a coluna “Carrossel do Mundo” tenha durado tanto porque era representativa, porque sua existência fazia sentido no contexto em que o Brasil se encontrava. Drew Pearson morre em 1 de setembro de 1969 aos 71 anos de idade, devido a um ataque cardíaco. Seu discípulo Jack Anderson assume a sua famosa coluna *Washington Merry-Go-Round* e depois dele Douglas Cohn continuou a coluna após a morte de Anderson em 2005. A coluna ainda existe e é a coluna mais antiga da história americana.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T., HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 243-264, 2001.
- BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.
- BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa, Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva. O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira. In: Ciberlegenda, nº 7, 2000. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/331>. Acesso em: 31 dez. 2014, 15:49:10.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012.
- BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. A conjuntura do pós-guerra na América Latina. In: BETHELL; ROXBOROUGH (orgs). A América Latina. Entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BOND, F. Fraser. Introdução ao jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- CASTILHO, Carlos. Jornalismo de grife. Boletim Nº 14, Março-Abril de 1997. Disponível em: <http://www.igutenberg.org/castil14.html>
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. A política externa brasileira 1822 – 1985. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.
- CHATEAUBRIAND, Assis. O pensamento de Assis Chateaubriand. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001.
- COUTINHO, Iluska. Colunismo e poder. Representações nas páginas de jornal. 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, PUC, nº 35, pp. 253-270, Disponível em <<http://www4.pucsp.br/projetohistoria/series/series3.html>>. Acesso em 19 de nov. de 2012.

DELMAS, Claude. Armamentos nucleares e Guerra Fria. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DORÉA, Hélio. Colonismo. In Escritos de Vitória/ Imprensa - Crônicas. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996. pp 49-50.

FADUL, Anamaria. Políticas Culturais e Processo Político Brasileiro, In: BARBOSA, Marialva (org). Vanguarda do Pensamento Comunicacional Brasileiro: as contribuições da Intercom (1977-2007). São Paulo: Intercom 30, 2007.

FENELON, Déa Ribeiro. A guerra fria. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GAVA, José Estevam. MOMENTO BOSSA NOVA: arte, cultura e representação sob os olhares da revista *O Cruzeiro*. ASSIS: 2003. 215p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Ciências e Letras - UNESP.

GIROTTI, C. A. O Estado Nuclear no Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930 - 1970). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1979.

KELLNER, Douglas. A Cultura da mídia. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Imprensa carioca nos anos 50: os “anos dourados”. In: A imprensa em transição: o jornalismo nos anos 50. ABREU, Alzira Alves de (org.); RAMOS, Plínio de Abreu... [et al.]. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LOCASTRE, Aline. PROJEÇÃO DO BRASIL PARA O PÓS-GUERRA: A ‘Boa Vizinhaça’ estadunidense no Brasil segundo a revista ‘Em Guarda’(1941-1945).

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Carla Bassanezi Pinsky (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MANTEGA, Guido. A Economia política brasileira. 7 edição. Petrópolis – RJ: Editora Vozes Ltda, 1992.

MARQUES DE MELO, José. Panorama Brasileiro de Pesquisa em Comunicação, In: BARBOSA, Marialva (org). Vanguarda do Pensamento Comunicacional Brasileiro: as contribuições da Intercom (1977-2007). São Paulo: Intercom 30, 2007.

- MARQUES MELO, José. Comunicação, opinião, desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MARTINS, Anal Luiza. LUCA, Tania Regina de. Imprensa e cidade. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- MORAIS, Fernando. Chatô. O rei do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o perigo vermelho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- MOTOYAMA, Shozo; GARCIA, João C. V. O Almirante e o novo Prometeu: Álvaro Alberto e a C&T. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana. São Paulo – SP: Brasiliense, 1986.
- NOVAIS, F. & CARDOSO DE MELLO, J.M. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: História da Vida Provada no Brasil. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- PEARSON, Drew. Drew Pearson diaries 1949-1959. New York: Book Club Edition edition, 1974.
- PEARSON, Drew; ANDERSON, Jack. USA potência de segunda classe? São Paulo: BESTSELLER, 1959.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. A política externa dos Estados Unidos. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.
- PELEGRINO, Nadja. “O Cruzeiro”: a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.
- QUEIROZ, F. A. de. Industrialização e Modernização no Brasil: 1930-1964. Geografia (Londrina), Londrina, v. 11, n.1, p. 47-56, 2002.
- RAMOS, Murilo César. Intrigas da corte. O jornalismo político das colunas sócias. Corpo Letra: Rio de Janeiro, 1994.
- RIBEIRO, Jayme Fernandes. Os “combatentes da paz”: a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 42, julho-dezembro de 2008, p. 261-283.
- RODRIGUES, Marly. A década de 50. Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.
- ROMANELLO. J. L. A natureza no discurso fotográfico da revista O Cruzeiro: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista. Assis, 2006. 200p. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista.

ROMANELLO, Jorge Luiz. *O Cruzeiro: uma revista de imagens*. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). *O Amigo da Onça: uma expressão da alma brasileira*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/ LEDI, 2009.

ROMANELLO, Jorge Luiz. *Uma história da revista O Cruzeiro 1930-1960*. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). *O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/ LEDI, 2009.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora*. São Paulo: Summus, 1991.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SMITH, P. D. *Os homens do fim do mundo: o verdadeiro Dr. Fantástico e o sonho da arma total*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994.

SOTANA, Edvaldo Correa. *A paz sob suspeita - representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953*. Assis - SP, 2010, 255fls. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo. Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Rogério Martins de. *Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colonismo como gênero jornalístico*. Orientador: Milton José Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2009. Tese de Doutorado.

TARR, David W. *Nos bastidores da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: VIP, 1968.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TROVÃO, Flavio Vilas-Bôas. *O cinema é a arma do negócio: Uma análise histórica do filme Iwo Jima, o portal da glória no início da Guerra Fria*.

ZAMMATARO, Ana Flávia Dias. *Quem é O Amigo da Onça?* In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). *O Amigo da Onça: uma expressão da alma brasileira*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/ LEDI, 2009.

ZORABAN, Sergio; CAMARA, Leopoldo. *A segunda imprensa: guia para divulgadores e divulgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

**Fontes:**

## 1. Arquivo Digital do Center for Research Libraries (CRL):

Mensagem ao Congresso Nacional. Apresentada pelo Presidente da República (Getúlio Vargas) por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1951.

Mensagem ao Congresso Nacional. Apresentada pelo Presidente da República (Getúlio Vargas) por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1952.

Mensagem ao Congresso Nacional. Apresentada pelo Presidente da República (Getúlio Vargas) por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1953.

Mensagem ao Congresso Nacional. Apresentada pelo Presidente da República (Getúlio Vargas) por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1954.

Relatório apresentado ao EXM<sup>o</sup> SR. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil Dr. Getúlio Dornelles Vargas pelo Vice-Almirante, Ministro do Estado dos Negócios da Marinha (Renato de Almeida Guillobel); em 17 de dezembro de 1953, referente ao ano de 1952.

In: <http://www.crl.edu/>

2. Revista *O Cruzeiro*. Acervos: Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) Universidade Estadual de Londrina – PR; Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – CEDAP, UNESP de Assis.

Publicações (53 edições) referentes ao ano de 1951.

Publicações (52 edições) referentes ao ano de 1952.

Publicações (50 edições) referentes ao ano de 1953.

Publicações (41 edições) referentes ao ano de 1954.

## 3. Notas taquigráficas da reunião no Conselho Nacional de Economia, em que compareceu o presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, Almirante Álvaro Alberto Mota e Silva. Esta documentação foi levantada no Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, localizado na Rua General Bruce, 586 | Bairro Imperial de São Cristóvão | Rio de Janeiro.

## **ANEXOS**



## ANEXO B

Índice da revista O Cruzeiro. 30/12/1950.



A PENA VERMELHA

O HOMEM sofre de um detestável complexo de superioridade: acha que o mundo é só aquilo que ele vê, que ele conhece, que já descobriu. Tudo o que lhe escapa, tudo o que lhe foge ao alcance, é, por princípio, por um princípio enfatuado, nega! Nega Deus aquele que não O pode alcançar, aquele que não tem em si a divina capacidade de O sentir, em pensamento e no coração. Se o «erro de hoje» tem sido, muitas vezes, «a verdade de amanhã», como poderemos, ainda, afirmar a inexistência de certas coisas, admitir o nada, negar as imensas possibilidades dos que enxergam além dos horizontes? Se a um homem não é dado o participar de certos mistérios da vida, a outros são desvendados novos caminhos. Não foram igualmente distribuídas as facultades aos seres humanos. O que para uns é hermético, para outros se abre em sedutores convites.

Os que ouvem a voz desses convites, outros são os felizes pesquisadores dos grandes progressos da humanidade, são os que caminham levando os factos acesos que iluminarão as trevas circundantes. Próprio do néscio é o negar o valor do impulso que faz mover os crentes. O homem que nega as coisas ocultas da vida, os poderes e os valores espirituais ainda não esclarecidos no mundo, é o cego que se senta numa poltrona e diz: Não há caminhos, há que não os vejo.

Ora, ver sempre foi um recurso muito pobre e só mesmo próprio para os medíocres de espírito. Ver é muito pouco, imaginar é quase tudo. Os olhos estão constantemente a enganar-nos, a dar-nos ilusões, a mentir-nos. Vemos certas coisas que não existem. Comigo deu-se, certa vez, exemplo frisante de que ver nada prova, de que a vista engana, como todos os outros sentidos.

Vi uma coisa que, no entanto, não era a verdade. Um fato banal. Coisa de segundos. Que, porém, não pude mais esquecer, porque demonstrou uma grande verdade: que a gente não se pode fiar no que vê, perdendo, assim, o fato de se ver uma coisa o seu valor como fato real, positivo.

Na pela Avenida Rio Branco com uma amiga e vi, do outro lado, uma moça que eu conhecia pouco e que tinha perdido o pai dias antes. Estava toda de preto, porém, com uma pena vermelha no chapéu! Vermelha, sim, juro-lhes que a vi, rubra, como de fogo, chispando na negrura da «toilette» sombria! Uma enorme pena vermelha! Parei, admirada. E toquei no braço da amiga que me acompanhava: — Olhe lá! Parece incrível! A N. está com uma pena vermelha no chapéu! Paramos ambas, e ficamos a olhar aquele fenómeno. Estaria a N. doida? ou estaríamos nós? Ambas, viamos, porém, aquele fato positivo. Não podia haver engano, estava comprovado por duas pessoas, pois a minha amiga também via a pena vermelha.

N. continuou a andar e... fez-se a luz! A medida que ela deu uns passos para diante, a pena mudou de cor, tornou-se preta, fósca, sumindo-lhe a radiosa cor brilhante e purpurina! Ficamos boquiabertas! e a explicação se nos apareceu, clara como a luz, no mesmo instante: o que colorira de vermelho a pena do chapéu da minha conhecida eram as luzes rubras de imenso anúncio luminoso de um prédio, que nela incidiam... Eu vi, de fato, a pena vermelha, mas ela não era vermelha! Esse fato tornou-me um tanto céptica, em relação aos fatos positivos e reais da existência. Fiquei descrendo até do que é visível. Nem o que se vê se pode afirmar, concluí. Seria capaz de asseverar, diante de um júri, num tribunal, que vira no chapéu da minha conhecida espetada uma pena vermelha! Onde fica o valor das testemunhas, daqueles que muitas vezes veem o crime?... Fiquei descrente, meio, desabusada, tendente a não erer nas afirmações sinceras dos outros, acreditando na sinceridade de um testemunho, mas não no seu valor como testemunho. Uma luz que incide numa superfície lustrosa, numa fração de segundo, iluminou muito passageiramente essa superfície, mudando-lhe a cor. A mim também mudou a cor e me iluminou para sempre... Vi, não somente que a pena preta pode ser vista vermelha, mas outras coisas. Admiti outras possibilidades, outros erros humanos, outras falhas dos nossos sentidos. Não foi um sentido meu que falhou, ao contrário, ele funcionou como devia. Mas compreendo que o seu testemunho não pode valer grande coisa, já que ver uma coisa não significa que ela exista.

Senhores, tudo é possível. E eu já não estou bem certa de que tudo isto que me cerca é assim como penso. Lavoisier afirmava que do céu não podiam cair pedras simplesmente porque no céu não há pedras. Pena que não lhe tenha caído uma em cima, para que ficasse sabendo quão pouco o homem conhece a natureza!

## O CRUZEIRO

ARTIGOS

A PENA VERMELHA — Lasinha  
Luis Carlos de Caldas Brito 3

DE MENCKEN A WILL DURANT — J. Rego Costa 4

MISSA DE GALO NA BAIKINHHA — Austregésio de Athayde 5

A DECADENCIA DA MESA — Genésio Amado 6

A ARTE DE PERDER TEMPO — Gilberto Freyre 10

A GUERRA, A BOIRACIAS E A AMERICA LATINA — Drew Pearson 86

ANO-BOM — Rachel de Queiroz 133

REPORTAGENS

TERRORISMO AMARELO EM S. PAULO — José Leal e Flavio Damim 13

CATASTROFE EM MUQUI — João Martins 25

UNI-VOS E MULTIPLICA-VOS — João Martins e I. Wanderley 30

BAHIA EM 48 HORAS — Odorico Tavares e Gervasio Batista 46

ROJOVIA PRESIDENTE OUTRA — José Medeiros e José Leal 52

DIARIO SECRETO DE HUMBERTO DOS CAMPOS 61

O TRONO DE PEDRO — Miguel Reverim 78

NIEMEYER, O POETA DAS FORMAS — Alceu Pereira 92

O PRIMEIRO ORATORIO DO BRASIL — Gustavo Barroso 104

"SEGURANDO" ESTRELAS — Joseph Beck 113

A SOMBRA DAS JOVENS EM FLOR — José Amadio 119

SEÇÕES

ESCREVE O LEITOR — Redação 4

SETE DIAS — Franklin de Oliveira 7

O IMPOSSIVEL ACONTECE — Arnaldo Vicente 10

NO MUNDO DOS LIVROS — Geraldo de Freitas 37

BACK GROUND — Mário Camarinho da Silva 40

SPOT LIGHT — A. Acioli Neto 41

PALAVRAS CRUZADAS — Silvio Alves 42

XADREZ — Walter Cruz 106

FOTOTESTE — Teté Signorelli 90

HUMORISMO

ANO-NOVO, VIDA NOVA — Carlos Estêvão 8

FOLHINHA DAS GAROTAS — Alceu Pena e A. Ladino 67

O AMIGO DA ONÇA — Périeses 99

O PIF-PAF — Vão Gógo e Périeses 102

CONTO E ROMANCES

O VOO DE NATAL — João Martins 35

A CIGANA DE NATAL — Maria Luiza de Queiroz 38

O GALO DE OURO — Rachel de Queiroz 100

ANOITECEU NA CHIARNECA — Emi Bulhões Carvalho da Fonseca 104

CINEMA

CINELANDIA — Pedro Lima 35

CINE-REVISTA — José Amadio 59

FIGURINOS

CALOR — Alceu Pena 131

ASSUNTOS FEMININOS

DA MULHER PARA A MULHER — Maria Teresa 132

ELEGANCIA E BELEZA — Elza Marzullo 133

LAR, DOCE LAR — Helena B. Sangrardi 133

Número avulso para todo o Brasil C\$ 4,00

Número avulso para Portugal e suas Colónias C\$ 6,50

Assinatura anual 900 registro móvel para o Brasil C\$ 490,00

TIRAGEM DO PRESENTE NUMERO PELA QUAL NOS RESPONSABILIZAMOS 300.000 exemplares

O CRUZEIRO

30 de Dezembro de 1950

— 3 —



## ANEXO D

CARROSSEL DO MUNDO – 06-01-1951

**OS SENHORES DO CRIME NOS ESTADOS UNIDOS**

WASHINGTON, via rádio – A decisão do Senador Kefauver, de investigar as atividades da “máfia” requer muito mais coragem do que se pensa. Essa investigação é perigosa não só do ponto de vista pessoal como do político, pois a Máfia tem muitos amigos e protetores em cargos muito elevados. É uma das histórias menos conhecidas a maneira pela qual um grupo de ítalo-americanos conseguiu dominar as maiores quadrilhas criminosas dos Estados Unidos. O Presidente Truman não tinha ideia do que se passava e provavelmente o seu cândido ajudante militar, o General Vaughan, de nada suspeitava, mas a verdade é que a Máfia pretendia ter influência na própria Casa Branca, por intermédio do recentemente falecido William Hellis, íntimo amigo e sócio de Frankie Costello. A Comissão de Despesas do Senado estava a ponto de descobrir tudo, por ocasião do inquérito Maragon-Vaughan, quando o Senador Hoey suspendeu suas atividades. A maneira pela qual a Máfia maneja os cordões nos altos círculos é demonstrada por Sylvestro Carolla, mão direita do chefe da organização em Nova Orleans, Marcello, e administrador da suas casas de jogo naquela cidade. O filho de Carolla, Anthony, é casado com uma sobrinha de Marcello, que chegou aos Estados Unidos em 1947, tendo vindo da Itália como turista e, apesar disso, ficando aqui. Carolla foi condenado em 1921 como contrabandista e esteve um ano e um dia na penitenciária federal de Atlanta. Foi condenado de novo em 1931 por violar a lei dos narcóticos e, outra vez, em 1933, por tentativa de homicídio. Foi, entretanto, perdoado pelo governador de Luisiana. Dois anos depois foi novamente condenado por violar outra vez a lei de narcóticos e, embora o deputado James Morrison, da Luisiana, procurasse ajuda-lo, apresentando até projetos de lei em favor dele, foi deportado em abril de 1947. Dois anos depois apareceu no México, exercendo atividades em Acapulco, às ordens do famoso Lucky Luciano. No dia 4 de julho último foi preso em Nova Orleans.

*A lista secreta da Máfia* – Eis aqui a lista inédita dos principais chefes da Máfia, poderosos senhores do crime nos Estados Unidos:

Frank Cappola, por alcunha “Três Dedos”. Preeminente na Máfia de Nova Orleans, estabeleceu-se depois em Kansas City. Foi deportado, mas regressou em meio de 1949. Estabeleceu o seu quartel general em Tijuana, no México, onde foi vê-lo, bem como a Carolla, o seu sócio de Kansas City, Charley Binaggio.

Sam Maceo, de Galveston. Até 1920 era um humilde barbeiro. Começou a fazer contrabando de bebidas e hoje é dono de cassinos, restaurantes e hotéis, sendo também força política no Estado do Texas.

Biagio Angélica, de Houston. É o lugar-tenente de Maceo. Em 1938 foi condenado a dez anos de prisão. Depois, foram-lhe impostas mais duas penas pelo mesmo delito.

Joe Di Giovanni, de Kansas City. Transferiu-se de Brooklyn para Kansas City e protege as suas atividades com um comércio e bebidas. A sua história criminal remonta a 1915 e abrange quase todos os delitos, inclusive homicídio... mas nunca foi condenado.

Joe Di Luca, também de Kansas City. Condenado como contrabandista de bebidas e narcóticos. Obteve livramento condicional graças à intervenção do ex-congressista Tuck Milligan.

Anthony Gizzo, de Kansas City. Grande amigo de Binaggio, que foi recentemente assassinado, foi preso pela primeira vez em janeiro de 1930.

Gaetano Lacoca, de Kansas City. Empresário de várias casas de jogo e de outras atividades ilegais.

Tony Lopiparo, de S. Luís, chefe da Máfia local e estreitamente ligado à de Kansas City. Foi várias vezes ao México, para encontrar-se com Carolla e Cappola. Depois de um atentado frustrado contra sua vida, foi finalmente assassinado em Lodi.

Frank Milano, de Akron. Estreitamente associado com os grupos terroristas de Chicago e Michigan. Foi também chefe de uma quadrilha de *gangsters* em Cheveland e exerceu atividades na capital do México. Os seus antecedentes criminais datam de 1913 e mostram duas acusações por homicídio e outras por falsificações. Mas nunca foi condenado.

Alphonso Polizzi, de Ohio e Florida. Uma das figuras mais poderosas do mundo criminoso norte-americano. Charles Vizzini, seu companheiro, possui um café de luxo em Coral Gables, na Flórida, e aparenta ser um negociante legítimo. Foi acusado de contrabando, falsificação e homicídio, mas também nunca foi condenado. Sem dúvida, há muitos outros desses indivíduos. A Comissão chefiada pelo Senador Kefauver já fez vários relatórios sobre as atividades da Máfia, mas poucas pessoas percebem a tremenda força dessa organização, cujo chefe geral é mencionado Lucky Luciano, deportado para a Itália, depois que o governador de New York, Dewey, por alguma estranha razão, o libertou de Sing Sing por ocasião da guerra. A Comissão de Kefauver anda a procura do “diário” de William Drury, um detetive de Chicago assassinado quando ia depor a mesma Comissão. Os senadores acreditam que encontrarão nesse “diário” as provas de que precisam para acusar alguns dos indivíduos mencionados. Alguns dias antes do assassinio de Drury, ouviram dizer que Harry Russell, conhecido jogador de Chicago e Miami, ia ser atacado. Mas na realidade a vítima escolhida era Drury. Havia, entretanto, uma interessante ligação entre os dois homens: Drury tentara convencer Russell a prestar depoimento também perante a comissão. Antes de Jack Bragna, o Al Capone da Califórnia, depor perante a Comissão, a polícia forneceu a esta cópia de uma conversa entre Bragna e Allan Smiley, que estava com Bugsy Siegel, quando este foi assassinado. Da conversa constava o seguinte trecho: “Vou a Chicago receber os 500 dólares semanais do “Illinois Sport News”. Do contrário muita gente vai arrepender-se...” Quando foi interrogado sobre isso, Bragna se manteve em silêncio. (O *Illinois Sport News* é a organização que dá informações sobre corridas de cavalos aos *bookmakers* clandestinos e paga aos elementos do crime para proteger-se.)

Outra informação curiosa foi prestada por Paul Ricca, de Chicago, que confessou que havia comprado um caminhão do seu bom amigo Charles Baran. Acontece que Ricca é um indivíduo de má reputação, ao passo que Baran é o homem que dirige os serviços de transporte da polícia de Chicago...

## QUEREM OS INGLESES A EVACUAÇÃO DA CORÉIA

Quando, nas recentes conversações anglo-americanas em Washington, se pediu ao Marechal Sir William Slim, chefe do Estado-Maior inglês, que externasse seu ponto de vista a respeito da situação militar em geral, declarou ele que as informações que o governo da Inglaterra possuía acerca da Coréia são mais escassas do que as que se tem em Washington, mas que parecia inútil manter sequer uma cabeça-de-ponte na Coréia.

O General Bradley havia informado que o avanço dos comunistas chineses era tão rápido que tornaria muito difícil a defesa de tal cabeça de praia e que as baixas dos quatro ou cinco dias anteriores excediam as que os Aliados haviam sofrido em qualquer período equivalente da Segunda Guerra Mundial.

Slim manifestou-se favorável à evacuação completa da Coréia, acentuando que o enorme esforço que seria preciso fazer para conservar a cabeça-de-praia dessangraria os países empenhados na luta. Além disso, seria exigido em seguida um esforço muito maior para libertar a Coréia, o que, de acordo com o ponto de vista inglês, só seria possível se ao mesmo tempo se pudesse reforçar a defesa da Europa Ocidental contra os russos.

Acrescentou que deveria ser abandonada qualquer ideia de invadir a Coréia depois da evacuação, pois a tarefa seria mais difícil ainda do que a invasão da Normandia. Nessas conversações não se mencionou a bomba atômica. Já se havia decidido no Pentágono, antes da visita do Primeiro-Ministro Attlea, que na Coréia não há alvos suficientes para aquela bomba. Também não se fez crítica alguma ao General MacArthur. O General Bradley tinha em consideração um plano de usar 25% dos aviões civis de quatro motores para enviar reforços para a Coréia. Mas esse plano foi abandonado quando se viu claramente que tais reforços seriam insuficientes para conter as hordas dos comunistas chineses. Entretanto, esses aviões seriam utilizados, caso fosse necessário, numa operação do tipo “Dunquerque” para evacuar o exército das Nações Unidas.

### A POSIÇÃO DE MACARTHUR

Os comentários a respeito do General MacArthur são o prato do dia entre os diplomatas de Washington, porque eles sabem da insistência com que Londres, Paris e outras capitais pediram que se estabelecesse uma zona neutra ao longo do Rio Yalu, na Coréia. Sabem também que o Departamento de Estado advertiu MacArthur repetidamente do perigo da intervenção chinesa.

“Como se pode, porém, destituir um General ilustre em tempo de guerra?”  
– perguntou um diplomata.

“Nós destituímos o Marechal Jofre na Primeira Guerra Mundial”, disse um francês. “E os ingleses destituíram o Marechal Kitchener.”

“E Lincoln destituiu muitos generais durante a Guerra Civil”, disse um americano. Destituiu McDowell depois da derrota de Bull Run; McClelland, duas vezes; Hooker, depois da derrota de Fredericksburgo, e Pope, depois da segunda batalha de Bull Run. Por fim, destituiu Meade, quando este se absteve de perseguir Lee depois da batalha de Gettysburg...Mas, quando um general conta com o apoio de um numeroso grupo de senadores, é provável que faça pouco caso de Washington indefinidamente...”

*(Exclusividade de O CRUZEIRO em todo Brasil)*

## ANEXO E

### CARROSSEL DO MUNDO 05-01-1952

#### EXPURGO DE MILITARES ARGENTINOS

WASHINGTON, via rádio – O que explica o “expurgo” de altos funcionários militares realizado pelo Presidente da Argentina Perón é a ameaça anterior do Exército de “expurgar” o próprio Perón, ameaça essa feita pouco antes da sua reeleição.

O ditador, agora, está tomando a sua vingança, esmagando toda a oposição e consolidando o seu regime. As próximas vítimas dos expurgos oficiais serão os partidos socialista e democráticos (conservador), que serão liquidados.

O candidato socialista à presidência, Alfredo Palacios, afastou-se da campanha quando o governo se negou a pôr em liberdade doze eminentes membros do seu partido que foram presos depois de fracassada revolução de 28 de setembro. Os conservadores não apresentaram candidatos às eleições e, dessa maneira, ambos os grupos podem ser legalmente dissolvidos.

Até altos oficiais que aparentemente permaneceram fiéis a Perón, entre eles o comandante em chefe do exército, General Angel Solari, foram varridos pelo amplo decreto de “reorganização”, baixado três dias depois das eleições de 11 de novembro.

O verdadeiro motivo do expurgo militar foi um ultimato que os chefes das forças armadas dirigiram a Perón no último dia 25 de outubro. Um grupo de dezesseis oficiais, que representavam o exército, a marinha e a força aérea, procurou o Presidente na sua residência particular, advertindo-o de que as eleições deveriam ser verdadeiras e não um simulacro. Desejavam os oficiais não só que não se exercesse qualquer coação como também que houvesse uma “liberdade razoável” para a oposição durante todo o resto da campanha eleitoral e que os votos fossem contados honestamente.

A exigência da liberdade na campanha era na realidade um gesto inútil, pois já se havia negado aos radicais o uso da imprensa, do rádio e dos outros meios de propaganda, não havendo os militares dito especificamente que isso teria de ser corrigido.

O contrário, disseram os oficiais, seria “uma intervenção mais ativa das forças armadas na vida política da nação”.

Era uma maneira de dizer a Perón que, se obtivesse a vitória por meio de métodos terroristas ou se não vencesse dentro das supostas condições de “liberdade”, os militares não continuariam a apoiá-lo.

Perón, indiscutivelmente certo do “estrandoso” triunfo que iria conseguir dezessete dias depois, adotou uma enganosa atitude conciliatória. Declarou aos oficiais que admirava o “desinteressado patriotismo” que sem dúvida inspirava as suas solicitações e que desejava que “a vontade do povo argentino se manifestasse livremente nas eleições”.

Mas agora a sua atitude é diferente.

Embora o General Solari e outros altos oficiais não estivessem entre os dezesseis que o visitaram a 25 de outubro, Perón se vingou severamente deles pelo que considerou “insubordinação”. E como foi o exército que tomou a iniciativa, o seu prestígio sofreu enormemente com isso em todo o país.

O mais significativo de tudo isso é que o fato marca a decisão final de Perón de entender-se exclusivamente com o seu controlado movimento operário. Anteriormente, o seu favor se dividia entre os operários e os militares. Mas, de agora em diante, os “descamisados” serão os preferidos.

Observadores competentes afirmam que o exército argentino cometeu o seu maior erro em não dar a devida atenção ao voto feminino. Sabe-se agora que oitenta

por cento das 3.400.000 mulheres argentinas que pela primeira vez participaram de uma eleição deram seu voto ao homem que lhes concedeu o direito de votar.

### O PRECEDENTE DE MALMEDY

A indignação que os militares norte-americanos sentem pelo massacre de cerca de seis mil soldados ocidentais na Coréia se estende para trás de um caso semelhante, o massacre de Malmedy.

Se os nazistas que assassinaram a sangue frio cento e cinquenta prisioneiros de guerra norte-americanos houvessem sido devidamente castigados, ao invés de serem apresentados ao público como vítimas inocentes pelo Senador McCarthy, é possível que se tivesse estabelecido um precedente que impediria a repetição desses atos brutais.

A sombria história do massacre de Malmedy, ocorrida durante a Batalha do Bolsão, e a campanha realizada no próprio Senado dos Estados Unidos para proteger os assassinos nazistas, é uma das mais vergonhosas dos últimos anos. Quarenta e três membros do batalhão nazista culpado das execuções foram condenados à morte, quando, subitamente, o Senador McCarthy requereu um inquérito, afirmando que os promotores norte-americanos haviam empregado torturas para obrigar os prisioneiros a confessar.

A Comissão das Forças Armadas do Senado nomeou então uma subcomissão, chefiada pelo Senador Ray Baldwin, para investigar a acusação. Efetuou-se uma série de audiências, durante as quais McCarthy, que não fazia parte da subcomissão, solicitou o direito de interrogar as testemunhas e ameaçou alguns oficiais norte-americanos como se eles, e não os nazistas, fossem os criminosos. Quando o Coronel Burton F. Ellis, chefe da promotoria durante o julgamento dos nazistas, se apresentou para depor, McCarthy o interrompeu mal ele principiara a falar.

Finalmente, o Senador Hunt, pouco dado a manifestações extravagantes, interveio dizendo: "Isto não é um tribunal: o que estamos procurando obter do declarante é um relatório sobre o que aconteceu para decidir se tudo foi processado de maneira correta".

"Não estou de acordo", replicou McCarthy. "Se as coisas são assim, estou perdendo meu tempo aqui".

Disse em seguida que Kenneth F. Ahrens, um dos poucos sobreviventes do massacre, estava "inflamando o público", quando afirmava que os nazistas se mostravam risonhos enquanto assassinavam cento e cinquenta norte-americanos. McCarthy chamou também de "cretinos" os juízes que condenaram os nazistas e pediu uma prova com o detector de mentiras para os oficiais americanos que haviam obtido as confissões dos nazistas. O Senador Baldwin, republicano como McCarthy, disse que se os oficiais americanos tivessem de submeter-se a tal humilhação, seria indispensável também fazer a mesma prova com os nazistas condenados, cuja palavra o Senador McCarthy aceitava sem maior discussão.

Finalmente, a subcomissão repetiu a proposta deste. McCarthy se retirou dizendo que a investigação era "uma vergonhosa farsa e tentativa deliberada de acobertar os militares norte-americanos".

### OS IRMÃOS TAFT

Os partidários do Senador Robert A. Taft, estão indignados com o irmão do Senador, Charles Taft, que acaba de lançar a sua candidatura a governador do estado de Ohio. Tãmanha é essa indignação que inscreveram o congressista George Bender, uma das colunas dos republicanos naquele estado, como candidato de oposição a Charles.

Há vários motivos para essa atitude em relação ao irmão mais novo do Senador Taft. Em primeiro lugar, é indiscutível que dois Taft na campanha política gerarão

confusão no espírito dos eleitores, fazendo crer ao público que uma família deseja dominar o estado de Ohio.

Em segundo lugar, Charles não tem sido um republicano regular. Foi amigo de Franklin Roosevelt, em quem votou várias vezes e a quem serviu, primeiro na Administração Federal de Segurança e, depois, no Departamento de Estado. Charles também enfrentou os republicanos regulares em Cincinnati, onde foi membro da prefeitura e ajudou a eleger um prefeito democrata, Albert Cash.

Finalmente, Charles recusou o cargo de embaixador junto ao Vaticano, que Truman lhe ofereceu, e como vem sendo há muito tempo presidente do Conselho Federal das Igrejas, uma forte organização protestante, isso poderá colocar os dois irmãos do lado protestante na renhida controvérsia atual sobre a nomeação de um embaixador para o Vaticano. Os católicos não se mostraram nada amistosos em relação a Taft, em consequência das táticas protestantes da sua campanha eleitoral do ano passado para senador contra Joe Ferguson.

É por isso que alguns dos principais dirigentes republicanos de Ohio, entre os quais Ed Schorr, ex presidente do comitê republicano do estado, e o congressista Clarence Brow, estão pensando em Bender como candidato republicano contra o membro menor da família Taft.

#### A CANDIDATURA DE IKE

Enquanto isso, o nome do General Eisenhower será inscrito pelos republicanos nas eleições primárias de New Hampshire, que se realizarão a 11 de janeiro próximo.

Isso é significativo porque em 1948 Ike pediu que o seu nome fosse retirado da lista eleitoral desse mesmo estado. Se permitir a sua inscrição agora, será inscrito como republicano...

*Exclusividade de O CRUZEIRO em todo o Brasil*

## ANEXO F

## CARROSSEL DO MUNDO 03-01-1953

**ACUSADO DE INCENDIÁRIO PELOS COMUNISTAS**

WASHINGTON, via rádio – Ainda que pareça incrível, o maior sucesso de livraria do outro lado da Cortina de Ferro é um livro a respeito de John Foster Dulles, o conselheiro mais destacado do General Eisenhower em assuntos internacionais e que foi nomeado Secretário de Estado para o Governo de Eisenhower. Esse livro é um romance intitulado “incendiário”, da autoria de Nicolau Spanov, do qual se venderam 800 mil exemplares. Foi traduzido para o húngaro, o tcheco e o rumaico. Os operários comunistas dos países satélites são obrigados a lê-lo, talvez para prepara-los desde já para o momento em que Dulles assuma a pasta do Estado.

O enredo trata de um banqueiro e bandido, chamado John Vandenheim, que é o administrador secreto de John Foster Dulles. Embora se trate de um romance, o nome de Dulles é empregado sem qualquer disfarce.

O livro atribui a Dulles e Vandenheim o incêndio do Reichstag, o assassinio do Rei Alexandre da Iugoslávia, as providências para a anexação da Áustria à Alemanha, assim como algumas intervenções na última guerra civil espanhola. O romance também apresenta Vandenheim pondo Dulles em contato com Herman Goering. Dulles é descrito como um indivíduo gordo, rechonchudo, cabeçudo e de nariz grande, o que é inexato. Diz que sempre tem as mãos úmidas porque está constantemente nervoso. Este livro é um dos instrumentos de propaganda mais diabólicos já utilizados do outro lado da Cortina de Ferro.

Os cartazes soviéticos mais recentes apresentam um banqueiro de chapéu de pelo e casaca, recolhendo ouro do sangue que goteja do corpo de uma coreana assassinada por soldados norte-americanos. O cartaz leva uma legenda que indica que o banqueiro é uma combinação de Dulles e Harriman.

## O NÚMERO DA SORTE

Elder Michaux, famoso evangelista negro, foi recentemente à Casa Branca para oferecer ao Presidente Truman a sétima de uma série de Bíblias impressas em russo, que a Associação Bíblica Americana está procurando introduzir de contrabando na União Soviética.

“Quando Truman chegou à vice-presidência”, comentou Michaux entre amigos, “lhe disse que seria Presidente, mas apenas durante sete anos”.

“Senhor Presidente, o seu número de sorte é o sete”, disse-lhe Michaux, “e, depois do senhor, o próximo presidente será o General Eisenhower”.

Segundo George Maines, o sete é também o número afortunado de Eisenhower. Este deu início à sua campanha no norte da África a 7 de novembro de 1943; Tunis caiu a 7 de maio do ano seguinte. Eisenhower retirou-se da chefia do estado-maior a 7 de fevereiro de 1948 e o dia da vitória na Europa foi 7 de maio de 1945. Se bem que o dia 7 de dezembro de 1941 não tenha sido feliz para os Estados Unidos, pois nesse dia se realizou o ataque japonês a Pearl Harbor, foi um dia que deu grande impulso a carreira militar de Eisenhower.

## AMIZADE VELHA NÃO MORRE

Só alguns íntimos de Eisenhower sabem que este repeliu uma sugestão para que pusesse o seu velho companheiro de armas, o General Bradley, em situação embaraçosa durante a recente campanha eleitoral.

Foi Eisenhower quem recomendou que Bradley seguisse as suas pegadas como chefe do estado-maior. Mas Bradley, embora tivesse o cuidado de calar a boca, se voltou contra o seu antigo companheiro de armas por haver feito capital político da campanha coreana. Bradley opinava que a estratégia militar não deveria confundir-se com a política. Naturalmente, a atitude de Bradley chegou aos ouvidos de Eisenhower.

A paixão política chegou ao seu ponto culminante quando o Senador Wayne Morse, o rebelde republicano do Oregon, revelou que Eisenhower havia recomendado em 1947 que as tropas americanas se retirasse da Coreia. Os conselheiros de Eisenhower, imediatamente, instaram com ele para que apresentasse uma recomendação secreta, feita por Bradley dois anos antes. Naquela época, 1949, Bradley recomendou também a retirada das tropas americanas da Coreia, quando os desígnios comunistas em relação àquele país eram mais evidentes do que quando Eisenhower fizera a recomendação em 1947.

Entretanto, este se negou a fazer uso do documento que colocaria seu amigo em situação difícil.

Eisenhower deu a entender que não substituirá o atual Estado-Maior Combinado enquanto os seus membros não houverem servido todo o tempo para o qual foram nomeados.

## REDUÇÃO DO ORÇAMENTO MILITAR

A proposta mais sensata até agora feita em relação à economia no governo é a de Styles Bridges, republicano de New Hampshire, para que se nomeie uma comissão que estude as despesas militares.

Trata-se de uma proposta sensata porque são na realidade os militares que determinam qual haverá de ser o seu orçamento e sempre é difícil que indivíduos interessados diminuam as suas despesas.

O público não percebe é que, ainda que as comissões do Congresso tomem as decisões relativas as verbas militares, é impossível que os congressistas, ocupados com cem assuntos mais, examinem detalhadamente um grosso volume de despesas militares, da grossura de um catálogo de telefones. Além disso, a maioria dos congressistas admite que não são peritos, não querendo adotar um critério diferente do dos militares, o que seria capaz de pôr em perigo a segurança nacional. O resultado é que se concede aos militares quase tudo o que pedem.

Em consequência, se produz um excesso nos pedidos e um desperdício de milhões de dólares, como demonstrou este articulista numa série de escritos no ano passado.

Entretanto, as principais economias no governo podem efetuar-se apenas na parte militar. O orçamento civil foi podado até onde era possível. Por isso, a proposta de Bridges para que se nomeie uma comissão civil a fim de estudar as despesas militares é auspiciosa para todo o país.

## ESPIÕES NORTE-AMERICANOS

Embora ainda não seja do conhecimento público, sabe-se que dois sargentos da Força aérea norte-americana foram surpreendidos quando tratavam de vender segredos militares aos comunistas na Coreia. Estão sujeitos por isso à pena de morte como traidores à Pátria.

Os dois sargentos trataram de vender informações por dinheiro a um indivíduo que supunham fosse um agente comunista. Entretanto, era um agente secreto da Força Aérea.

O incidente não é agradável, mas, desgraçadamente, essas coisas ocorrem às vezes em tempo de guerra.

## VÁRIAS NOTÍCIAS

O jovem Xá do Irã está tentando fazer planos de emergência para fugir de avião para a Suíça e, depois, para os Estados Unidos. O Xá está tão preocupado com a possibilidade de que os comunistas se apoderem do governo, que tem um avião da força aérea iraniana pronto noite e dia para sair do país.

Georgi Zarubin, o novo embaixador russo, está empreendendo uma campanha em grande escala para ganhar amigos e conseguir simpatias para a Rússia. Na recepção realizada recentemente na embaixada russa, para festejar com todo o luxo o aniversário do regime soviético, Zarubin saudou todos os convidados com um amplo sorriso. O que é mais incrível ainda é que consentiu em posar para os fotógrafos americanos para uma série de fotografias pilhéricas. Numa delas, aparece rodeado de quinze fotógrafos sob um retrato de Joseph Stálin.

---

A Repartição de Rendas Internas está muito interessada nas “quotas” impostas com fins políticos pela Associação Nacional dos Fabricantes. Os agentes encarregados das contribuições examinarão também a maneira pela qual determinadas companhias “emprestaram” espaço nos seus anúncios a candidatos políticos.

---

O General Walter Bedell Smith, antigo chefe do Estado-Maior de Eisenhower, é um dos poucos altos funcionários de Washington que sobreviverão à limpeza que os republicanos realizarão no governo. Eisenhower acredita que Bedell está realizando um trabalho magnífico como chefe da nossa rede de informação militar secreta e o conservará no cargo. Eisenhower sabe também que Bedell se negou a fazer declarações denunciando o Senador McCarthy durante a campanha, quando o senador de Wisconsin citou erroneamente as ideias do General em relação a Stevenson e o comunismo na Itália.

## UM CONGRESSISTA AMEAÇADO

A comissão da Câmara dos Representantes que investiga as atividades antiamericanas, sabe de um fato sensacional que ainda não foi revelado ao público. Um de seus membros mais destacados, o representante democrata Francis Walter, da Pensilvânia, recebeu duas ameaças de morte.

Pouco antes de Walter iniciar as diligências sobre as atividades subversivas em Los Angeles, em setembro passado, recebeu uma carta em que se lhe advertia que sua vida corria perigo. A carta dizia o seguinte: “Já prejudicou bastante aos inocentes na Califórnia. Se voltar aqui, sofrerá as consequências.” Walter entregou a carta as autoridades federais e foi para a Califórnia.

Em Chicago, recebeu uma advertência ainda mais brusca. “Se fizer mais alguma coisa”, disse-lhe pelo telefone uma voz que ele não pode identificar, “não sairá vivo desta cidade”.

*(Exclusividade de O CRUZEIRO em todo o Brasil)*

## ANEXO G

## CARROSSEL DO MUNDO 02-01-1954

**DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS PARA JULGAR**

WASHINGTON, via rádio – É lamentável que a Comissão de Inquérito sobre as Atividades Subversivas da Câmara tenha dois pesos e duas medidas para julgar comunistas. Lucille Ball, conhecidíssima artista de cinema e de televisão, protagonista, com seu esposo, o cubano Desi Arnaz, do programa “amo Lucy”, foi absolvida pelos congressistas que gostam de ficar sob as vistas do público, embora os seus antecedentes mostrassem que ela havia pertencido ao Comitê Central do Partido Comunista, organismo dirigente do Partido no Sul da Califórnia.

O forte apoio dos cigarros Philip Morris e do Columbia Broadcasting System foi tal, que Jackson, Deputado pela Califórnia, e outros membros da comissão, se sentiram na necessidade de explicar que a Sra. Ball era, na ocasião em que isso aconteceu, uma mocinha inexperiente que se limitara a obedecer ao avô, que lhe ordenava o comparecimento às reuniões comunistas.

Em contraste com isso, a mesma comissão colocou ante as câmaras de televisão vinte e dois obscuros professores de Filadélfia, sob a acusação de que em certa época de suas vidas haviam pertencido ao Partido Comunista. Eles e Sra. Ball estavam em condições idênticas no que diz respeito ao comunismo, com a diferença de que a Sra. Ball ocupou posição mais destacada e de que milhões de pessoas a contemplavam pela televisão todas as semanas, ao passo que os professores de Filadélfia só educam algumas centenas de jovens. Mas os mesmos foram demitidos ao passo que a Sra. Ball continua na televisão. Ela mudou de ideia em relação ao comunismo, e por isso lhe foi dada nova oportunidade. Creio que a maioria do público está satisfeita com o fato de que tenha sido perdoada. Mas, por outro lado, os vinte e dois professores de Filadélfia não o foram. Na realidade, não devem permanecer no Magistério se continuam a ser comunistas, mas se se arrependem e mudaram de ideologia, não há razão para que não sejam cidadãos úteis à coletividade, principalmente agora que sabem quanto o comunismo é nocivo.

**VOLTA-SE A FALAR NO AUMENTO DAS TARIFAS DE LÃ**

O Secretário da Agricultura, Ezra Benson, mudou consideravelmente de opinião a respeito do novo plano agrário. Embora ainda tenha que haver alterações até que se verifique a aprovação de Eisenhower, parece que Benson já está voltando ao antigo Plano Brannan, mas com nome diferente. Em outras palavras: os produtos agrícolas terão o apoio dos subsídios diretos.

A lã será, provavelmente, o primeiro artigo beneficiado com essa espécie de subsídios. Está-se travando nos bastidores um candente debate entre os membros do Governo de Eisenhower, relativamente ao aumento das tarifas de lã. Opõem-se ao aumento o Departamento de Estado e os assessores de Harold Stassen para operações administrativas no exterior, os quais alegam que um aumento de tarifas não seria absolutamente benéfico as relações americanas com os amigos australianos e neozelandeses, assim como o Uruguai, uma das ilhas de democracia que restam no sul da América Meridional.

Alegam que um subsídio à lã seria muito melhor que um aumento de tarifas. Em qualquer dos casos, quem pagará será o público americano.

Entretanto, nos casos de aumento de tarifas, o público paga mais. O pagamento de 60 milhões de dólares por ano de tarifas aumenta ao passar do importador ao

fabricante e deste ao atacadista e, mais tarde, ao retalhista, até chegar a um total de 240 milhões de dólares que será pago pelo público. Além disso, quanto mais alto for o preço da lã, será tanto mais provável que os fabricantes de Nova Inglaterra lancem mão de sucedâneos artificiais.

Por essa razão, o Governo de Eisenhower parece firmemente decido a favorecer com subsídios os produtores de lã. O que ainda está em dúvida é a maneira de pagamento.

O Senador Barrett, Deputado por Wyoming, propôs que se criasse um fundo com 70% do que for arrecadado nas tarifas de lã. Por esse fundo é que serão pagos os subsídios aos criadores de carneiros de Wyoming, Utah e do Extremo Oeste americano.

Entretanto, quando esse plano foi apresentado à Casa Branca, Eisenhower vetou qualquer utilização da arrecadação de tarifas para pagar subsídios. A razão foi que o pagamento por essa forma não obedeceria a lei alguma do Congresso e isso poderia trazer consequências prejudiciais.

O certo é que parece que o Governo se está inclinando para o Plano Brannan, que se baseava em que o preço de um produto agrícola procurava o seu nível natural e que o subsídio teria de limitar-se a cobrir a diferença entre o preço que tivesse e o menor que fosse normal no mercado. Dessa forma, o consumidor teria de pagar muito menos e o Governo economizaria o alto custo do armazenamento de cereais e manteiga.

## EM BENEFÍCIO DOS SATÉLITES

Um pequeno grupo de expatriados europeus começou sem algazarra, em cooperação com a Rádio Europa Livre, um dos planos mais importantes para libertar os países atrás da Cortina de Ferro.

Esses expatriados nos Estados Unidos já organizaram nove comissões – cada uma correspondente a um dos países satélites – para estudar a forma pela qual se possa conseguir a libertação dos mesmos, integrando-os na Europa Livre. Entre outras coisas, se está estudando a forma de assegurar o equilíbrio econômico desses países depois de levantada a Cortina de Ferro.

Muitos americanos não compreendem que países pequenos como a Polônia, a Tchecoslováquia, a Hungria, a Romênia, etc., não poderão existir economicamente, se se fizerem independentes. Na realidade, a sua união a Rússia tem a possibilidade de melhorar-lhes a situação econômica. O plano russo é semelhante ao do Império Austro-Húngaro, que uniu numa só grande entidade todos esses países.

Quando terminou a Primeira Guerra Mundial, o império se desfez e a Hungria, a Tchecoslováquia e outros países, ainda que conseguissem a independência política, perderam ao mesmo tempo a sua liberdade econômica. As barreiras alfandegárias, a concorrência industrial, as linhas ferroviárias que terminavam nas fronteiras, etc., contribuíram para lança-las no caminho da ruína. Por essa razão, Hitler pode devorar economicamente todos esses países indefesos. E por isso a Rússia pode devora-los depois de Hitler.

Hoje, esses povos desejam tanto a liberdade econômica quanto desejam a política. Embora tchecos, poloneses, húngaros, etc., não se sintam felizes sob o domínio russo, reconhecem que não poderiam sentir-se muito melhor andando por sua conta. Todos poderiam estar dentro em breve no caminho da falência. Necessitam, portanto, de uma união econômica semelhante à que tinham no tempo do império austro-húngaro, que lhes dê independência econômica e, ao mesmo tempo, lhes permita ter liberdade política. É essa ideia que há muito tempo Stefan Osuski, ex-Ministro da Tchecoslováquia na França, que vive expatriado nos Estados Unidos, vem procurando fazer compreender ao Governo americano. Por fim, apresentou seu plano a C. D. Jackson, vigilante assessor da Casa Branca no setor da guerra psicológica, que por sua vez estimulou a Comissão Nacional Pró-Europa Livre a que criasse as nove comissões nacionais.

Os países satélites que já tem essas comissões são: Albânia, Bulgária, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Polônia, Romênia e Tchecoslováquia. As diferentes

comissões estudarão tudo o que se referir à política, ao ferro e aço, aos transportes, à beneficência pública, à defesa, ao comércio entre o Ocidente e o Oriente e aos problemas operários.

A Voz dos Estados Unidos da América e a Rádio Europa Livre informaram, em suas transmissões aos países atrás da Cortina de Ferro, da organização dessas comissões, provocando importantes reações num momento em que os satélites já se mostraram intranquilos.

#### CONTENTANDO A DOIS GRUPOS

Os amigos íntimos do Presidente dizem que agora, mais do que nunca, o Presidente percebe a divisão que existe no Partido Republicano e sabe que tem de escolher entre ficar ao lado da extrema direita de isolacionistas, partidários dos impostos baixos e do orçamento equilibrado ou ao lado dos liberais antiisolacionistas, que acreditam que deve ajudar-se a Europa, manter altos impostos e dar alguma subvenção aos agricultores.

- O que está acontecendo com Eisenhower – disse um desses amigos – é o mesmo caso da dançarina linda que propôs casamento ao intelectual feio, dizendo-lhe: “Pense nos filhos que teremos com a minha beleza e a sua inteligência” e recebeu a resposta: “E se saírem com a minha feiura e a sua inteligência?” ... O Presidente está tentando agradar a ambas as alas do seu partido. O resultado é que não merece a simpatia de nenhuma. O produto foi uma criatura com aparência de Eisenhower e a inteligência da bailarina...

*(Exclusividade de O CRUZEIRO em todo o Brasil)*